

107. / *Regina Affonso*

*Mario Steing*

*12*

*2*

*95.*

A NORMALISTA

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



ADOLPHO CAMINHA

# A NORMALISTA

SEGUNDO MILHEIRO

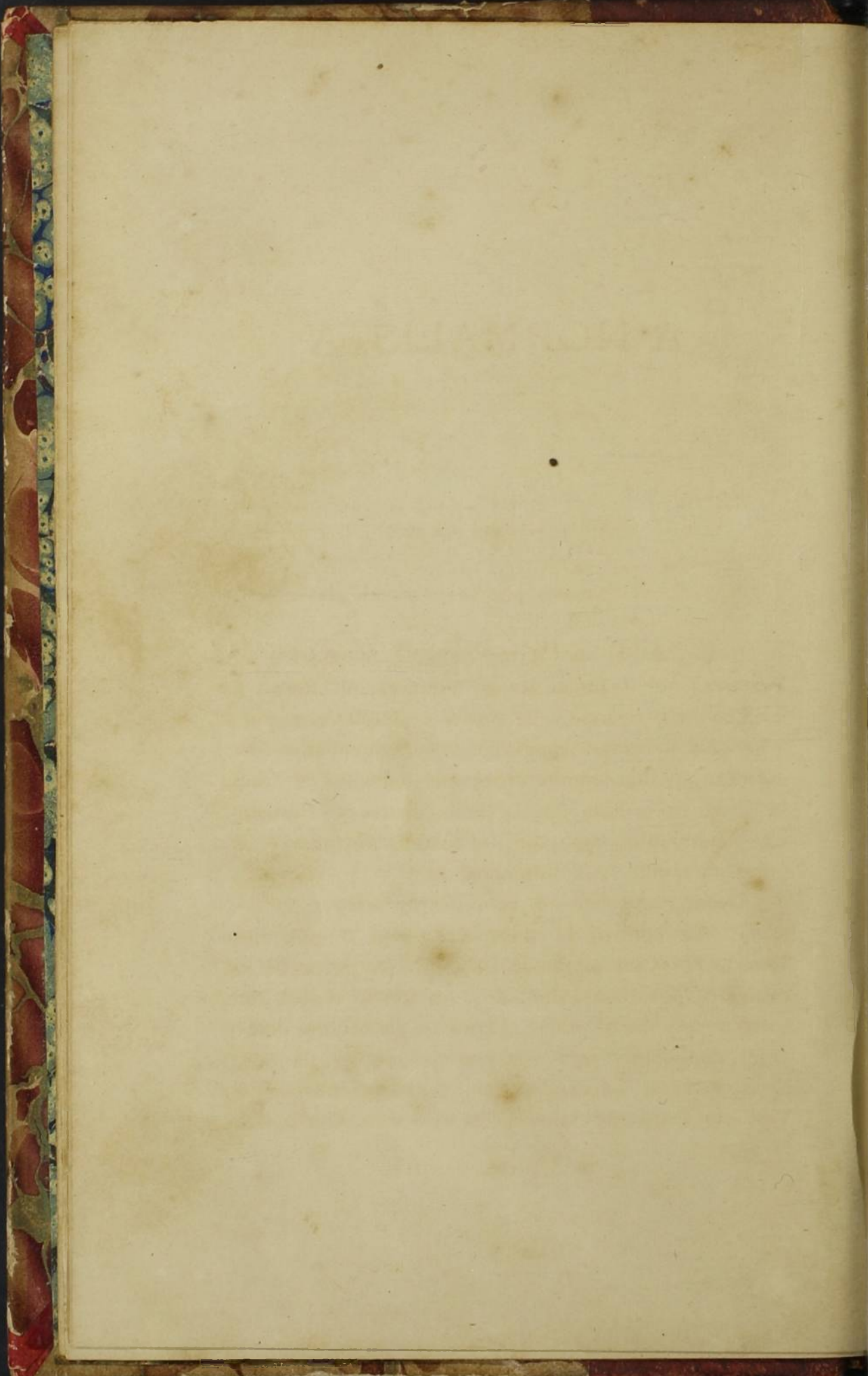


RIO DE JANEIRO  
Magalhães & C. — Editores  
3 e 5 Rua da Quitanda 3 e 5  
LIVRARIA MODERNA  
1893



Une des obligations auxquelles ne doit jamais manquer l'historien des mœurs, c'est de ne point gâter le vrai par des arrangements en apparence dramatiques, surtout quand le vrai a pris la peine de devenir romanesque.

H. DE BALSAC.— *La dernière incarnation de Vautrin.*



For  
Tribu  
fio, c  
motus  
se an  
Ere an  
poc  
Ne  
tunc  
cobeta  
condem  
corru  
talis, e  
arrata  
Vi...  
ta e...

# A NORMALISTA

---

## I

João Maciel da Matta Gadelha, conhecido em Fortaleza por João da Matta, habitava, ha annos, no Trilho, uma casinhola de porta e janella, côr d'açafrão, com a frente encardida pela fuligem das locomotivas que diariamente crusavam defronte, e donde se avistava a Estação da linha ferrea de Baturité. Era amanuense, amigado, e gostava de jogar o vispóra em familia aos domingos.

Nessa noite estavam reunidas as pessoas do costume. Ao centro da sala, em torno d'uma mesa coberta com um paño de xadrez, á luz parca de um candieiro de louça esfumado, em fórma d'abat-jour, corriam os olhos sobre as velhas collecções desbotadas, enquanto uma voz fina de mulher flauteava arrastando as syllabas numa cadencia morosa: — Vin...te e quatro! Sessen...ta e nove!...Cincoen...ta e seis!..

Havia um silencio morno e concentrado em que destacava o rolar abafado das pedras no saquinho de baeta verde.

A sala era estreita, sem tecto, chão de tijolo, com duas portas para o interior da casa, paredes escurridas pedindo uma caiação geral. Á direita, de frente da janella, dormia um velho piano de aspecto pobre, encimado por um espelho não menos gasto. O resto da mobilia compunha-se de algumas cadeiras, um sophá entre as duas portas do fundo, a mesa do centro, e uma especie de console, collocada á esquerda, onde pousavam dois jarros com flores artificiaes.

De onde em onde zunia o falsete do amanuense :  
— *Quadra!* Ou caçoava: — *Os annos de Christo!*...  
*Os oculos do Padre Eterno!*

Risadinhas explodiam a espaços, gostosas, indiscretas — uma pilheria ricocheteava nos quatro angulos da mesa.

— *É boa! É boa!* fazia João da Matta erguendo a cabeça, mostrando a dentuça.

Depois voltava o silencio, e a voz fina de mulher continuava a cantar os numeros solememente.

— *Vispora!* saltou de repente um rapazola d'oculos, bigodinho torcido, flôr na botocira do fraque de casimira clara.

Toda a gente o conhecia — era o Zuza, quintanista de direito, filho do coronel Souza Nunes.

— *Pódem conferir,* disse erguendo-se, risonho — segunda linha.

E estendeu o braço, passando o cartão para o amanuense.

— Não desmarquem, não desmarquem, recomendou este espalmando a mão. Póde ter sido engano. *Errare humanum est...*

Houve um ligeiro sussurro de vozes e de caroços rolando sobre a mesa com um surdo ruído de contas desfiadas. Todos desfizeram as marcações.

Numa das extremidades sentava-se João da Matta, de paletó de fazenda parda sobre a camisa de meia, costas para a rua.

À direita mexia-se uma senhora gorducha, de seus trinta annos, mettida num casaco frouxo de rendas, cabello penteado em cocó, estampa insinuante, bons dentes: era a mulher do amanuense, que passava por sua legitima esposa não obstante as insinuações malevolas da alcovitice villã que entrevira escandalos na vida privada de D. Therezinha. Comtudo, era tida em conta de excel'ente dona de casa, honèsta, dizendo-se relacionada com as principaes familias de Fortaleza.

Ninguem ousava mesmo dirigir-lhe um gracejo de máo gosto, uma pilheria calculada. Inventava-se—calumnias do populacho — que correspondia-se occultamente com o presidente da provincia. Ella, porém, gabava, batendo no peito com orgulho, que tinha uma vida limpa, graças a Deus; que isso de patifarias não lhe entrava em casa, não, mas era o mesmo. Estava ali o Janjão que não a deixava mentir.

Ao pé de D. Therezinha aprumava-se Maria do Carmo, afilhada de João, uma rapariga muito nova, com um bello arsinho de noviça, moreno-clara, olhos côr de azeitona, carnes rijas, e cuja attenção volvia-se insistentemente para o Zuza.

As outras pessoas eram tambem da intimidade : o Loureiro, guarda-livros da firma Carvalho & C.<sup>a</sup>, o Dr. Mendes, juiz municipal, mais a senhora, a Lydia Campello, filha da viuva Campello, e o estudante. As vezes ia mais gente e o vispora prolongava-se até meia noite.

João da Matta era um sujeito esgrouvinhado, esguio e alto, carão magro de tysico, com uma côr hepatica denunciando vicios de sangue, pouco cabello, oculos escuros através dos quaes boliam dois olhos miudos e vesgos. Usava pêra e bigode ralo cahindo sobre os beiços tezos como fios d'arame ; a testa ampla confundia-se com a meia calva reluzente. Falava depressa, com um sotaque abemolado, gesticulando bruscamente, e, quando ria, punha em evidencia a medonha dentuça postiça. Noutros tempos fôra mestre-escola no sertão da provincia, donde mudára-se para a capital por conveniencias particulares. Era então simplesmente o professor Gadelha, o terror dos estudantes de grammatica. O sertão foi lhe aborrecendo ; estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou más, fossem aqui-latadas com justiça. Estava-se perdendo, se inutilizando, fossilizando-se, por assim dizer, entre um vigario



seboso e pernostico e um delegado de policia ignorante: «—Não era uma aguia, um Abilio Borges, um Macedo... mas reconhecia que tambem não era burro. Até podia fazer figura em Fortaleza.»

E abalou com tanta felicidade que não tardou ser nomeado commissario de soccorros ao tempo da grande secca de 77, dois annos depois de sua chegada á capital. Desde logo tornou-se conhecido, suas façanhas corriam impressas nos pasquins domingueiros. D'uma feita escapou milagrosamente de ser preso por crime de defloramento numa menor, creada do Dr. Moraes e Silva; d'outra feita apanhou de rebenque na cara por haver calumniado um capitão d'infanteria propalando uma infamia. Toda a gente o conhecia muitissimo bem, por signal tinha uma cicatriz oblonga e funda na tempora esquerda, e não largava o mão vesu de roer o canto das unhas.

Depois da sêcca entregou-se de corpo e alma á politica, á intriguinha partidaria, á rabulice, á cabala eleitoral, á chicana. Toda a vez que se annunciava um pleito, punha em jogo as mil e uma subtilezas que só o seu espirito sagaz podia conceber. Ninguem como elle sabia copiar uma *chapa* em letra firme e apumada. Aquillo a penna cantava no papel que nem o lapis d'um tachygrapho. E que letra, que esplendido talhe! Dir-se-ia traçada a nankim, delicadamente, com a paciencia de um chinez. Ninguem como elle sabia tirar proveito d'uma victoria alcançada pelo partido. Discutia, falava alto, berrava.. impunha-se!

— Extraordinario homem! diziam os chefes politicos; d'estes é que nós precisamos, d'estes é que precisa o partido.

Mas João sabia vender caro seu peixe. Fazia politica por uma especie de ambição egoista, visando sempre tirar resultados positivos de suas artimanhas, embora com prejuizo de alguém.

Dinheiro é o que elle queria, não lhe fossem falar em politica sem interesse pessoal.

« — Historias, homem, historias! Isso de patriotismo é uma patranha, um rotulo falso! O que se quer é dinheiro, o santo dinheirinho, a mamata. Qual patria, qual nada! Patacoadas! » Elle, João, trabalhava, lá isso era innegavel: dava o seu voto, cabalava, servia de testa de ferro, mas... tivessem paciencia — era mão p'ra lá mão p'ra cá... Porque — argumentava — a politica é uma especulação torpe como outra qualquer, como a de comprar e vender couros de bode na praia, a mesmissima cousa; pois não é? P'ra tudo é preciso geito, muito geitinho...

Agora, porém, andava meio retrahido, dava o seu voto, calado, e — passe muito bem! — A politica só lhe trouxera desenganos e inimigos. Não estava mais para servir de degráo a figurão algum. Que se fomentassem! E' boa! Trabalhara que nem besta de carga para no fim de contas ganhar o que? Um pingue lugar de amanuense? Um miseravel emprego que se anda offerecendo ahi a qualquer vagabundo? Decididamente não o pilhavam mais para a canga...

Estava experimentado, meus senhores, experimentadíssimo.

E agora, com effeito, ninguem o via mais nas redacções, entre os jornalistas da terra, a esbravejar contra os adversarios, nem nos cafés, quanto mais em dia de eleição, sentado, como dantes, na sua cadeira de mesario, carrancudo, circumspecto, a contar votos, a lavar actas. Estava outro homem, completamente outro : amigo de casa, vivendo p'ra si, com poucas amizades, methodico, economico, ás voltas com a sua atrabilis chronica, sem ambições, sem dividas.

A sua grande paixão, o seu fraco era a Maria do Carmo, a menina de seus olhos, a afilhadinha ; queria um bem extraordinario á rapariga e tratava-a com um carinho languido de amante apaixonado no supremo gráo do amor incondicional. Creara-a desde pequena, era como si fosse pai, tinha direitos sobre ella ; podia mesmo beijal-a — sem malicia, já se deixar — nas faces, na testa, nos braços e até, porque não ? na bocca.

Ás vezes, quando Maria voltava da Escola Normal, elle mandava-a sentar-se na rede, a seu lado. A pequena guardava os livros e lá ia, sem fazer beijo, deitar-se com o padrinho, amarfanhando o rico vestidinho de cretone passado a ferro pela manhã. Obedecia-lhe cegamente, nunca lhe dissera uma palavra aspera ; ao contrario — eram carinhos, cafunés no alto da cabeça, cocegas, historias d'almas d'outro mundo e gracinhas p'ra elle rir... Tinha sempre um sorriso fresco e luminoso para « o seu padrinho ».

E João da Matta sentia um bem estar incomparavel, uma delicia, um goso ineffavel ante aquelle esplendido typo de cearense morena, olhos côr de azeitona onde boiava uma nevoa de ingenuidade, cabellos compridos descendo até a altura dos quadris, desmanchando-se em ondas de sêda finissima... Quantas vezes, quantas! punha-se, por traz dos grandes oculos escuros, a olhal-a como um patêta, sem que ella siquer percebesse a fixidez de seu olhar cheio de desejo!

Maria estava-se pondo moça, entrava nos seus quinze annos, e o padrinho a adoral-a cada vez mais!

João começou a inquisilar-se com as frequentes vizitas do Zuza. Por fim notara certas tendencias do estudante para a pequena, certo quebrar d'olhos, uma como insistencia atrevida em dizer as cousas por metaphoras... Isso o incommodava, punha-lhe pruridos na calva, enraivecia-o. Quanto ao Loureiro não havia risco, o guarda-livros estava para casar com a Campellino, era um rapaz serio. Mas o senhor Zuza?... Ali andava namoro, apostava. Tinha idéa de ter lido na *Provincia* uns versos dedicados a *M. C.* e assignados por *Z\*\*\**. Naquella noite, scbretudo, pareceu-lhe ver o mariola passar uma carta, um papel á Maria. Bôas! Era preciso pôr um termo ao descaramento, sob pena de elle, João, desmoralisar-se no conceito da gente seria. Lá por ser filho do Sr. coronel não fosse pensar que faria o que entendesse. Alto lá! Tudo menos patifaria dentro de sua casa.

E, enquanto ia enchendo os cartões automaticamente, sem olhar para os numeros, pensava em Maria do Carmo, mordendo com desespero as guias do bigodão.

Quando o Zuza, todo gabola e amaneirado, vermelho do calor da luz, gritou — *vispora!* numa voz triumphante e clara, João esteve quasi atirando-lhe com o cartão. Vieram-lhe desejos immoderados de estourar, de dar escandalo, tremulo, nervoso, a semicalva reluzente de suor.

— Sim senhor, disse seccamente devolvendo o cartão. Vamos á ultima....

E o jogo continuou. Fez-se novo silencio. Agora era o Zuza, o futuro bacharel que *cantava* pausadamente, tirando as pedras com a ponta dos dedos e collocando-as devagar, cauteloso.

Davam nove horas na Sé quando todos se ergueram. A Campellino supplicou mais uma partida, o Loureiro tambem foi de opinião que se jogasse ainda uma vez, todos, emfim, desejavam continuar, mas João da Matta oppoz-se tenazmente: que era tarde, tinha muito que escrever.

— Uma só, meu padrinho, rogou Maria do Carmo tomando-lhe as duas mãos e fitando-o com os seus magnificos olhos côr de azeitona.

O amanuense estremeceu. Agora era a propria afilhada, a Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo que lhe pedia com um sorriso extraordinario que jogassem! E na

sua imaginação accentuava-se a suspeita do namoro com o estudante.

Curvou-se e proferio um palavrão ao ouvido da rapariga. Estava desesperado, não se continha.

— Não senhora, por hoje basta de vispora!

— !

Todos admiraram a subita mudança na sua physionomia a principio tão alegre.

A mulher do Dr. Mendes, muito affectada, acovelou o marido e despediu-se « até a primeira vista.»

Zuza foi o ultimo a retirar-se, fitando em Maria um olhar embebido de ternura.

A noite estava muito escura e calma. As estrellas tinham um brilho particular, altas, minusculas como cabeças d'alfinete em papel de seda escuro. Ouvia-se distinctamente, como por um tubo acustico, a toada dos soldados resando á *Virgem da Conceição* no quartel de linha e o marulhar da praia, distante. A rua do Trilho, deserta, com a sua illuminação incompleta, naquelles confins da cidade, parecia um tunel subterraneo. Fazia medo transitar ali a deshoras.

Assim que se foram os *habitués* do vispora, João da Matta desabafou:— « Uma patifaria! O Sr. Zuza pretendia sem duvida abusar da sua confiança, plantar a desordem no seio da familia, mas estava muito enganado. Ali era casa de gente pobre e honesta. Estava muito enganadinho, seu pelintra! »

— Mas eu sei quem é a culpada, accrescentou urioso, a culpada é a Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo, por que atreve-se a olhar para elle!

Aquillo não podia continuar, o Sr. Zuza não lhe punha mais os pés em casa sob pretexto algum. Não se portava serio? Pois então — fóra! p'ra rua!

Estavam fazendo de sua casa um alcouce! A Sr.<sup>a</sup> D. Lydia vinha namorar o outro ás suas barbas; já uma vez cahira-lhe porta dentro uma immundicie de carta anonyma denunciando certos abusos...

E colerico, soprando o bigode, sacudindo os braços, esmurrando a mesa, berrava, com os olhos na alcova onde sumira-se D. Therezinha.

Maria desaparecera pelo corredor e chorava debruçada sobre a mesa de jantar, onde ardia uma vela de carnaúba.

— Que sujeito! gania o amanuense. Pensa elle que não tem mais do que enfronhar-se num fato de casimira clara, com uma flôr no peito, com modos de safardana, e zás! plantar-se na pequena, mas está muito enganado! Aqui estou eu (e batia com força no peito ossudo) para impedir escandalos em minha casa!

Debalde D. Therezinha aconselhava, afflicta, que não dêsse escandalo, que fosse dormir.—«As paredes têm ouvidos, dizia ella dentro da alcova. O moço era filho de gente graúda, e elle, Janjão, um simples empregado publico. Tivesse modos. Si houvesse má intenção por parte do Zuza, ella, Tété, seria a primeira a não consentir que elle pisasse o chão de sua casa. Mas, não senhor, a gente deve pensar antes de fazer as cousas. P'ra que todo aquelle espalhafato, porque semelhante barulho?»

João da Matta, porém, estava fóra de si, tinha a cabeça a arder como uma braza. Seu temperamento excessivamente irritavel expandia-se com desespero ao mesmo tempo que seu coração de homem gasto sentia pela primeira vez um quer que era, uma agonia, uma suffocação ante a possibilidade de um namoro entre o estudante e a afillhada. Não era precisamente receio de que o Zuza pudesse illudir a rapariga deshonrando-a e atirando-a p'r'ahi ao desprezo; era uma como revolta do instincto, uma especie de egoismo animal que o torturava, accendendo-lhe todas as coleras, dominando-o, como se Maria fosse propriedade sua, exclusivamente sua por direito inalienavel. Via-a cahida pelo academico, toda voltada para elle, amando-o talvez, preferindo-o a todos os outros homens, entregando-se-lhe. E o que seria d'elle João, depois? Nem mais uma beijoca na boquinha rubra e pequenina, nem mais um abraço ao voltar da escola, cansadinha, o rosto afogueado pelo calor; nem mais uns cafunés, nem um sorriso daquelles que ella sempre tinha para o padrinho .. Isto é que o desesperava!

Desde a sahida de Maria do collegio das Irmãs de Caridade tinha se operado uma mudança admiravel nos habitos de João da Matta. Ella já não era para elle como uma filha; estava quasi moça, incomparavelmente mais bonita e fornida de carnes. Já não era, que esperança! aquella Maria do Carmo da *Immaculada Conceição*, toda santidade, magrinha, com uma côr esbranquiçada e morbida de cêra velha, o olhar ma-



cilento, a falar sempre no padre reitor e na Superiora e na Irmã Philomena e noutras pieguices. Uma tontinha a Maria naquelle tempo. Quando ia passar o domingo em casa, uma vez no mez, mettia-se para os fundos do quintal ou pelas camarinhas, muito calada, muito sensa, a ler a *Imitação*; não chegava á janella, não apparecia ás visitas, douda por voltar ao collegio. Aquillo punha o padrinho de máo humor. Uma cousa assim fazia até vergonha a elle que detestava tudo quanto cheirasse a sacristia. Porque João da Matta dizia-se pensador livre; não acreditava em santos, e maldizia os padres. Jesus, na sua opinião, era uma especie de mytho, uma como legenda mystica sem utilidade pratica. Isso de collegios internos a guisa de conventos não se accommodava com o seu temperamento. Tambem fôra professor, olé! e sabia muito bem o que isso era — «um coito de patifarias.» Queria a educação como nos collegios da Europa, segundo vira em certo pedagogista, onde as meninas desenvolvem-se physica e moralmente como a rapasiada de calças, com uma rapidez admiravel, tornando-se por fim excellentes mães de familia, perfeitas donas de casa, sem a intervenção inquisitorial da Irmã de Caridade. Não comprehendia (tacanhez d'espírito embora) como podesse instruir-se na pratica indispensavel da vida social uma creatura educada a toques de sineta, no silencio e na semsaboria d'uma casa conventual, entre paredes sombrias, com quadros allegoricos das *almas do purgatorio* e das *penas do inferno*; com o mais lamentavel desprezo

de todas as prescripções hygienicas, sem ar nem luz, rezando noite e dia — *ora pro nobis, ora pro nobis*... Era da opinião do José Pereira da *Provincia*: Irmãs de Caridade foram feitas para hospitaes. O diabo é que no Ceará não havia collegios sérios. A instrucção publica estava reduzida a meia duzia de conventillos: uma calamidade peor que a sêcca. O menino ou menina sahia da escola sabendo menos que dantes e mais instruido em habitos vergonhosos. As melhores familias sacudiam as filhas na *Immaculada Conceição* como unico recurso para não vel-as completamente ignorantes e pervertidas. Afinal, para não contrariar o Mendonça que queria a filha para santa, metteria Maria do Carmo no « convento. »

D. Therezinha participava das mesmas idéas do Janjão: Uma menina intelligente como Maria devia educar-se no Rio de Janeiro ou num collegio particular, mas um collegio onde ella podesse aprender o « traquejo social. » Póde ser que as Irmãs sejam umas mulheres virtuosissimas e castas, mas, filha sua não punha os pés em collegio de freiras...

João da Matta detestava a padraria. Dava-se apenas com um padre, o conego Feitosa, porque, dizia elle, era um sacerdote sem hypocrisia, um padre como elle entendia que deviam ser todos os padres, asseiado, inimigo da batina, com *afilhadas* em casa... E porque não? Os padres são physicamente (e sublinhava a palavra) anatomicamente, physiologicamente homens como os outros: têm coração, órgãos sexuaes, nervos como os outros homens. Portanto as-

siste-lhes o mesmíssimo direito de procreação, direito natural e até consagrado pela Escriptura. O contrario é contrafazer a natureza humana que, afinal, não obedece a preceitos de castidade. D'ahi, concluia João, d'ahi o desregramento das classes religiosas condemnadas a eterno celibato. O proprio Christo dissera numa parabola cheia de senso e de experiencia: « Crescei e multiplicai-vos. »

« Por amor de Deus » não lhe falassem em padres. A educação moderna, a educação livre, sem intervenção da batina — eis o que elle queria e apregoava alto e bom som.

Havia mezes que Maria do Carmo cursava a Escola Normal. Sua vida agora traduzia-se em ler romances que pedia emprestados a Lydia, toda preocupada com bailes, passeios, modas e *tutti quanti*... Ia á Escola todos os dias vestidinha com simplicidade, muito limpa, mangas curtas evidenciando o meio braço moreno e roliço, em cabello, o guarda sol de seda na mão, por ali fóra — toc, toc, toc — até á praça do Patrocinio, como uma grande senhora independente.

Agora, sim, pensava o amanuense, Maria estava uma mocetona digna de figurar em qualquer salão aristocratico.

A fama da normalista encheu depressa toda a capital. Não se comprehendia como uma simples *retirante* sahida ha pouco das Irmãs de Caridade fosse tão bem feita de corpo, tão deseavolta e insinuante. As outras normalistas tinham-lhe inveja e faziam-lhe

pirraças. Nas reuniões do *Club Iracema* era ella a preferida dos rapazes, todos a procuravam.

João da Matta inflava. Certo não a entregaria por preço algum a qualquer rapazola como o filho do coronel Souza Nunes.

Entretanto o Zuza era um rapaz da moda. Montava a cavallo, fazia versos, assignava a *Gazeta Juridica*, frequentava o palacio do presidente...

João conhecera-o uma noite no baile do Dr. Castro. Havia mezes que se achava em Fortaleza estudando o quinto anno de direito e gozando a sua fama de rapaz rico. Às seis horas da tarde já lá estava elle, no Trilho, em casa do amanuense, queixando-se da monotonia da vida cearense e gabando, com ares de fidalgo, a capital de Pernambuco. Ali, sim, a gente pôde viver, pôde gozar. Muito progresso, muito divertimento: corridas de cavallos, uma sociedade papa fina muitissimo bem educada, magnificos arrabaldes, certo bom gosto nas *toilettes*, nos costumes, certas commodidades que ainda não havia no Ceará...

—Ao que parece o Sr. Zuza não gosta do Ceará... disse-lhe um dia D. Therezinha.

—Absolutamente não, minha senhora. Sou meio exigente em materia de civilisação; isto me parece ainda uma terra de bugres...

—De bugres?!

—... Sim, uma terra em que só se fala nas sêccas e no preço da carne verde, V. Ex.<sup>a</sup> comprehendendo, não pôde corresponder á espectativa d'um

rapaz de certa ordem, por assim dizer educado na Veneza Americana...

— D'este modo o Sr. Zuza offende os seus conterraneos, os seus parentes...

— Absolutamente não.

O que dizia é que o Recife está em plano muito superior a Fortaleza. Apenas estabelecia um parallelo.

João da Matta achava o pedante, desequilibrado, tólo. « — Não, o Sr. Zuza não lhe punha mais os pés em casa por forma alguma ! » bradava naquella noite.

Maria continuava a chorar lá dentro, na sala de jantar, inconsolavel, triste, com um grande desgosto nalma. De repente ouviu a voz do padrinho que a chamava. Ergueu-se com um movimento brusco e rapido, o lenço nos olhos, soluçando devagar.

João quiz saber onde estava « a carta que o Zuza lhe havia entregue ». Botasse-a p'r'ali, já !

Tremula, abafando a colera que lhe opprimia a respiração, Maria não podia falar.

— Vamos, vamos !

— Não tenho carta alguma, disse num accento doloroso.

João da Matta sentio atear-se-lhe o fogo da concupiscencia. Teve impetos de tomar entre as mãos a cabeça da afilhada e beijal-a, beijal-a soffregamente, com a furia de um selvagem, no pescoço, na bocca, nos olhos.. impetos de beijal-a toda inteira, como

um doido. Maria dominava-o, fazia-lhe perder a tramontana.

— Então aquelle bandido não lhe entregou uma carta por debaixo da mesa, no vispora? Entregou, sim senhora, dê-m'a!

— Não senhor, não me entregou cousa alguma, tornou a normalista, sem levantar a cabeça, fungando.

Estavam em frente um do outro, ao pé da mesa. As portas da sala já tinham-se fechado; elle com o paletó aberto mostrando a camisa de meia côr de carne, o olhar fixo em Maria; ella com o seu vestidinho claro de chita, cabellos penteados numa trança, açaçapada, submissa ante a colera rude do padrinho.

— Pois bem, concluiu este moderando a voz. Tome sentido: vocemecê não me apparece mais áquelle cabrocha, está ouvindo?

E depois d'uma pausa, com ternura:

— Vá dormir, ande...

Soprou o gaz e foi deitar-se com a mulher, na alcova.

— Pois não achas, Teté, dizia elle, em camisa de dormir, aconchegado á D. Therezinha, na larga cama de jacarandá; não achas que é um desafôro aquelle patife vir a nossa casa para namorar?

— Não, que tollice! O Zuza até é um rapaz serio... Vem, coitado, por que nos estima...

— E' bôa! fez João. Então vem, porque nos estima, hein? Esta cá me fica, Sra. D. Teté, esta cá me fica!

— Homem, trate das suas hemorroidas que é melhor...

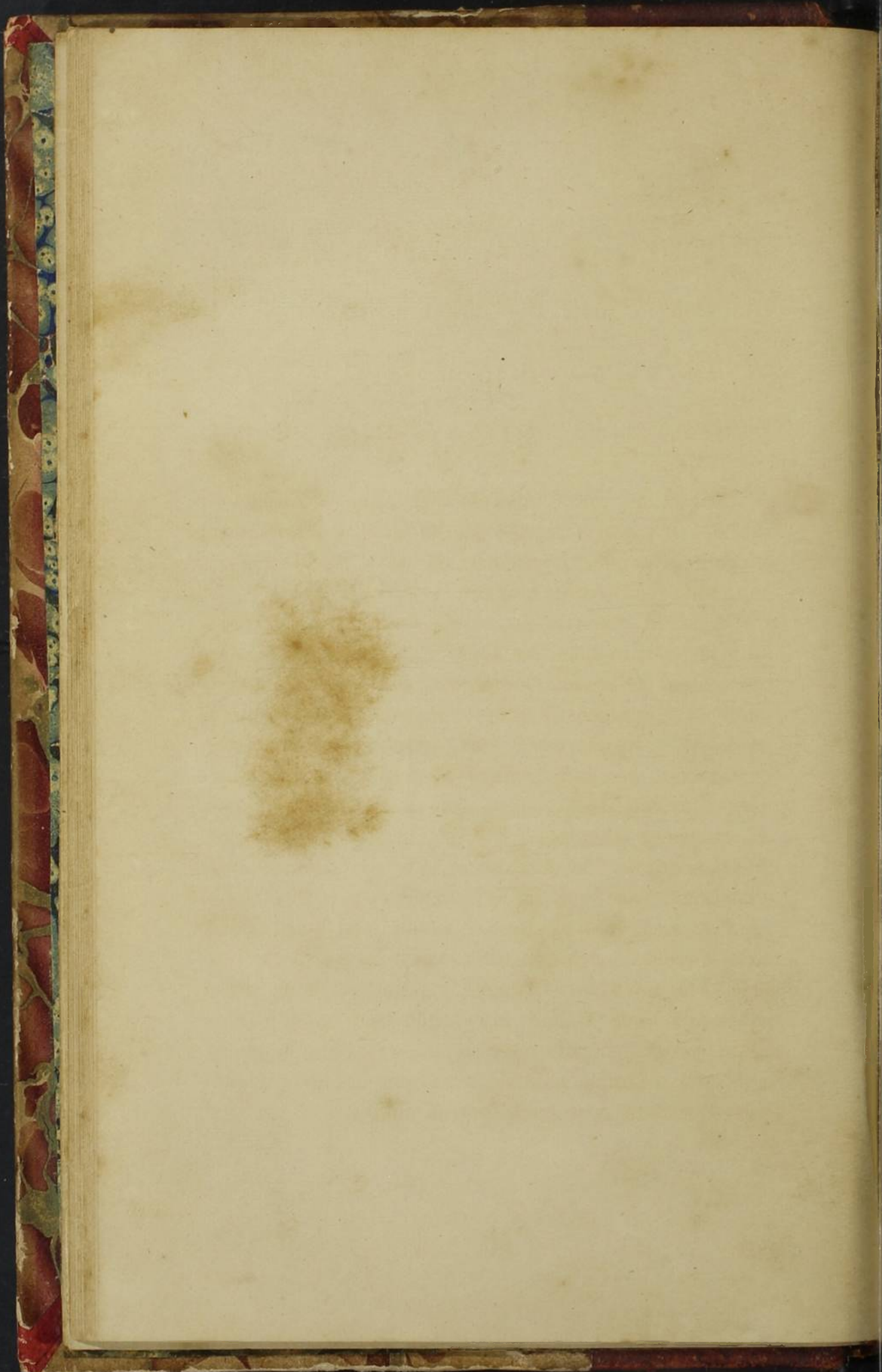
— Ora, sabe que mais? Você é outra!

E deram-se as costas fazendo ranger a cama.

Com pouco ambos roncavam no discreto silencio da alcova.

Sobre a commoda, ao pé do oratorio, ardia uma lamparina de azeite.

---





## II

Foi numa tarde infinitamente calma de Dezembro de 1877 que o capitão Bernardino de Mendonça chegou a Fortaleza, pela estrada nova de Mecejana, depois de penosissima viagem.

A sêcca dizimava populações inteiras no sertão. Famílias succumbiam de fome e de peste, castigadas por um sol de brasa. Centenares de foragidos, arrastando os esqueletos semi-nús, crusavam-se dia e noite no areial incandescente dos caminhos — abantesmas da desgraça gemendo preces ao Deus dos christãos, numa voz rouquenha, quasi soluçada. Era um horror de miserias e afflições.

Bernardino de Mendonça foi dos ultimos que abalaram do interior da provincia para o littoral na pista de soccorros publicos. Totalmente desilludido, quasi arruinado, vendo todos os dias passarem por sua porta, em Campo Alegre, magotes de emigrantes andrajosos que batiam do sertão num exodo pungente, acossados pela necessidade, resolvera tambem ir-se com a familia para Forteza, embora mais tarde fosse obrigado a procurar outros climas.

Era homem sadio, vigoroso, excessivamente trabalhador e dedicado. Contava a esse tempo quarenta annos, nada mais nada menos, e dizia com soberba, gabando o peito rijo, não se trocar por muito rapazola pimpão que ahi vive nas cidades grandes cahindo de tedio e preguiça, cheio de vicios secretos. Corria-lhe nas veias largas e azues de matuto intelligente puro e abundante sangue portuguez. Nunca soffrera a mais leve dôr de cabeça. Conhecia a syphilis por ouvir falar. Casara muito moço, imberbe ainda, aos dezeseis annos, com uma prima colateral, D. Eulalia de Mendonça Furtado, d'uma familia de Furtados da Telha. Até então só tivera tres filhos, um dos quaes, o mais velho, chamado Lourenço, fôra recrutado para o exercito por peralta incorregivel. Outro, o Casimiro, mais rudo e tambem mais obediente, vivia com os paes, era mesmo o vaqueiro de Mendonça que descobrira nelle especial vocação para esse inglorio trabalho de andar atraz das boiadas — ecô! ecô! — mettido em couros, chapinhando açudes e lagôas, galopando á brida solta nas varseas, ao ar fresco das manhãs do norte, identificado, por assim dizer, com o mugir nostalgico e penoso do gado. Desde menino, o pae acostumara-o á vida alegre do campo, e agora ahi vinha tambem, Deus o sabe, triste e apprehensivo, caminho da capital cearense, no seu pedrez choutão, escanchado entre dois grandes alforçes de farinha e carne salgada.

Por ultimo nascêra Maria do Carmo, o ultimo filho de Mendonça, a *caçula*. Em 1877 completava

seis annos, e, para felicidade dos paes, era uma creança verdadeiramente encantadora, com o seu arsinho ingenuo e meigo de sertaneja. A côr, os olhos, os dentes, o cabello — tudo nella era um encanto : olhos puxando para negros, dentes miudinhos e d'uma brancura d'algodão em rama, cabellos negros e luzidios como a aza da graúna — moreno-clara. Crescia sem outra educação a não ser a que lhe davam os paes, de modo que, naquella idade, mal soletrava a *Doutrina Christã*.

Mendonça abalara de Campo Alegre quando de todo lhe tinham fugido as esperanças d'inverno seguro, depois de ter visto estrebuxar a ultima rez no solo duro e esteril.

Todas as tardes, invariavelmente, da janella que dizia para o poente, ou em pé na varanda, consultava o tempo, os horisontes côr de cinza, o céu d'um azul diaphano de saphyra, procurando bispar na inclemencia da athmosphera immovel a sombra fresca duma nuvem, um indicio qualquer de chuva.

Surprehendia ás vezes, crivando a transparencia do ar, revoadas d'aves de arribação. Recolhia-se animado. Mas os dias passavam quentes e sêccos.

Outras vezes, á noitinha, clarões rapidos e lividos abriam-se no poente como reflexos de luz electrica ; ouvia-se rolar a trovoada muito ao longe. Mendonça punha-se a escutar calado, sentia um como arrepio bom, e lá tornava a illudir-se alimentando, toda uma noite, a doce esperança de vêr pela manhã o solo humido e a rama brotando verde e pujante da « for-

nalha ». Mas qual ! As manhãs succediam-se cada vez mais tepidas, sem pinga d'agua, uma aragem leve, de cemiterio, arrepiando a folhagem do arvoredos. Um céu muito alto, varrido, monotono, indecifavel como um dogma.

E pouco a pouco aquelle estado de cousas foi actuando forte no espirito do sertanejo, como as vibrações d'um clarim que dá signal de marcha ; pouco a pouco foi-se convencendo de que aquillo era uma situação impossivel em que elle não devia absolutamente permanecer.

Os açudes estorricavam mostrando os leitões gretados pelo sol, duros como pedra ; juritys encandeadas iam espapaçar offegantes no chão, defronte da casa, cascaveis chocalhavam no alpendre, occultas, invisiveis, e todas as cousas tinham um aspecto desolado e lugubre que se communicava ás creaturas.

Passava gente todo santo dia, a pé, de trouxa ao hombro, arrastando-se pesadamente.

Uma vez elle proprio, Mendonça, vira de perto a agonia lenta d'uma mulher asphixiada pela elephantiasis—pernas inchadas, ventre inchado, rosto inchado—horriavel!

Decididamente era tempo de arrumar tambem «os seus cacos» e—adeus Campo Alegre, adeus carnaúbaes rumorejantes, adeus igrejinha branca ! Ir-se-ia fazer pela vida em qualquer parte, em Fortaleza onde felizmente contava amigos politicos, coreligionarios dedicados que certamente lhe não recusariam uma acha de lenha, uma pouca d'agua fresca, um punhado de

farinha... Demais era homem, graças a Deus, forte como um novillo, tinha sangue nas veias—trabalharia!

Ao mesmo tempo lembrava-se da «sua velha», da Eulalia, que andava adoentada, com umas pontadas no coração, muito fraca e cuja natureza talvez não resistisse ás fadigas d'uma viagem longa; pensava em Maria do Carmo, sua filha querida, a menina de seus olhos, tão nova ainda, e punha-se a meditar nos horrores da secca, nas febres de máo character, na quasi absoluta falta d'agua, com um desalento a aniquilar-lhe as forças, a dobrar-lhe a altivez de forte. Depois tornava ao mesmo fio de ideias: não, aquelle inferno do sertão, com um raio de tempo medonho seria talvez peor, seria a sua desgraça. De si para si media, calculava meticulosamente toda a gravidade da situação a que chegara. Não havia outro recurso, outro geito senão marchar para a capital, para onde quer que fosse, como tantos outros infelizes empolgados pela miseria. Iria, que remedio? bater á porta d'um amigo, d'um correligionario, dum christão. Lembrou-se então do «compadre João da Matta», padrinho de Maria.

Muito bem: iria ao compadre.

Arribaram de manhã, muito cedo, ao romper d'alva. Os cavallos, magros e ruins, romperam num trote miudo. Ao passarem defronte da igrejinha do povoado, um pobre nicho todo fechado, com as suas janellinhas por pintar, solitario como uma cousa inutil, D. Eulalia fez uma oração, e os outros, Mendonça e Casimiro, descobriram-se com respeito.

Havia oito annos que isto fôra...

Enfiaram por uma estrada de areia que prolongava-se indefinidamente, torcendo-se e retorcendo-se em zig-zags, occultando-se aqui para brilhar lá adiante, por cima da floresta immovel, como uma enorme serpente amarella dormindo ao sol...

As pisadas dos animaes abafavam-se na areia, e a pequena caravana sumia-se na distancia...

Ao cabo de doze longos dias em que paravam para repousar á sombra d'alguma arvore que ainda verdejava ou nalguma palhoça abandonada, avistaram o campanario branco e alegre do Coração de Jesus, direito e esguio como o minarete de um templo musulmano, destacando na meia sombra crepuscular, esbatido pela irradiação do sol que tombava glorioso ao fundo da tarde pardacenta.

Morria no ar calmo o dobre melancolico de um sino...

Fluctuava um cheiro vago de cousas pôdres. Para as bandas do Pagehú ardiam restos de fogueiras a extinguir-se.

Uma tarde infinitamente calma, essa...

Havia oito annos que isto fôra, mas nos seus momentos de desanimo, Maria do Carmo punha-se a relembrar toda essa tragedia de sua infancia. Olhava para o passado com a alma cheia de saudade, recordando, tim-tim por tim-tim, como se estivesse lendo num livro, ninharias, minudencias de sua vida naquelles tempos em que ella, pobre e matutinha, via tudo côr de rosa atravéz do prisma limpido e inma-

culado de sua meninice. Transportava-se, num vôo da imaginação, a Campo Alegre, e via-se, como por um oculo de ver ao longe, ao lado da mamãe, costurando quieta ou soletrando a *Cartilha*, ou na novena do Senhor do Bomfim, muito limpa, com o seu vestidinho de chita que lhe dera o Sr. vigario. Lembra-se do papae quando voltava do roçado, de camisa e ceroula, chapéo de palha de carnaúba, tostado, trigueiro do sol, contando historias de onças e maracajás...

Recapitulava mentalmente, com uma precisão chronologica, toda a sua vida e ficava horas e horas em scisma, a pensar, a pensar como se tivesse perdido o juizo... Nas Irmãs de Caridade é que lhe sobrava tempo para isso. Vinham-lhe á mente os episodios da viagem: uma grande cobra cascavel que o papae matara ao pé d'uma arvore, á faca; as difficuldades que encontraram no caminho; um ceguinho que cantava na estrada sem ter o que comer...

Nunca mais lhe sahira da cabeça um retirante que ella vira estendido no meio do caminho, sobre o areial quente, ao meio dia em ponto, morto, e completamente nú, com os olhos já comidos pelos urubús, os intestinos fóra, devorados pelas varejeiras... Que feio aquillo!

Não era má, de resto, a sua vida agora, em casa dos padrinhos, não era, mas si fosse possivel tornar a ser creança, renascer e viver outra vez em Campo Alegre...

No dia seguinte ao da chegada á capital, D. Eulalia

morrera d'uma syncope cardiaca. Maria lembrava se muito bem: a mamãe fôra para o cemiterio na padriola da Santa Casa de Misericordia, toda de preto... Parecia vel-a ainda, com os olhos fundos, entreabertos, mãos cruzadas sobre o peito, dentro do esquife...

Tempos depois vira-a em sonho, numa nuvem de incenso, cercada d'anjos com um manto azul recamado d'estrellas, subindo para o céu... Por signal acordou sobresaltada, chamando pela madrinha, encolhendo-se toda na rêde, fria de medo.

Dias depois Mendonça embarcara para o norte. Ainda acabrunhado pelo desgosto que lhe trouxera a morte quasi repentina da mulher, manifestou a João da Matta desejos d'ir tentar fortuna onde quer que fosse. Não podia continuar no Ceará, viuvo e ocioso, de braços cruzados, sem dinheiro, olhando para o tempo, decididamente não podia continuar. Mas, havia uma difficuldade — a Maria. Si o compadre quizesse tomar a menina, encarregar-se de sua educação, mediante uma mezada, um pequenino auxilio...

O amanuense aceitou. Que fosse immediatamente para o norte. A vida no Ceará não valia cousissima alguma. O Pará, sim, aquillo é que é terra de fartura e de dinheiro. Um homem trabalhador e honesto, como o compadre, com uma pouca de experiencia podia enricar da noite para o dia. Os seringaes, conhecia os seringaes? eram uma mina da California. Tantos fossem quantos voltavam recheiados, de mão no bolso e cabeça erguida. E o Ceará? Fome e mi-



seria somente. Num mez morriam tres mil pessoas, eram mortos a dar com o pé, morria gente até de frente do palacio do governo, uma lastima !

E accrescentou que o Ceará era boa terra para os politicos e ricos, que o pobre em Fortaleza, ainda que pezasse kilogrammas d'honradez era sempre o pobre, maltratado, espesinhado, ridicularizado, perseguido, enquanto que o individuo mais ou menos endinheirado podia contar amplamente, largamente (e abria os braços) com a sympathia geral: tinha ingresso em todos os salões, em toda a parte, até no «sanctuario da familia» fosse elle, embora, um patife, um grandissimo canalha. Usava chapéo alto e gravata branca? Tinha um titulo de bacharel? Não fizesse cerimonia, podia entrar onde quizesse.—«Uma terra de famintos, seu compadre! Fome, miseria e patifaria era o que se via.»—Com a Maria do Carmo não tivesse cuidado; elle, João da Matta, havia de tratá-la como filha, não lhe faltaria nada; teria para ella todas as caricias, todos os affagos de um pae. Mendonça podia mesmo demorar o tempo que quizesse no Pará, annos, seculos..., a menina ficava em casa de gente séria, pobre, é verdade, mas honrada.

D'ahi a dias, um domingo de muito sol e muito vento, realizou-se o embarque do capitão Mendonça e do Casimiro.

Os conselhos de João calaram poderosamente no animo forte e resolutivo do sertanejo cuja confiança no compadre era illimitada. Sabia-o conhecido em quasi todo o Ceará, estimado mesmo por pessoas de

bem, admirava-lhe muito o « coração generoso » e democrata, por tal forma que João affigurou-se-lhe o unico homem capaz de concorrer para a felicidade de sua filha — reflexões nascidas da boa fé e da inexperiencia da vida social, que enchiam de intima e doce consolação a alma ingenua e simples do sertanejo.

Mendonça conhecia Fortaleza superficialmente; suas viagens á capital tinham sido rarissimas: viera vezes contadas a negocio. Sabia os homens propensos ao mal, por mais d'uma vez elle proprio fôra victima da ingratição de individuos que se diziam seus amigos e a quem fizera grandes beneficios; porém a vida ruidosa e dissoluta das capitaes, esse tumultuar quotidiano de virtudes fingidas e vicios inconfessaveis, esse tropel de paixões desencontradas, isso que constitue, por assim dizer, a maior felicidade do genero humano, esse acervo de mentiras galantes e torpesas dissimuladas, esse cortiço de vespas que se denomina — sociedade, desconhecia-o elle e nem sequer imaginava. Lá, no seu tranquillo recanto de Campo Alegre, onde só de longe em longe chegava o echo da vida elegante, ouvira falar em mulheres que trahiam os maridos, filhos que assassinavam os paes, incestos de irmãos, homens que negociavam com a propria honra... e tudo isso parecia-lhe simples « invenção das gazetas », romances de sensação que elle ruminava devagar e esquecia depressa.

— «É uma grande alma aquelle Mendonça!» admiravam os amigos.

E era-o.

Resolvera como que recomeçar a vida, esquecer o passado, recuperar o tempo perdido, trabalhando como um mouro, entregando-se ao labor com todas as suas forças, dia e noite, sem descanso, nas florestas do Pará.

E lá se fôra barra fóra, mais o Casimiro, na prôa d'um vapor brasileiro, honrado e obscuro, no meio de dezenas de emigrantes que, como elle, iam fazer pela vida até... sabiam lá!...

Antes de embarcar teve cuidados maternas para a filha. Comprou peças de chita, rendas, fitas, bugigangas, phantasias, tudo escolhido, tudo bom, e uma maleta americana. Chamou-a á parte, beijou-a na testa e disse-lhe com os olhos cheios d'agua e a voz tremula « que o papae havia de voltar si Deus quizesse, que ella fosse boa e obediente aos padrinhos, que estudasse, estudasse muito, porque era feio uma mulher ignorante, e, finalmente, que não esquecesse rezar por alma da mamãe... »

Maria lembrava-se de tudo.

Depois ella ficára sósinha em companhia dos padrinhos.

Nesse tempo moravam na rua de Baixo. Tinha-se mudado tudo: morrera-lhe a mãe, morrera-lhe o pae d'uma febre, no alto Purús. O Casimiro, ninguem dava noticia d'elle, nunca mais voltara... O Lourenço, esse ella não conhecia — andava no sul feito soldado. Estava só, por assim dizer, numa casa alheia. E comtudo, podia dizer que não tinha tristezas, uma ou outra vez é que punha se a pensar no passado.

Depois que sahira da *Immaculada Conceição* a vida não lhe era de todo má. Ora estava no piano, ensaiando trechos de musica em voga, ora sahia a passear com a Lydia Campello de quem era muito amiga, amiga de escola, ora lia romances... Uti-namente a Lydia dera-lhe a ler *O PRIMO BAZILIO*, re-commendando muito cuidado «que era um livro obsceno»: lesse escondido e havia de gostar muito. — «Imagina um sujeito bilontra, uma especie de José Pereira, sabes? o José Pereira da *Provincia*, sempre muito bem vestido, pastinhas, monoculo...»

— Não contes, atalhou Maria tomando o livro — quero eu mesmo ler... Gostaste?

— Mas muito! Que linguagem, que observação, que rigor de critica!... Tem um defeito — é escabroso de mais.

— Onde foste tu descobrir esta maravilha, creatura?

— É da mamãe. Vi-o na estante, peguei li-o.

Maria folheou ao acaso aquella obra prima, disposta a devoral-a. E, com effeito, leu-a de fio a pavio, pagina por pagina, linha por linha, palavra por palavra, devagar, demoradamente.

Uma noite o padrinho quasi a surprehende no quarto, deitada, com o romance aberto, á luz d'uma vela. Porque ella só lia *O PRIMO BAZILIO* á noite, no seu mysterioso quartinho do meio da casa pegado á sala de jantar.

Que regalo todas aquellas scenas da vida bur-gueza! Toda aquella complicada historia do *Pa-*

raízo !... A primeira entrevista de Basilio com Luiza causou-lhe uma sensação extranha, uma extraordinaria superexcitação nervosa; sentio um como formiguelo nas pernas, titilações em certas partes do corpo, prurido no bico dos seios puberes; o coração batia-lhe apressado, uma nuvem atravessou-lhe os olhos... Terminou a leitura cansada, como si tivesse acabado de um goso infinito... E veio-lhe á mente o Zuza: si podesse ter uma entrevista com o Zuza e fazer de Luiza...

Até aquella data só lera romances de José de Alencar, por uma especie de bairismo mal entendido e a *Consciencia* de Heitor Mallot publicada em folhetins na *Provincia*. A leitura do PRIMO BASILIO despertou-lhe um interesse extraordinario. «—Aquillo é que é um romance. A gente parece que está vendo as cousas, que está sentindo...»

Não comprehendera bem certas passagens, pensou em consultar a Lydia; sim, a Campellino devia saber a historia da *champagne* passada num beijo para a bocca de Luiza. — Que porcaria! E assim tambem a tal «sensação nova» que Basilio ensinára á amante... não podia ser cousa muito asseiada...

Terminada a leitura do ultimo capitulo, Maria sentio que não fossem dous volumes, trez mesmo, muitos volumes... Gostara immensamente!

No dia seguinte, antes de ir a Escola Normal, Maria teve uma entrevista secreta com a amiga no quintal da viuva Campello que morava defronte do amanuense.

A Campellino tinha acabado de banhar-se e estava arranjando umas flôres para a Nossa Senhora do oratorio. Da saleta de jantar via-se o quintalinho, cercado d'estacas, estreito e comprido, com ateiras e um renque de mangiricões ao fundo, perto da caximba. Uma pitombeira colossal arrastava os galhos sobre o telhado. O chão humido da chuva que cahira á noite, porejava uma frescura communicativa e boa.

Lydia estava á fresca, de cabellos soltos sobre a toalha felpuda aberta nos hombros, quando Maria appareceu.

— Boa vida, hein? saudou esta. E logo, triumphante: — Acabei o PRIMO BAZILIO!

— Que tal?

— Magnifico, sublime! Olha vem cá...

E dando o braço á outra dirigio-se para o «banheiro», uma especie de arapuca de palha secca de coqueiro, acaçapada, medonha, sem a minima commodidade e para onde se entrava por uma portinhola de taboa mal segura.

Uma vez ali, sentadas ambas num caixote que fôra de sabão, unica mobilia do «banheiro», Maria saccou fóra o PRIMO BAZILIO, cuidadosamente embrulhado numa folha da *Provincia*. Queria que a Lydia explicasse uma passagem muito diffusa, quasi impenetravel á sua intelligencia.

— É isto, menina, que eu não pude comprehender bem. E, abrindo o livro, leu: «... e elle (Bazilio) quiz-lhe ensinar então a verdadeira maneira de beber

*champagne*. Talvez ella não soubesse! — Como é? perguntou Luiza tomando o copo. — Não é com o copo! Horror! Ninguem que se presa bebe *champagne* por um copo. O copo é bom para o Collares... «Tomou um gole de *champagne* e n'um beijo passou-o para a bocca d'ella. Luiza rio...», etc., etc.

— Como explicas tu isto?

— Tola! fez a Campellino. Uma cousa tão simples... Toma-se um gole de *champagne* ou de outro qualquer liquido, junta-se bocca á bocca, assim... E juntou a acção ás palavras.

—... e prompto! bebe-se pela bocca um do outro. Tão simples...

— E que prazer ha n'isso?

— Sei lá, menina! tornou a outra com um gesto de nojo, cuspendo. Póde lá haver gosto...

Depois, as duas curvadas sobre o livro, unidas, coxa a coxa, braço a braço, passaram á «sensação nova».

Lydia apressou se em dizer que as «mulheres do mundo» é que sabem essas cousas... Quanto a ella não conhecia outras sensações além dos beijos na bocca, ás escondidas, fóra os abracinhos fortes e demorados, peito a peito, isto mesmo com pessoa do coração... Contou então que o seu primeiro namorado, um estudante do Lyceu, um fedelho, tentara certa vez... Concluiu baixinho ao ouvido de Maria, com receio de que alguém as estivesse observando.

— E consentiste?

— Qual! Dei-lhe com um — não — na cara, e o tôle nunca mais me fez festa.

Leram ainda alguns trechos do romance, rindo, cochichando, acotovelando-se, e depressa a conversação tomou rumo diverso recahindo sobre o Zuza e o Loureiro.

— A proposito, perguntou Maria curiosa, pretendes mesmo casar com o guarda-livros?

— Porque não? fez a outra erguendo-se. Muito breve tenho homem! Decididamente este não me escapa, tenho-o seguro... Vae todas as noites a nossa casa, como vês, está cahidinho. A mamãe já não repara, deixa-se ficar com o d'ella...

— Com o d'ella? inquerio Maria com surpresa, muito admirada.

Apanhada em flagrante indiscrição, Lydia confessou, muito em segredo, que uma noite encontrara D. Amanda na alcova com o Baptista da Feira Nova, um negociante...

— !!!

Maria tomava sentido, recalcando a curiosidade que lhe espicaçava o espirito. Calou-se, para não ser indiscreta, e, depois de uma pausa em que folheava machinalmente o romance:

— Dize uma cousa, Lydia: tu amas devéras o Loureiro?

— Que pergunta, creatura? Certamente que sim. Elle então tem uma *paixa* doida por mim! Bebe-me com o olhar e me come de beijos. É na bocca, no pescoço, na orelha, nos olhos, na nuca... Nunca vi



gostar tanto de beijos! E, é preciso que se note, conhecemo-nos ha tres mezes! E o teu Zuza?

O namoro de Maria com o filho do coronel Souza Nunes estava em começo. A falar verdade, ella gostava do Zuza e casaria si elle quizesse; mas até aquella data ainda não se tinham communicado. Conheciam-se — nada mais.

Nessas confabulações intimas com a amiga Maria, que começava a comprehender a vida tal como ella é na sociedade, fingia-se ingenua, tolinha, expediente que usava sempre que desejava saber a opinião da Lydia sobre isto ou sobre aquillo.

A principio evitava conversar em amores, corando a qualquer palavra mais livre ou a qualquer facto menos serio que lhe contavam as collegas de estudo. Agora, porém, ouvia tudo com interesse, procurando inteirar-se dos acontecimentos, sem acanhamento, sem pejo. Pouco a pouco foi perdendo os antigos retrahimentos que trouxera da *Immaculada Conceição*. A convivencia com as outras normalistas transformara-lhe os habitos e as idéas. A Lydia principalmente era a sua confidente mais chegada. Quasi sempre estavam juntas em casa, na Escola, nos passeios, em toda a parte onde se encontravam, de braços dados, aos cochichos.. Havia entre ellas um commercio continuo de carinhos, de affagos, de segredos. Gabavam-se mutuamente, tinham quasi os mesmos habitos, vestiam pelos mesmos moldes, como duas irmãs.

Lydia Campello tinha então vinte annos. Era uma rapariga alta, *fausse-maigre* e bem feita de corpo.

A razão porque ainda não se casára ninguem ignorava, toda a gente sabia — é que a filha da viuva Campello, por via do atavismo, puxava á mãe. Não havia na cidade rapazola mais ou menos elegante, caixeiro de loja de modas que não se gabasse de a ter beijado. Tinha fama de grande namoradeira, eximia em negocios de amor. O proprio João da Matta não gostava muito d'aquella amisade com Maria. Mais de uma vez dissera a D. Therezinha as suas desconfianças, os seus escrupulos, os seus receios com relação a essa intimidade da afillhada com a Lydia: — « Não consentisse a rapariga ir a casa da outra. Antes prevenir que curar. »

Havia mesmo quem ousasse affirmar que a Campellino « já não era *moça*. »

Da viuva diziam-se horrores: « aquillo era casa aberta... » Tantos fossem, quantos ella recebia com um rizinho sem vergonha, arregaçando os beiços. A filha seguia o mesmo caminho.

O certo, porém, é que o procedimento de D. Amanda não escandalisava a sociedade. Vivia na sua modesta casinha do Trilho, muito concentrada, sem amigas, num respeitoso isolamento, sahindo á rua poucas vezes em companhia da filha, não frequentando os bailes nem o Passeio Publico e muito menos as igrejas: vivia a seu modo, commodamente, do minguado montepio de seu defunto marido.

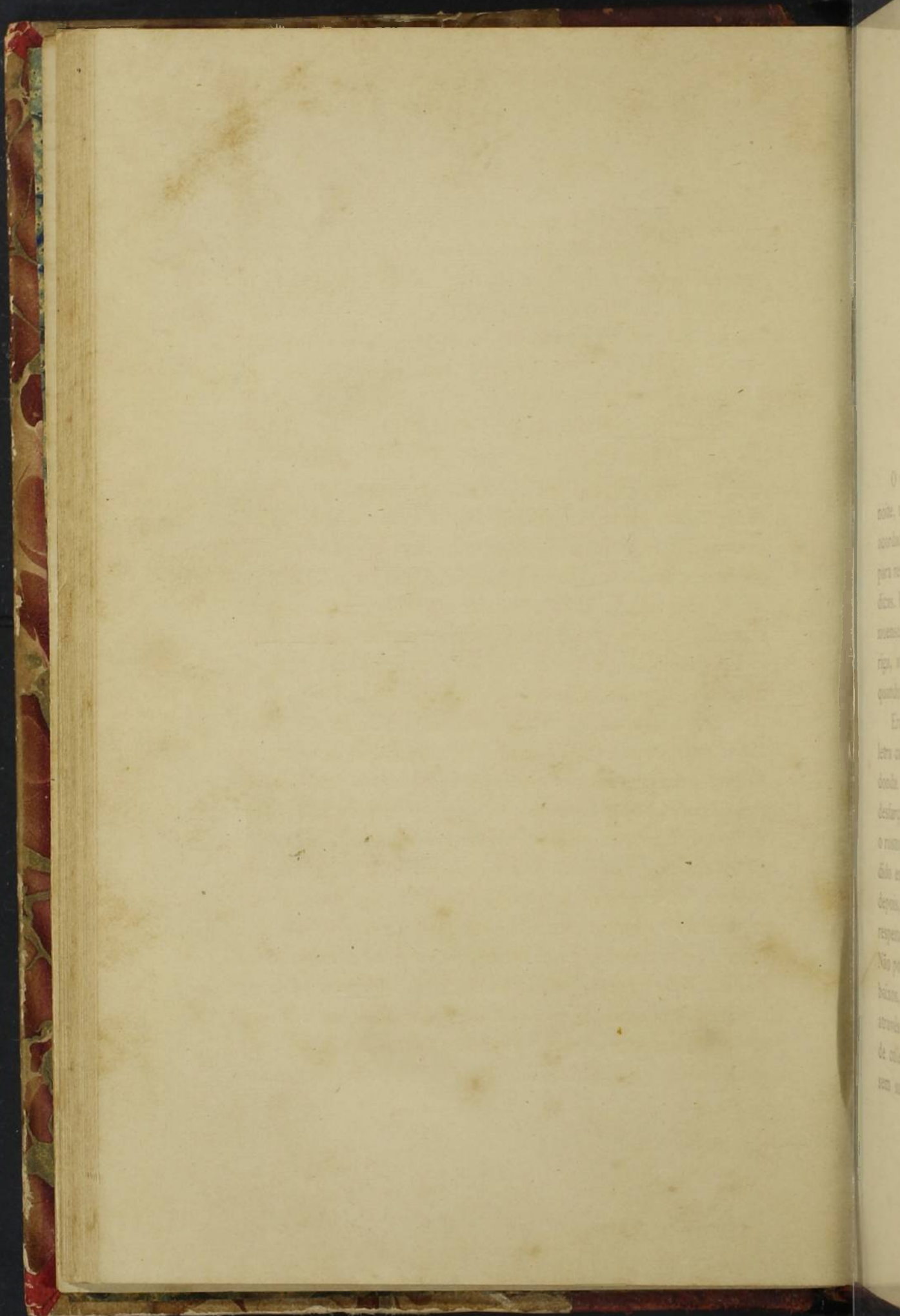
— « Uma mulher honesta! protestava o Lou-

reio. Infamias era o que se diziam da pobre senhora, infamias que cahiam por terra ante o indefectivel procedimento de D. Amanda!

E accrescentava convicto :

— Tal mãe, tal filha !

---



### III

O velho mostrador da saia de jantar deu meia noite, uma hora, e Maria do Carmo ainda estava acordada, a pensar no Zuza, architectando phrases para responder ao futuro bacharel em sciencias juridicas. Porque o estudante, como suspeitou o amanuense, achara meio de communicar se com a rapariga, atirando-lhe uma cartinha por baixo da mesa, quando jogavam o vispora.

Era a primeira vez que o Zuza lhe escrevia numa letra calligraphica, de mulher, miudinha, igual e redonda. Ao apanhar o envelope, com um movimento desfarçado, Maria sentio o sangue affluir todo para o rosto, como si todo o mundo a tivesse surpreendido em flagrante ás barbas do padrinho. Ella mesmo, depois, admirou a sua coragem, ella que nunca desrespeitara o amanuense, temendo-o como a seu pae. Não poude reprimir um susto, ficou fria, com os olhos baixos, sem prestar attenção ao jogo. Pareceu-lhe ver através dos oculos escuros do padrinho um lampejo de co'era concentrada. Tremia com o papel na mão, sem saber o que fizesse. Mas o vispora continuava

animado e ella poude cautelosamente guardar o objecto querido, pretextando sêde e levantando-se para beber agua no interior da casa. Guardou-o bem guardado, no fundo de uma caixinha de fitas, sem ler, e voltou immediatamente ao seu logar com um allivio, muito lepida.

Quando o amanuense entrou a esbravejar contra o Zuza, esmurrando a mesa, batendo portas, colerico, medonho, Maria ficou livida ! Ta, ta, ta, ta, ia tudo aguas abaixo, o seu « crime » ia ser descoberto, não havia fugir. Estava irremediavelmente perdida ! Enfiou pelo corredor com as mãos na cabeça, afflicta. Decididamente o padrinho ia expulsal-a de casa... Seu primeiro impeto foi voltar, atirar-se aos pés de João da Matta e pedir-lhe, supplicar-lhe por amor de Deus, por quem era que a perdoasse, que fôra uma fraqueza, uma creancice.... Isto, porém, seria complicar a situação, confessar-se culpada, entregar-se á colera do amanuense. E ao sentar-se á mesa de jantar foi accomettida por uma convulsão de chôro mudo, com a cabeça entre as mãos, cotovellos fincados na mesa, olhos fixos na luz moribunda da velinha de carnaúba.

O padrinho berrou, jurou acabar com « a bandalheira », disse horrores do Zuza, e, afinal, que felicidade para a rapariga ! foi se deitar com a mulher. Maria suspirou forte, como si lhe tivessem tirado um grande peso do coração ; e agora, só no seu quarto, lia e relia a carta do academico, muito á fresca, sentindo um bem-estar confortavel na sua rêde de varandas, branca e sarapintada d'encarnado.

Fazia calor.

Maria costumava dormir com a véla accessa numa palmatoria de flandres. Noutra quarto, defronte, resonava a cozinheira, uma tirando para velha, chamada Marianna, e, no corredor, o *Sultão* abanava as orelhas sacudindo as pulgas. De quando em quando havia um barulho d'azas na sala de jantar: era a sabiá debatendo-se na gaiola, assombrada.

Agora, sim, Maria estava só, completamente só, podia ler á vontade, uma, duas, trez... quantas vezes quizesse, a carta do Zuza. Nada como a noite para os namorados! Era só quando ella gosava a sua liberdade, á noite, no seu quarto, em camisa, fazendo o que bem entendesse...

«Minha senhora» dizia o futuro bacharel, muito respeitoso. «Tomo a liberdade de me dirigir a V. Ex.<sup>a</sup> confiado na sua infinita bondade, nessa bondade que se revela em seus esplendidos olhos de madona e na brandura meiga de sua voz cujo timbre faz-me lembrar toda a melodia d'uma harpa eolia tangida por mãos de seraphins... Tomo esta liberdade para dizer-lhe simplesmente que a amo! e que este amor só podia ser inspirado pela incomparavel luz de seu olhar e pela musica sentimental de sua voz... Amo-a devéras... Só me resta esperar que V. Ex.<sup>a</sup> aceite este amor como tributo sincero de um coração avas-salado por sua belleza encantadora, e então serei o mais feliz dos homens.

De V. Ex.<sup>a</sup> adm.<sup>or</sup> e escravo

*José de Souza Nunes.*»

Isto numa letrinha microscopica, indecifrável quasi.

Maria esteve meditando muito tempo sobre a resposta que devia dar ao estudante, com os olhos na parede onde esbatia a sombra da rêde ao comprido. Para não responder ficava-lhe mal, era uma falta de consideração. Devia responder fosse o que fosse. E, nessa duvida, lia e relia a carta numa inquietação que lhe tirava o somno. Realmente! começava cedo a sua carreira amorosa e começava por um aspirante a bacharel! Seria verdade *aquillo* ou o rapaz queria divertir-se á sua custa? O Zuza parecia-lhe um bom moço, muito bem educado, incapaz de seduzir uma rapariga honesta, de costumes irreprehensíveis, refractario a pagodeiras... Às vezes, porém, tinha cara de pedante com os seus oculos d'ouro, com a sua flôr na bctoeira, dizendo *quê dê, dê-me você isto, faça você aquillo, ora sêbo!*

Maria implicava com certos modos do rapaz.

É verdade que tinha fortuna, era filho d'um homem de bem, d'um coronel... Mas...

E lá vinha o *mas* e a duvida não se desfazia.

Imaginava-se ao lado do Zuza, numa casinha muito bem mobiliada, com cortinas de cretone na sala de jantar e um viveiro de passaros,—*elle*, de chambre e gorro, sentado na escrivaninha a fazer versos, feliz, despreocupado; ella com um robe-de-chambre todo branco, fitinhas na frente d'alto a baixo, cabello solto, a ler o ultimo romance á moda, recostada na espreguiçadeira, sem filhos... Que vida!



Ao mesmo tempo lembrava-se de que o Zuza podia lhe sahir um marido muito besta e casmurro, cuidando somente da papelada de autos e requerimentos, um advogado com escriptorio e taboleta na porta para fazer... nada! Ella, por outro lado, a cuidar dos filhos, muito besuntada, da sala para a cozinha numa azafama de burguezinha reles. Bôas!

E não assentava idéas, a mente que nem um rodopio, phantasiando situações disparatadas, cousas impossiveis.

Leu outra vez a carta, analysando-a palavra por palavra, repetindo as phrases a meia voz. Aquella linguagem alambicada e dengosa quiz-lhe parecer tosca de mais para ter sahido do punho d'um estudante de direito.— Que idiota! pensava; comparar seus olhos com olhos de madona e sua voz com uma harpa eolia! — E, num arrebatamento, levantou-se e guardou a carta na caixinha de fitas.— Qual olhos de madona! Qual harpa eolia, qual nada, seu besta! »

Dahi a pouco tambem resonava com a respiração leve como uma caricia.

O dia seguinte era domingo. Todos em casa do amanuense acordaram muito bem dispostos. Havia missa cantada na Sé. Espocavam foguetes e repicavam sinos. Meninos apregoavam numa voz cantada a MATRACA a 40 réis! — um jornaleco immundo que falava da vida alheia e que por duas vezes trouxera sujidades contra João da Matta. Maria do

Carmo quiz ver o que dizia a MATRACA, apezar do padrinho ter prohibido expressamente a entrada do pasquim em sua casa. Ali só lhe entrava a *Provincia*, dissera elle; isso mesmo porque o José Pereira não exigia pagamento de assignatura. O mais era um sucia de papeis nojentos que só serviam para...— Maria deu um pulo até a casa da viuva Campello e ahi poudo comprar a MATRACA. O padrinho estava no banho.— *O namoro do Trilho de Ferro!* gritavam os vendedores. Maria teve um *palpite*. Certo aquillo era com ella. Que felicidade o padrinho estar no banho! Pagou ao menino, pedindo-lhe pelo amor de Deus que não gritasse mais o *namoro do Trilho de Ferro*. Abrio o jornal anciosa. Que horror! Havia, com effeito, uma piada nella e no Zuza. Mais que depressa correu a mostrar á Lydia.

— Estás vendo, menina? Lê isto aqui. E apontou com o dedo.

Eram uns versos de pé de viola que contavam o recente namoro do Zuza :

« A normalista do Trilho,  
ex-irmã de caridade,  
está cahida pelo filho  
d'um titular da cidade.

O rapazola é galante  
e usa flôr na botoeira :  
D. Juan feito *estudante*  
a namorar uma *freira*...

Eis porque, caros leitores,  
 eu digo como o Bahia :  
 — *Falem baixo, minhas flôres,*  
*Sinão... a chubata chia !...*»

.....

Lydia achou graça na versalhada. Ella tambem já sahira na MATRACA.

— Um desfôro, não achas? pergunteu a normalista indignada.

— Que se ha de fazer, minha filha? Ninguem está livre destas cousas no *Ceará moleque*. Não se póde conversar com um rapaz, porque não faltam alcoviteiros. Olha, eu aposto em como isto que aqui está sahio da cachóla do Guedes.

— Que Guedes?

— O mulher, o Guedes, um do Correio... Dizem até que está feito redactor principal da MATRACA.

— E que mal fiz eu a esse Guedes que nem siquer me conhece?

— Eu te digo. O Guedes andou a querer me namorar. Chegou a escrever-me uma carta muito errada e piegas, pedindo uma entrevista... Que fiz eu? Ri-me muito das asneiras do bicho, trocei-o a valer e mandei-o *pastar* bem... Ora o Guedes sabe que nós somos muito amigas e talvez queira vingar-se indirectamente. Ahi está o que é, menina. Manda-o plantar couves e rasga esta babuzeira, que isto não vale senão nada.

— Não val'nada, mas toda a gente lê e acredita, é o que é.

— Sabem lá qual é a « normalista do Trilho! »

A proposito Maria contou as occurrencias da vespera, a carta do Zuza, a colera do padrinho, muito vexada.

Estavam á janella, em pé, frente a frente. D. Amanda andava para os fundos da casa a mourejar. No fim da rua, do lado da Estrada de Ferro, uma locomotiva fazia manobras, chiando, a deitar vapor fóra. Chegou até a frente da casa da viuva, soltou um guincho rapido e voltou estralejando sobre os trilhos.

... E os sinos a repicarem na Sé e gyrandolas de foguetes estourando no ar. Chegavam espaçados sons de musica que o vento trazia.

— Não sei si deva responder, disse Maria dando a carta á amiga. *Elle* com certeza vem hoje para o vispora...

— De fórma que tens um compromisso a satisfazer...

— Compromisso ?

— Sim, porque quem cala consente. Aceitaste a carta, agora é responder. Diz lhe que o amas tambem e que desde já o consideras teu noivo. Nisso de amor quanto mais depressa melhor. Eu pelo menos o entendendo assim. Queres eu faço a minuta ?

— Eu, escrever para um homem ?

— Tôla ! Que crime ha nisso ? Elles não escrevem para nós ? Olha, tôlinha, não sejas creança. O homem

foi feito para a mulher e a mulher para o homem.

— Mas...

— Não tem *mas* nem meio *mas*. Decide-te a namorar o rapaz e deixa te de meninices. Tu é que tens a lucrar. O Zuza tem fortuna, está a formar-se e com mais um anno póde ser teu marido e fazer-te muito feliz. O que é que esperas de teu padrinho, um sujeito estúpido e usurario como um urso? Já não tens pae nem mãe e elle já fala em tirar-te da Escola. É muito homem para botar-te a cozinhar. Não sejas tôla!

Lydia interrompeu-se para comprimentar um cavalleiro que passava. Era o Zuza montado num alarão reluzente ao sol, de cauda aparada e arreios de prata. O estudante trajava flanella e meias botas de polimento, chapéo castor desabado, uma grande rosa branca no peito, luva, rebenque, muito vistoso com seus oculos de ouro e seu bigodinho retorcido para cima.

Fazia o costumado passeio matinal e lembrara-se de passar na porta do amanuense. Comprimentou rasgadamente a Campellinho. Maria occultou-se envergonhada atraz do postigo olhando por entre as gretas.

— Adoravel! fez Lydia. E tu ainda queres mais, hein, minha tôla?

Como sentia não ser ella a querida do Zuza! Ambos com vinte annos de idade, encarando a vida por um mesmo prisma: passeios a cavallo, *toilettes* de verão e d'inverno, como nos figurinos, com cha-

cara no Bemfica, um *phaeton* para virem á cidade, vaccas de leite... Um maná!

Tinha « o seu », o Loureiro, mas o guarda-livros parecia-lhe muito casmurro, muito indifferente a essas cousas de bom gosto, aos requintes da vida aristocratica que ella ambicionava tanto. Queria-o mais por um capricho, porque não encontrava outro homem em melhores condições que desejasse casar com ella. Sabia de sua má fama e agarrava-se ao Loureiro como a uma taboa de salvação. Tudo menos ficar para *tia*. Verdade, verdade, o Loureiro não era um sujeito ignorante e pobre que lhe fizesse vergonha; mas não tinha certo aprumo, certa elegancia no trajar; aferrava-se á calça e ao collete branco, invariavelmente, e ninguem o demovia d'aquelle velho habito. Entretanto possuia seu cabedal em casas e apolices da divida publica. Ao pa so que o outro, o Zuza, sabia empregar seu dinheiro divertindo-se, trajando bem, passeiando como um principe. Uma simples questão de temperamento.

— Atira-te, minha tôla. Aproveita enquanto o Braz é thesoureiro...

— Que queres tu que eu faça?

— Escreve logo essa carta e faze como eu: marca o dia do casamento. Assim é que se faz. Quem pensa não casa, lá diz o ditado, e é muito certo.

A voz de D. Therezinha chamou Maria do outro lado da rua. Era hora do almoço. O amanuense estava apressado porque, tinha de ir á praia, ao em-

barque do conselheiro Castro e Silva que seguia para o Rio de Janeiro.

João da Matta almoçou ás carreiras, como quem vae tomar o trem, e abalou, enfiando-se no inseparavel e já velho chapéo Chile.

Seriam onze horas pouco mais ou menos. Um mormaço de fornalha abafava os transeuntes que desciam e subiam a rua de Baixo a pé, esbaforidos.

No porto havia grande lufa-lufa de gente que embarcava e desembarcava simultaneamente, bracejando, falando alto. A maré d'enchente, crispada pela ventania de sudoeste, num continuo vae-e-vem, alagava o areial sêcco e faiscante. Gente muita ao embarque do conselheiro. Curiosos de todas as classes, trabalhadores aduaneiros de jaqueta azul, guardas d'Alfandega e officiaes de descarga com ar autoritario, de fardeta e boné, marinheiros da Capitania, confundiam-se numa promiscuidade interessante. Jangadeiros arregaçados até aos joelhos, chapéo de palha de carnaúba, mostrando o peito robusto e cabelludo, iam armando a vela ás jangadas. A cada fluxo do mar havia gritos e assobios. Um alvoroço! Jangadas iam e vinham em direcção do *nacional* que tombava como um ébrio, aproado ao vento. Apenas quatro navios mercantes fandeados e uma canhoneira argentina. Reluzia em caracteres garrafaes, pintadinhos de fresco na popa d'uma barca italiana -- CIVITA VECCHIA.

O vapor apitou pedindo mala. Era uma massada ir a bordo com a maré cheia e um vento como aquelle. Demais o sol estava de rachar. Um carro

parou á porta da Escola de Aprendizizes marinheiros : era o conselheiro, mettido numa sobrecasaca muito comprida, cheio de atenções. Já o esperavam os amigos receiosos de que o vapor não suspendesse sem « o homem ».

A musica da Policia, formada á porta do quartel, gaguejou o hymno nacional e o conselheiro, cheio de si, cortejando á direita e á esquerda, muito ancho, seguiu a tomar o escaler d'Alfandega.

— Pilulas! fez João da Matta limpando a testa. Não vale a pena a gente se sacrificar com um calor d'este !

Lá adiante encontrou o Loureiro que vinha de despachar uma factura no Trapiche, muito apressado com a sua calça branca lustrosa de gomma sem uma dobra

« — Por ali? » « — É verdade, tinha ido a negocio. »

— Que ha de novo? tornou o Loureiro.

— Nada. Vou aqui ao embarque do conselheiro.

— Has de ganhar muito com isto...

— Que queres, filho? A politica, a politica...

— Qual politica, homem! Com um solão d'este não havia quem me fizesse ir a embarque de filho da mãe nenhum.

Uma lufada de poeira redomoinhou a dois passos dos interlocutores derribando bruscamente o chapéo do amanuense, pondo-lhe a calva a mostra.

— Com os diabos! voçiferou João da Matta abaixando-se mais que depressa para apanhar o seu chile



que rodava sobre as abas numa disparada vertiginosa por ali fóra.

— Fiau ! fiau ! Péga ! péga ! prorompeo a garotagem numa vaia estrepitosa de gritos e assobios.

— Canalha ! resmungava o homem, enquanto o Loureiro escafedia-se d'aquella situação grotesca, sacudindo com a ponta dos dedos a poeira do paletó, muito calmo.

O conselheiro tinha chegado ao trapiche com o seu prestito officioso de amigos.

O amanuense encavacou devéras. «— Diabos levem conselheiros e tudo ! » dizia elle mal humorado, piscando os olhos desesperadamente por traz dos oculos escuros, cobrindo a calva com um lenço para não constipar. E d'ali mesmo voltou á casa maldizendo-se por haver deixado os seus commodos por uma estopada inutil d'aquella.

Dava meio-dia. Á porta do quartel de linha um soldado soprava a todo pulmão numa corneta muito bem areiada.

João da Matta caminhava devagar, automatico, como quem vai com uma idéa fixa. Que *séca* ! Podia muito bem estar em casa áquella hora, mettido na sua camisola fresca, de papo para o ar na rêde, ao conchego morno da afilhada, saboreando-lhe o cheiro bom das carnes ; entretanto ali vinha offegante como um boi e suado como dois burros, todo emporcaldado de poeira, furioso. Não lhe contassem para outra. Já tinha pensado mesmo em abandonar para sempre a politica. Pilulas ! Mal lhe chegava o tempo

para pensar na Maria do Carmo, naquella deliciosa boquinha fresca e rosada, boa para a gente levar a vida inteira a beijar...

O Zuza tinha-lhe acordado o instincto; receiava agora que a menina se deixasse levar pelas gabolices do estudante e então lá se iam os seus bellos projectos aguas abaixo.

Nunca se preocupara tanto com Maria do Carmo. Desde que o Zuza começou a frequentar a rua do Trilho não lhe sahia mais da cabeça a afilhada. A propria D. Therezinha por vezes tinha estranhado os seus modos para com a menina.

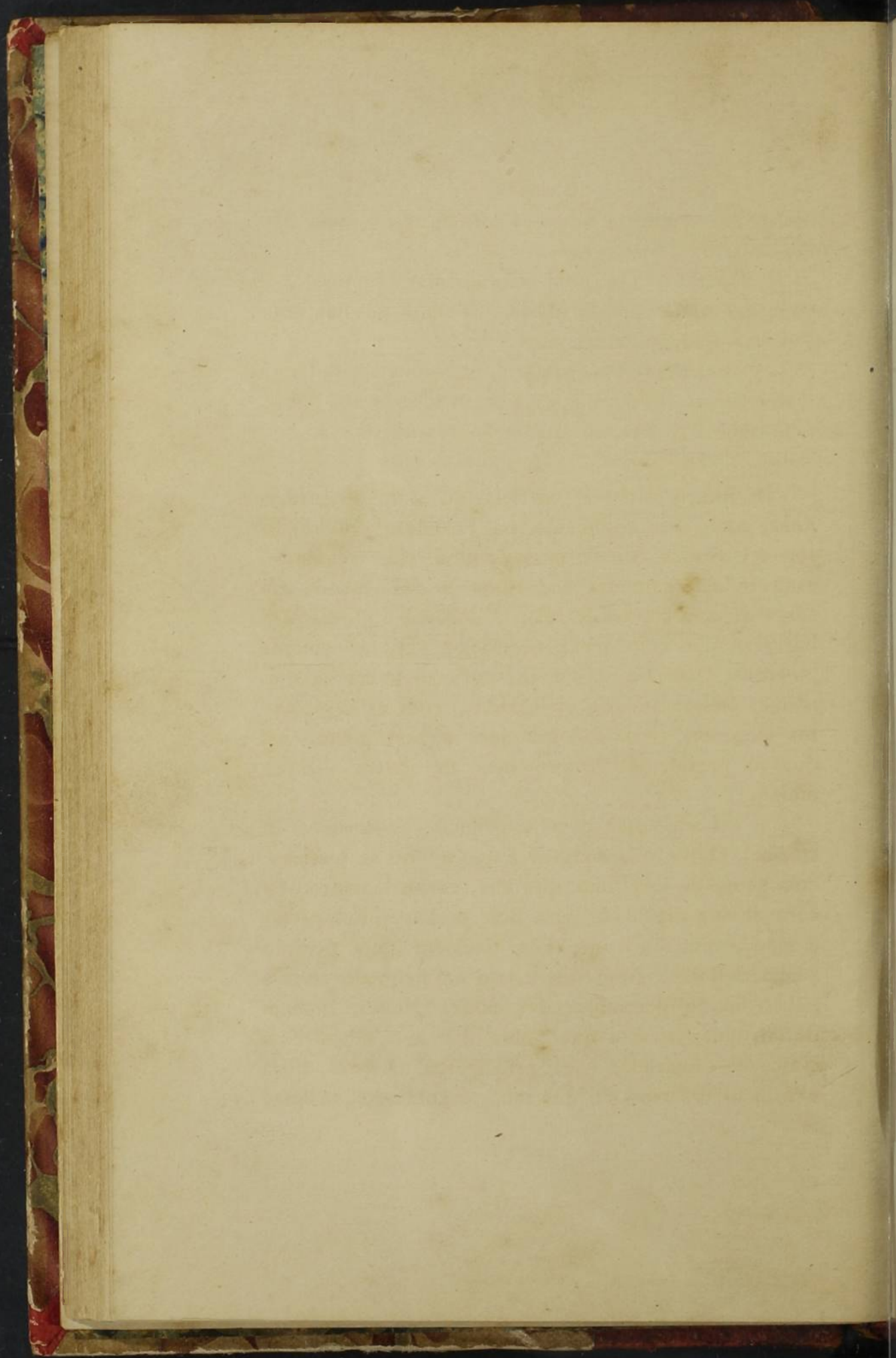
Achava a Teté uma mulher gasta: queria uma rapariga nova e fresca, cheirando a leite, sem peccados torpes, a quem elle pudesse ensinar certos segredos do amor, occultamente, sem que ninguem soubesse... Estava farto do « amor conjugal ». Nunca experimentara o contacto avelludado de um corpo de mulher educada, virgem das impurezas do seculo. E quem melhor que Maria do Carmo, uma normalista exemplar e recatada, poderia satisfazer os caprichos de seu temperamento impetuoso? Era sua afilhada, mas, adeus! não havia entre elle e a menina o menor gráo de consanguineidade, portanto, não podia haver crime nas suas intenções... Si Maria houvesse de cahir nas garras de algum bacharelete safado, fosse elle, João da Matta, o primeiro a abrir caminho...

Demais, argumentava de si para si, podia arranjar tudo sem que ninguem soubesse. O segredo ficaria

entre elle e a afilhada, inviolavel como a sepultura de um santo...

E ia parafusando num meio simples e natural de conquistar o coração de Maria.— Toda a questão era de oportunidade.

Aquella hora a normalista arrastava ao piano a valsa *Minha esperança*, cuja cadencia punha uma monotonia irritante na quietação morna da rua do Trilho.



O  
Zan.  
coron  
usur  
certa  
borra  
pai  
man  
tas e  
qui  
anip  
—  
coron  
com p  
ceta  
a m  
social  
pai.  
de co  
obuz  
de,

## VI

O futuro bacharel em leis ou simplesmente o Zuza, como era conhecido na Fortaleza o filho do coronel Souza Nunes, passava uma vida regalada, usufruindo largamente a fortuna do pai avaliada em cerca de cem contos de réis. O coronel franqueava a burra ao filho com uma generosidade verdadeiramente paternal. Queria-o assim mesmo com todas as suas manias aristocraticas e afidalgadas, com os seus geitos elegantes, arrotando grandeza e bom gosto, tal qual o presidente da provincia de quem dizia-se amigo.

— « Cada qual com seu igual » doutrinava o coronel. O que não admittia é que o filho se mettesse com gente de laia ruim, que elle, coronel, nunca desceria de sua dignidade para tirar o chapéo ou apertar a mão a individuos que não tivessem uma posição social definida. Apprendera isso em pequeno com o pai, o finado desembargador Souza Nunes, homem de costumes severos que sabia dar aos filhos uma educação esmerada, quasi principesca. O Zuza, dizia elle, não era mais do que uma vergontea digna desse

bello tronco genealógico dos legítimos Souza Nunes, tão nobres quanto respeitadas no Ceará.

Era um orgulho para o coronel ver o filho passar a cavallo, com o presidente, alvo do olhar bisbilhoteiro do mulhério elegante, em trajes de montaria, roupa de flanela, botas, chapéu molle desabado.

O Zuza dava-se muito com o presidente que também pertencia a uma alta linhagem de fidalgos de S. Paulo e fôra educado na Europa: um rapagão alegre, amador de cavallos de raça, illustrado e amigo de mulheres.

As revelações da MATRACA sobre o namoro do Trilho de Ferro deram que falar á cidade inteira. Nas rodas de calçada o facto propalou-se immediatamente á guisa d'escandalo. A principio ninguem sabia ao certo qual era a tal « normalista ex irmã de caridade ». Que havia de ser a Lydia Campello affirmavam uns. Mas a Campellino nunca fôra religiosa, quanto mais freira. Afinal sempre se veio a saber a verdade e espalhou-se logo que a afilhada do João da Matta estava com um namoro pulha mais o estudante. Não era a Lydia mas dava no mesmo, dizia-se: ambas estudavam na mesma escola, eram dignas uma da outra.

E toda a gente dizia sua pilheria, atirava seu conceito á bocca pequena, com risadinhas sublinhadas — pilherias e conceitos que chegavam até aos ouvidos do coronel Souza Nunes, percucientes, incisivos como ferroadas de maribondos. « — Não era possível, pensava elle. O Zuza era incapaz de seme-

lhante creancice ; um rapaz de certa cathegoria não se deixa illudir por uma simples normalista sem eira nem ramo de figueira, uma rapariga sem juizo, filha de pais incognitos, educada em casa d'um amanuense réles. Quem, o Zuza ? Pois não viam logo a monstruosidade do absurdo ? Era uma calunnia levantada a seu filho. Que esta ! Não faltava mais nada senão ver o nome do rapaz em letra redonda estampado na MATRACA, um jornaleco immundo como uma cloaca ! »

Morava na rua Formosa, uma casa assobradada e vistosa com frontaria d'azulejos, varandas, e dois ananazes de louça no alto da cimalha, á velha moda portugueza.

O coronel gostava de passar bem, de « fazer figura », e, até certo ponto, revelava uma natureza delicada que não era indifferente ao aspecto exterior das cousas ; sabia mesmo aquilatar objectos de arte, escolher *bric-à-bracs*. No que respeita a asseio ninguém o excedia. Era o que se pode chamar « um homem de bons costumes », um pouco orgulhoso e d'uma susceptibilidade a toda prova em materia de dignidade pessoal : irreprehensivel e caprichoso na intimidade domestica como na vida publica.

Fazia gosto a sala de visitas, forrada á papelvelludo claro com ramiagens cinzentas, mobiliada com inexcédível graça, sem ostentação, sem luxo, mas onde se notava logo certa correcção no arranjo dos moveis, na collocação dos quadros, na limpidez dos crystaes.

Ao fundo, entre as duas portas altas e esguias que diziam para o interior da casa, ficava o piano, um Pleyel novo, muito lustroso, sempre mudo, sobre o qual assentavam estatuetas de *biscuit*. Á direita, descansando sobre grandes pregos dourados, o retrato a oleo do coronel com a sua barba em ponta, olhava para o piano, muito serio, em symetria com o da esposa.

O corredor da entrada separava a sala de visitas do gabinete do Zuza que ficava á esquerda.— « Não faltava mais nada! » repetia mentalmente o coronel estendido na espreguiçadeira de lona, pernas traçadas, defronte da varanda, aparando as unhas.

Em casa usava calças brancas, paletó de seda amarello e sapatos de entrada baixa com flores no rosto de lã.

Era hora d'almoço, o Zuza não devia tardar. Ia falar-lhe decididamente; aquella historia do namoro não lhe cheirava bem. Talvez o filho tivesse mesmo a estroinice pueril de desfructar a rapariga.

Dahi a pouco entrou o estudante. Vinha muito jovial, cantarolando o *Bocacio* :

*Si acaso algum de nós  
tiver por sina atroç  
mulher que se não cale  
que a toda hora fale...*

E repetia muito alegre :

— *Tra la la la... tra la la la...*



— Vens muito alegre, hein, meu filho ? interrompeu o coronel da sala.

Zuza tinha entrado para o gabinete e começava a despir-se.

— Ah ! meu pae estava ahi ?

E logo :

— Trago uma novidade.

— Vejamos...

— Vou a Baturité com o presidente.

— Ainda bem, ainda bem... fez o coronel num tom desusado, sem erguer a cabeça.

— Como ainda bem ? inquerio o estudante aproximando-se.

Apenas trocara o fraque por um paletó de brim branco.

— Porque... porque... Eu precisava mesmo falar te. Ora dize, uma cousa : lêste o ultimo numero da MATRACA ?

Zuza franziu os sobrolhos desconfiado, com um risinho sêcco. — « Não tinha lido a MATRACA, não. Um jornalêco immoral que andava por ahi ? Não, não tinha lido. Porque ? »

— Que historia é uma de namoro no Trilho de Ferro ? Fala-se em ti, no teu nome, numa normalista...

Cresceu o assombro do rapaz.

— Eu ? !.. Meu pae está gracejando...

— Juro-te que não. Mas olha, quem diz é a MATRACA e alguém affirmou-me particularmente que a rua está cheia...

— E esta! fez o Zuza cruzando os braços admirado. Pois meu pai não vê logo que isto é um graço de máo gosto, um canalhismo de provincia?

— O que é certo é que não te fica bem a brincadeira.

— Absolutamente não, e eu preciso saber quem é o autor do pasquim...

A creada avisou que o almoço estava na mesa.

— ... Sim, continuou Zuza, vou informar-me, preciso saber...

— Eis ahí está porque fazes bem indo passar uns dias a Baturité.

E polindo as unhas, o coronel dirigio-se para a sala de jantar, grave como um apóstolo do bem, em quanto o filho ia desabafando suas coleras contra a sociedade cearense.

— « Uma sociedade que lê a MATRACA e gosta! »

No outro dia, com effeito, o futuro bacharel seguia no expresso para Baturité em companhia do Dr. Castro, presidente do Ceará.

Lia-se na *Provincia* :

« Segue amanhã, pela manhã, com destino a Baturité, afim de visitar a importante fabrica *Proença*, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Provincia. Acompanham o illustre amigo do Ceará os nossos distinctos amigos e coreligionarios Srs. Dr. José de Souza Nunes e José Pereira nosso collega de redacção. S. Ex. pretende demorar-se alguns dias naquella cidade. »

Maria do Carmo leu com surpresa a noticia da

*Provincia* e não poudes conter um gesto de despeito. Era desse modo que o Sr. Zuza estava doudo por ella! Ir-se embora sem ao menos lhe communicar! Nem sequer deixara um bilhetinho, um cartão com duas palavras, duas somente! Que custava escrever num pedaço de papel — *Vou e volto?*

Zangára-se devéras, atirando a folha para um lado, trombuda, furiosa.

Estava tudo acabado, não falaria mais no Zuza, não lhe escreveria: que fosse bugiar! Moças havia muitas no Ceará: que procurasse uma lá a seu geito e ella por sua vez trataria de arranjar noivo, mas noivo para casar, noivo sério, noivo de bem!

Entretanto, Maria não tinha feito reparo na despedida do Zuza, um soneto endecasyllado, com syllabas de mais nuns versos e de menos noutros. *Adeus* — era o titulo e vinha na terceira pagina da *Provincia*. Depois é que vio, porque a Lydia mostrou lh'o.

— Já estavas fazendo mau juizo do rapaz, hein? disse a Campellino.

— Certamente, confirmou Maria. Nem ao menos teve a lembrança de me avisar!

— Como querias tu que elle avisasse si ainda não lhe respondeste a carta?

Maria esteve pensando com o jornal na mão, lendo e relendo os versos, e, meio arrufada meio risonha:

— Embora! O dever d'elle era me participar. O homem é que faz tudo...

E na manhã seguinte, muito cedo, pulou da rêde e foi no bico dos pés, embrulhada no lençol, ver passar o trem através da vidraça.

A locomotiva disparou numa rapidez crescente, soltando rôlos de fumo e fagulhas que pareciam uma irrisão aos olhos da normalista. A sineta, num badalar continuo, acordava os moradores do Trilho, áquella hora ainda nos lençoes.

Maria vio passar a enfiada de vagons estralejando sobre os trilhos, e esteve muito tempo em pé ouvindo o silvo longinquo da locomotiva que ia, como uma cousa douda, sertão a dentro! Começou então a sentir-se só; teve vontade de abrir num chôro hysterico como si lhe houvessem feito uma grande injustiça. Voltou para a tepidez do seu quarto e lá deixou-se ficar até sahir o sol, com um peso no coração, encolhida na rêde, sem animo para levantar se, desejando um quer que era vago e extraordinario que lhe punha arrepios intermitentes na pelle. Que bom si o Zuza estivesse ali com ella, na mesma rêde, corpo a corpo, aquecendo-a com seu calor... Aquella hora onde estaria elle? Talvez em Arronches...; não, já devia ter chegado a Monduby... Imaginava-o mettido num comprido guarda-pó de brim pardo, tomando leite fresco na estação, ao lado do presidente, tirando do bolso da calça um maço de notas de banco, muito amavel, rindo... Depois o trem apitava. Havia um movimento rapido de gente que embarcava ás pressas, e... lá ia outra vez por aquelles descampados fóra, caminho da serra que

se via ao longe, rente com as nuvens, como aquellas cadeias colossaes de montanhas onde ha gelos eternos e que na geographia têm o nome de Alpes...

De repente lembrou-se :

« — E si o trem desencarrilhasse?... » Ia adormecendo quando lhe veio á mente esta idéa. Sentou-se na rêde, esfregando os olhos, como si tivesse acordado de um pesadelo. « — Si o trem desencarrilhasse o presidente morreria tambem... »

... Teve um consolo. Não, o trem havia de chegar em paz com todos os passageiros. Espreguiçou-se toda com estalinhos de juntas e, machinalmente, deixou escapar um — ai ! ai ! — muito languido e prolongado.

Lá fóra recomeçava a labuta quotidiana. A creada puxava agua da cacimba ; o cargueiro d'agua potavel enchia os potes ; cegos cantavam na rua uma lenga-lenga massante, pedindo esmola numa voz chorada ; vendedores ambulantes offereciam cajús... Havia um ruido matinal de cidade grande que desperta.

Nesse dia Maria do Carmo não foi á Escola Normal : que estava incommodada, com uma enxaqueca muito forte.

João da Matta tomou-lhe o pulso, mandou que mostrasse a lingua, muito solícito, com cuidados de pae : — « Não era nada, uma defluxeira. » E largou-se para a Repartição, palitando os dentes.

A Lydia, essa tinha liberdade plena em casa da

mãe, ia á Escola quando queria e, si lhe convinha, lá não punha os pés. Deixou-se ficar tambem com a Maria. — Tinham muito que conversar.

— Que de saudades, hein? começou a Campellino.

Estavam só, na sala do amanuense. D. Therezinha tinha ido a casa da viuva mostrar um córte de fazenda que o Janjão lhe comprára.

Maria, derreada na cadeira de balanço, fechou o volume que estivera lendo, e, com um bocejo: — « É verdade, o diabo do rapaz não lhe sahia da lembrança. Nem um castigo... Mas estava muito desgostosa da vida, já andavam inventando historias, calumnias... »

— Não t'importes, minha tôla. Ora! ora! ora!... Isso a gente faz ouvidos de mercador e vai p'ra diante. A vida é esta, e tôla é quem se illude.

— Não, Lydia, as cousas não são como tu pensas. No Ceará basta um rapaz ir duas vezes a casa d'uma moça para que se diga logo que o namoro está feio, que é um escandalo, e nós é que somos prejudicadas. « Ah! porque já não é mais moça, porque é uma semvergonha » é o que dizem...

— Pois olha, esta aqui ha de namorar até não poder mais. Queres que te diga uma cousa? Isso de casamento é uma cantilena...

E, num assomo de despeito, a Campellino lembrou mulheres casadas que tinham amantes e que viviam muito bem na sociedade; citou a mulher do Dr. Mendes, juiz municipal. Estava ali uma que fôra

encontrada aos beijos com o José Pereira da *Provincia*, em pleno Passeio Publico! Quem era que não sabia? Ninguém. Entretanto frequentava as melhores familias da capital — era a Sr.<sup>a</sup> D. Amelia! Queria outro exemplo?

E abaixando a voz :

— Aqui mesmo em casa o tens, minha tôla. Ninguém ignora neste mundo que D. Therezinha é amigada com teu padrinho. E tudo mais é assim, querida Maria. A canalha fala d'inveja, invejosos é o que não faltam nesta terra.

Maria prestava attenção, silenciosa.

— Então, disse ella por fim, achas que devo continuar o namoro?

— Que duvida, mulher! Eu é porque já tenho o meu. Assim mesmo...

Maria sentio uma pontinha de ciume roçar-lhe o coração. Disfarçou com um risinho sêcco.

— Eu estive pensando, disse, caso o Zuza me pregue uma *tabôca*...

— Nada mais simples: prega lhe outra casando-te com o primeiro bilontra que apparecer. Amor com amor se paga...

— Não, falemos sério...

— Que queres tu que se diga? Eu cá não costumo enganar ninguém. Sou muito franca — pão pão, queijo queijo...

— Dão licença? disse uma voz fóra, na rua.

Era D. Amelia, mulher do Dr. Mendes.

Maria foi abrir a rotula.

— Oh! por ali?...

— É verdade, meninas, venho morta de calor. Uf! que solão, que solão!

Lydia, muito expedita e prompta, ajudou a desatar o véo e a tirar as luvas.

Como estava a Teté? perguntou D. Amelia muito afogueada, tirando o chapéo defronte do espelho. D. Amanda ia bem? E sentando-se:

— Já sei que não foram hoje á Escola... Bôa vida! Não ha como ser moça. Pois, meninas, venho d'uma *séca*. Fui ali a casa da costureira experimentar o meu vestido de setim...

— Isso é que é bôa vida, disse a Campellino: passeios, vestidos...

Maria tinha ido chamar a madrinha: que era um pulo.

— Qual passeios! Quem tem filhos póde lá passear?

D. Therezinha não se fez esperar. Entrou sacudindo os quadris, bamboleando-se toda.

— Ora viva! disse atirando-se nos braços de D. Amelia. Como vai, como tem passado? Que milagre!

Agora todas falavam a um tempo, rindo, gabando-se.

— Sabem quem esteve hontem comnosco?... O Zuza. Diz que volta sabbado de Baturité. Gabou muito a Maria: que é uma cearense distincta, muito prendada, chique a valer, um horror! Ao que parece temos casorio...



— Qual casorio ! fez Maria com um rubor nas faces. Invenções...

— Não havia de ser contra minha vontade, disse D. Therezinha. Seria até uma felicidade. Deus o permitta...

Falaram de modas.

D. Therezinha alardeou o seu rico vestido de setim, que a viuva Campello achára de muito bom gosto.

D. Amelia queixou-se do marido : um homem sem gosto, um mosca-morta, muito deleixado, com venetas de doudo. Ella até já se aborrecia, porque o Mendes tinha o máo costume de beber aguardente ; ás vezes chegava tropeçando, com a lingua pegada, sem poder falar. Vestidos ella via-os de anno em anno. Um indifferente, o Mendes. Soffria de uma erysipela na perna direita que o prohibia de trabalhar mezes inteiros...

— Pois olha, disse D. Therezinha, o meu faz me as vontades, mesmo porque eu não sou mulher de muitos me-deixes. Todos os mezes é p'r'ali um vestido. Diabo é quem os poupa ! Tambem, minha filha, dou-lhe toda a liberdade, fóra e dentro de casa. Felizmente não tenho queixa d'elle.

Lydia pedio a D. Amelia que tocasse alguma cousa, a *Juanita*, que era a valsa da moda.

A proposito D. Amelia perguntou si já tinham ido ao theatro. Que fossem, que fossem. O grupo lyrico da Naghel estava fazendo successo. A Bellegrandi era um mulherão capaz de arrebatat uma pla-

téa inteira. Que modos, que requebros! Domingo ia a *Juanita* pela ultima vez em beneficio da Aliverti. Que fossem. Era uma opereta interessantissima, por signal tinha sido representada cem vezes na Côrte! A beneficiada ia fazer o papel de Juanita.

— Eu é para que tenho geito, atalhou a Campelinho, é para o theatro. Deve ser uma vida tão cheia de sensações a das actrizes. . . Vestem-se de todas as fôrmas, recebem presentes ricos, joias, anneis de brilhante. . . , são applaudidas e ainda por cima ganham dinheiro a ufa. Eu já disse á mamãe, mas ella não quer por cousa alguma, diz que é uma vida immoral. . . Tolice! Ha tanta gente bôa nos theatros. . . A ultima vez que fui ao circo chileno fiquei encantada pela *Estrella do mar!*

— É o que você pensa, menina, disse D. Amelia. Essas pobres mulheres fazem um rôr de sacrificios. . . Sabe Deus quanto lhes custa um noite d'espectaculo! Acabam quasi sempre miseraveis, coitadas, nalgum quarto d'hotel, a esmolas. Emquanto são moças ainda, ainda, encontram quem lhes estenda a mão, porém, depois, morrem p'r'ahi em qualquer pocilga, sem um real para a mortalha. *Tibis*, menina, nem se lembre de tal cousa!

Maria, a um canto do sophá, pensava no estudante, perdida num labyrintho de reflexões, com uma languidez no olhar vago. O Zuza preocupava-a como um sonho d'ouro. Começava a sentir o que nunca sentira por homem algum, certo desejo de ter um marido a quem pudesse entregar-se de corpo e alma,

certa sentimentalidade sem causa positiva, uma como abstracção do resto da humanidade... E quando D. Amélia, sentando-se ao piano, começou a tocar a *Juanita*, veio-lhe um vago e exquisito desejo de ir-se pelo mundo fóra nos braços do « seu » Zuza, rodopiando numa valsa entontecedora até cansar... Via-se nos braços *delle*, arquejando ao compasso da musica, quasi sem tocar o chão, voando quasi, leve como um flóco d'algodão, como uma penna, como uma cousa ideal e aerea... E lembrava-se do padrinho. Ah! o padrinho queria tanto mal ao Zuza... D'ora avante ia agradar muito a João, tratál-o com mais carinho, dar-lhe muitos cafunés, fazer-lhe todas as vontades, adulal-o, afim de que elle não ralhasse por causa do estudante. Que tôla não ter escripto logo ao Zuza, áquelle Zuza que era agora a quantidade constante de seus calculos, a preocupação unica de seu espirito, o seu *alter ego*!

Sim, porque, de resto, ella não havia de ser nenhuma freira que ficasse p'r'ahi solteirona, sempre casta como uma vestal.

A Lydia tinha razão — a mulher fez-se para o homem e o homem para a mulher. Era sempre melhor aceitar a cartada que se lhe offerecia do que entregar-se ahí a qualquer caixeiro de armarinho, a qualquer logista usurario e safado. Ao menos o Zuza tinha dinheiro e posição, era um rapaz conceituado. Comparava-se com a Lydia e sentia-se outra, muito outra, noiva de um moço elegante, estimada, querida por todos. Ninguem se lembraria, depois, de

sua origem humilde, todo o mundo a respeitaria como esposa do Sr. Dr. José de Souza Nunes! Começava mesmo a sentir uma grande afeição pelo Zuza.

As ultimas notas do piano produziram-lhe uma commoçosinha, uma ponta de saudade sincera, um arrepio na epiderme. E, levantando se muito desconfiada, foi juntar-se ás outras que palravam por quantas juntas tinham.

A voz da Campellino timbrava muito fina e metalica, traduzindo todo um temperamento nervoso e irrequieto.

Acharam deliciosa a valsa da *Juanita*. Maria tambem deu o seu parecer: que era linda, que ia ensaiar-a. Falavam alto, numa intimidade de amigas velhas, sem pensar nas horas que iam passando rapidamente.

Fazia sombra na calçada. Pela janella aberta entrava uma poeira subtil que punha uma camada muito tenue e pardacenta no verniz gasto dos moveis. Vinha lá de dentro, d'envolta com o fumaceiro da cozinha, um cheiro gorduroso e excitante de guisados.

Deram tres horas..

— Jesus! fez D. Amelia erguendo-se admirada. Tres horas! Vou-me chegando, meninas.

— Agora fique para jantar, solicitou D. Therezinha. Nada de cerimonia, o Janjão não tarda, é comida de pobre, mas sempre se passa...

— Ora fique, Jesus!

— Não, Tetézinha de minh'alma, não posso, o

Mendes me espera, aquillo é um estouvado. Vim sómente para pedir um favorzinho, mas é segredo...

— Oh! filha...

Entraram as duas para a sala de jantar. A Mendes pediu agua, e, dando estalinhos com a lingua, acariciando a mão de D. Therezinha, disse muito baixo, quasi ao ouvido, engrossando a voz, que precisava dez mil réis para pagar a costureira e vinha pedir-lh'os até ao fim do mez. A Teté não imaginava: tinha em casa o essencial para a feira no dia seguinte! O Mendes pouco se importava que houvesse ou não dinheiro... Tivesse paciencia, sim? Pagava, sem falta, no fim do mez.

Disse que os meninos andavam descalços, que as despezas eram muito grandes, allegou o preço da carne... Um horror! Não se podia num tempo d'aquelle comer com pouco dinheiro. Não sobrava nem para um vestido!

Tambem estava muito «quebrada», disse D. Therezinha compungida. O Janjão tinha feito um rôr de despezas naquelle mez; dava graças a Deus quando lhe virha um dinheirinho do Pará, de rendas... Só ao velho Teixeira, um que emprestava dinheiro a juros, deviam duzentos mil réis. Em todo caso sempre ia ver se arranjava p'ra cinco mil réis. Era um instantinho...

Foi depressa á alcova, abriu com estrondo a gaveta da commoda e d'ahi a pouco voltou com uma nota de 5<sup>000</sup> muito velha e ruça, quasi em franga-

lhos, que entregou á outra. Era só o que tinha para servil-a.

— Muito obrigada, minha santa, não sabe quanto lhe agradeço... No fim do mez, sem falta.

E guardando o dinheiro na velha bolsinha de couro da Russia :

— Agora deixe-me ir.

— Porque não fica p'ra jantar, insistio D. Therezinha. O Janjão está chegando, mande um recadinho ao Dr. Mendes.

— Qual, filha, não posso. O Mendes é muito enjoadado; fica para outra vez, sim?

Beijaram-se depressa e a mulher do juiz municipal retirou-se com o seu passo miudinho, arrepanhando o vestido.

— Apareçam, hein? disse da rua. Amor com amor se paga...

E desapareceu, como um foguete, na esquina.

Às quatro horas entrou o amanuense com a papelada debaixo do braço, muito suado, assobiando a *Mascotte*.

A Campellino tinha-se escapulido : que eram horas de jantar.

Maria do Carmo sentara-se ao piano e ensaiava a *Juanita*.

D. Therezinha, essa andava para dentro, ás voltas com a cozinheira, provando as panellas, ralhando.

João apenas sacudiu os papeis sobre o sophá foi direito á afilhada.

— A santa está tocando a *Juanita*? Que mimo, Jesus! Como se pôde ser bonita assim!

E, sem dar tempo a Maria defender-se, poz-lhe um grande beijo na face. A normalista sentiu um brazeiro no rosto ao contacto da barba espinhenta do amanuense, e um bafo insupportavel de alcool tomou-lhe as narinas. Era a primeira vez, depois que sahira da *Immaculada Conceição*, que o padrinho lhe beijava em cheio na face. O amanuense tinha-se aproximado devagarinho, de mãos p'ra traz, e, de repente, tomando-lhe a cabeça entre as mãos fedorentas a cigarro, beijou-a perto da orelha, continuando cynicamente a assobiar.

Ella apenas pôde dizer — padrinho! agarrando-se á cadeira de móla. Ficou muito séria, a limpar o rosto com a manga do casaco. Ah! mas dentro, nas profundezas de sua alma teve um odio immenso áquelle homem nojento que abusava de sua autoridade sobre ella para beijal-a! Fosse outro, ella teria correspondido com uma bofetada ná cara... Mas, que fazer? Era seu padrinho, quasi seu pai, devia atural-o, tinha obrigação de submeter-se, porque estava em sua casa delle, comia de seus pirões e o papae lhe pedira muito que o respeitasse. A principio até o estimava, não o achava máo completamente; agora, porém, que uma especie de instincto irresistivel a impellia para o Zuza, agora que o estudante occupava um logar no seu coração enchendo-o quasi, o padrinho ia-se-lhe tornando repugnante e desprezível. Não podia chegar-se a elle, vel-o de perto,

encaral-o frente a frente sem um profundo e occulto frenezi. Um homem que não cuidava dos dentes, que não se banhava, um bebado!

Esteve folheando o livro de musicas automaticamente, sem se mexer, sem dar palavra, esperando que João se retirasse da sala. João, porém, bateu o postigo com força cambaleando, dando encontrões nos moveis, aproximou-se outra vez da afilhada, e, num movimento abrutalhado, abraçando-a por traz, curvando-se para a frente sobre ella, chimpou-lhe outro beijo, agora na bocca, um beijo humido, selvagem, babando-a como um allucinado...

Maria quiz gritar suffocada, mas o amanuense, tapando-lhe a bocca, ameaçou:

— Nada de gritos, hein! nada de gritos... Eu sou seu padrinho, posso lhe beijar onde e quando quizer, está ouvindo? Nada de gritos!

E Maria, com os labios muito vermelhos, como a polpa d'uma fructa, debruçada sobre o piano, desandou a chorar nervosamente.

João da Matta tinha bebido soffrivelmente na bodéga do Zé Gato onde costumava aquecer os pulmões ao voltar da Repartição. Nesse dia excedeu-se, tomando em demasia, porque já lá estava o Perneta, um dos correios, que usava muleta, que tambem gostava da pinga e escrevia versos para o *Judeu Errante*.

Num momento deram cabo d'uma garrafa em cujo rotulo lia-se esta *réclame* attrahente como visgo: *Cumbe legitima!*



E que loquacidade! Falaram por tres deputados brasileiros sobre poesia e politica.

O Perneta, sujeito pretencioso e pernóstico, mettido á litterato, falando sempre com certo ar dogmatico, ventilou uma questão de litteratura cearense.— Que não tinhamos poetas, disse; o que havia era uma troça de malandros e de pedantes muito bestas, que escrevinhavam para a *Provincia* cousas tão ruins que até faziam vergonha aos manes do glorioso José de Alencar; uma sucia de imitadores que se limitavam a copiar dos jornaes da Côrte.

Na sua opinião o Ceará só possuia um poeta verdadeiramente inspirado—era Barbosa de Freitas! Esse, sim, cantava o que sentia em versos magistraes, dignos de V. Hugo. Conhecera-o pessoalmente. Um bohemio! Fazia gosto ouvil-o. Que eloquencia, que verve, que talento! Sabia de cór muitas poesias d'elle, mas nenhuma se comparava ao *Extasis*, « esse poema de amor » que valia por todas as poesias de Juvenal Galeno. O João queria que recitasse?

— Recita lá, fez o amanuense emborcando o calice.

E o Perneta com a voz cavernosa, os cotovellos sobre a mezinha de ferro pintada de amarello, recitou de um folego o *Extasis* :

*Quando, ás horas silentes da noite,  
Doce flauta descanta no ar,  
Quando as vagas soluçam baixinho  
Sobre a praia que alveja o luar...*

.....

Terminou cansado, com um acesso de tosse, cuspinhando para o lado.

— Sim, senhor! fez João da Matta com um murro na meza. Isto é que é ser poeta!

«— Queriam alguma cousa? veio perguntar o caixeiro, um rapazinho magro, doente, com olheiras.

— Não, menino, disse o amanuense; está acceza a lanterna, por ora. Foi entusiasmo.

Estavam no fundo da bodéga, numa saleta escura, sem sahida por traz, com as paredes encardidas, humida, cheirando a cachaça, onde os freguezes tomavam bebidas. « Sómente os freguezes de certa ordem » prevenia o Zé Gato.

— Pois é isto, continuou o Pernetá. O pobre Barbosa de Freitas acabou como o grande Luiz de Camões, na enxerga d'um hospital, e nisto, penso eu, está a sua maior gloria.

— Apoiado!

E o que se vê hoje? Pedantismo somente. Os poetas de hoje usam fraque, gravata de seda e polainas, escrevem chronicas elegantes, fazem politica.

Os Alvares de Azevedo e os Barbosa de Freitas são genios que apparecem de seculo em seculo, como certos cometas », no céu da litteratura!

— Que tal achas o Zuza como poeta? perguntou o amanuense.

— Não me fales em semelhante gente. Aquillo é peor do que um cano de esgoto, homem. Quem chama o Zuza poeta não sabe o que é ser poeta, nunca leu o nosso Barbosa de Freitas. O Zuza em-

porcalha papel — nada mais. Aquillo só presta mesmo para capacho do presidente.

A conversa encaminhou se para a politica e João da Matta tomou a palavra.—Que a politica era a desgraça do Ceará; que estava cansado de trabalhar gratuitamente para a politica. O que queria agora era dinheiro para acabar de levantar uma casinha no Outeiro.

— E que tal o presidente? perguntou o Perneteta. Achas que fará alguma cousa em beneficio do Ceará?

— Homem, como sabes, eu sou governista, porque, infelizmente, sou funcionario publico, mas entendendo que o Sr. Dr. Castro é um grandissimo pandego.

E noutro tom, limpando os oculos:

— Nós precisamos é de homens sérios, seu Perneteta, nós queremos gente séria!

Contou então que na sêcca tinha ganho muito dinheiro á custa dos cofres publicos; que fôra commissario de soccorros, e que os présidentes do Ceará eram uns urubús que vinham beber o sangue ao emigrante cearense.

Tinha assistido a muita ladroeira na secca de 77.

— Aqui p'ra nós, accrescentou cauteloso, abaixando a voz, o actual presidente não é—justiça lhe seja —um homem sem juizo, um idiota, um leigo, mas, a continuar como vai, forçando a emigração para o sul, dentro em pouco transforma esta terra numa especie de feitoria de S. Paulo. É embarcar gente muita para o sul, seu compadre! Já lá foram quatorze mil

e tantos! Isto é despovoar o Ceará, isto é fazer pouco caso do Ceará, c'os diabos!

— É bem feito! disse o Pernetá, é muito bem feito para não sermos bestas. Isto é uma terra em que os extranhos fazem o que querem e ninguem protesta, ninguem reage. Nós só sabemos ser máos para os nossos patricios.

— Mas olha que o *Cearense* tem comido o couro ao homem...

— Qual comido o couro! O povo é que devia dar uma lição de mestre ao governo, a este governo sem patriotismo e sem criterio! E com esta me vou, que isso de politica fede... Queres mais alguma cousa?

— Olha que demos cabo d'uma garrafa! Nem mais uma gotta. Que horas tens?

O outro puxou um relógio de *plaqué* desbotado, dentro d'uma capa de camurça, e, erguendo-se:

— Quatro menos cinco minutos. Safa! O tempo vôa! Ô Zé, bota na conta isto: uma garrafa de *branca*.

— Já cá está, accudio o Zé Gato, muito sujo, com um dedo amarrado num panno preto, o lapis detraz da orelha, arrastando os chinellos.

— ... Na conta do *Pernetá*, explicou João da Matta.

E sahiram pisando em falso, por entre fardos de carne sêcca e caixas de cebôla.

— O João, perguntou na rua o aleijado, a menina casa sempre com o typo?

— Quem, a Maria?

— Sim.

— Casa, mas ha de ser com o diabo! Sujeitos d'aquella ordem não me entram em casa...

— Mas olha que é um casamentão!

— Nem que elle viesse coberto de ouro num palanque de diamante. Ella só ha de casar com quem o padrinho quizer. E adeusinho, menino, adeusinho. Separaram-se.

Passava um enterro caminho do cemiterio. Quatro gatos-pingados, de preto, conduziam o caixão cujos galões côr de fogo reluziam ao sol. Pouca gente acompanhando: uns dez homens cabisbaixos, taciturnos, de chapéo na mão, marchavam a passo e passo. Na frente caminhava um padre, de estóla e sobre peliz, olhando para os lados, indifferente, mais um menino de côr de batina encarnada carregando a cruz.

O sino da Sé dobrava a finados melancolicamente. Gente chegava ás janella para ver passar o prestito.

— De quem é? Quem morreu? perguntava-se com mysterio.

— A terra lhe seja leve, fez o Zé Gato abanando a cabeça com um ar triste.

João da Matta parou á beira da calçada affagando a pêra com os dedos magros e compridos, nervoso. — Quem morreria? pensava. — E, assim que o prestito passou, foi andando devagar, cabeça baixa, equilibrando-se.

No outro lado da rua o Romão, o negro Romão que fazia a limpeza da cidade, passava muito bebado, fazendo curvas, de calças arregaçadas até os joelhos, peito á mostra, com um desprezo quasi sublime por tudo e por todos, gritando numa voz forte e aguardentada — *Arre corno!*... Um garoto atirou-lhe uma pedra.

Mas o negro, pendido p'ra frente, zigzagueando, tropeçando, encostando-se ás paredes, torto, baixo, o cabelo carapinha sujo de poeira, pardacento, repetia insistentemente, aito e bom som, o estribilho que todo o Ceará estava acostumado a ouvir lhe — *Arre corno!* e que repercutia como uma verdade na tristeza calma da rua.

## V

Um tédio invencível, um desanimo infinito foi se apoderando de Maria do Carmo a ponto de lhe alterar os habitos e as feições. Começou a emmagrecer, a definhar, enfadando-se por dá cá aquella palha, maldizendo-se. Tudo a contrariava agora, tinha momentos de completo abandono de si mesma, o mais leve transtorno nos seus planos fazia-lhe vontade de chorar, de recolher-se ao seu quarto e desabafar consigo mesmo, sem que ninguém visse, num choro silencioso. Estava-se tornando insociável como uma freira, tímida e nervosa como uma hystérica. Ia á Escola para não contrariar os padrinhos, para evitar desconfianças, mas o seu desejo, o seu unico desejo era viver só, completamente só, numa especie de deserto, longe de todo ruido, longe d'aquella gente e d'aquella casa, num lugar onde ella podesse ver o Zuza todos os dias e dizer-lhe tudo que quizesse, tudo que lhe viesse á cabeça. O ruido que se levantou em torno de seu nome incommodava-a horriavelmente, como o zumbir d'uma vespa enorme que a perseguisse constantemente. — Que inferno! Todo o

mundo mettia-se com a sua vida, como si fosse uma grande cousa ella casar com o Zuza! Era melhor que fossem plantar batatas e não estivessem encafifando-a. Havia de casar com o Zuza, porque queria, não era da conta de ninguem, seu coração era livre como as andorinhas. Oh!...

— Mas, menina, quem diz o contrario? perguntava a Campellino. Eu sempre te aconselhei que o melhor partido era aceitar o amor do estudante.

Não era a Lydia, eram as outras, as invejosas, as brutas, que nem siquer sabiam conjugar um verbo. Estava cansada de ouvir pilherias e risinhos tôlos, mas á primeira que lhe dissesse tanto assim (e indicava o tamanho da unha), á primeira que abusasse da sua paciencia, ella, Maria, saberia responder na ponta da lingua. Umam namoradeiras que punham-se a dar escandalos com os estudantes do Lyceu, umas semvergonhas! Havia de mostrar!

Ella é que era uma tôla, dizia a Lydia; as normalistas falavam de invejosas; mandasse-as plantar favas. Cada qual namora com quem quer, e, demais, não era nenhuma admiração a Maria casar com o Zuza. Porque? Porque elle era rico e ella pobre?

Muito obrigada! Napoleão I tinha-se casado com uma simples camponeza, e mais era um imperador!

E Maria do Carmo passava noites sem dormir, a pensar no futuro bacharel, retratando-o na imaginação, amando-o de longe. Havia já seis dias que elle seguira com o presidente, num domingo.



Que custo, que viagem sem fim! Aquella demora impacientava-a. Já era tempo de terem voltado....

Todos os dias, á noitinha, ia esperar a *Provincia*, na janella, a ver se encontrava alguma noticia dos excursionistas.

Mas, nada!

No domingo seguinte, porém, a folha official noticiou que « os illustres *touristes* » deviam regressar á capital no dia immediato.

— Oito dias! Tel-a-ia esquecido? Oito dias na serra tomando banhos de cachoeira, passeando a cavallo, caçando, divertindo-se—que excellente vida!— Maria do Carmo sentiu uma alegria deliciosa ao saber que d'ahi a vinte e quatro horas o Zuza estaria de volta, mais amavel talvez, mais nutrido, mais gordo e mais bonito, contando-lhe as minudencias da viagem. Agora, sim, conversaria com elle, perguntar-lhe-ia si gostara da serra, si tencionava partir logo para o Recife, si pretendia casar no Ceará...

Nessa noite fez-se muito bôa para o padri-nho, chamou-o « padrinhosinho », acariciou-lhe os bigodes, alisou-lhe o cabello, sem dar a entender o seu grande contentamento, a sua grande felicidade. Durante o vispora esteve perto d'elle, acompanhando-lhe o jogo, lembrando quando elle esquecia marcar um numero, dando-lhe cafunés no alto da cabeça, com uma solicitude ingenua.

Quando os *habitués* do vispora retiraram-se, João da Matta chamou a afillhada á alcova, e, muito em segredo, como si fossem velhos namorados, pediu-

lhe um beijo na «boquinha». Maria offereceu-lhe os labios com uma passividade de escrava, sem a menor resistencia, pondo-se nos bicos dos pés, porque João era muito alto, e deixou que elle sugasse-os em dois tempos, ás pressas, antes que viesse D. Therezinha.

Grande foi a admiração e a luxuria do amanuense. Maria entregara-se-lhe sem um grito, sem um esforço! E suspendendo-a pela cintura, num impeto de carnalidade indomavel, apertou-a contra si, com força, rilhando os dentes, nervoso, bambas as pernas, o coração aos pulos; mas soltou-a logo, D. Therezinha ali vinha pelo corredor, arrastando os velhos sapatos achinelados. João poz-se a assobiar, de mãos p'ra traz.

— Estavam jogando o serio? perguntou a mulher.

— Não. Porque ?..

— Tão calados!...

— Querias tu que estivessemos a gritar como doudos? fez o amanuense ainda tremulo da commoção, emquanto Maria, sem dizer palavra, disfarçava na janella, olhando o céu.

D. Therezinha começara a desconfiar das intenções de João da Matta. Via-o agora muito babado pela Maria, convidando-a sempre para junto de si, perseguindo-a mesmo e notava que a rapariga ultimamente já não era a mesma para elle, evitava-o, fugia de sua presença, esquivava-se como uma gatinha corrida pelo macho.

Um dia, vendo-a triste a um canto, perguntou-lhe o que tinha. Maria conservou-se calada e seria,

sem erguer a cabeça. D. Therezinha quiz attribuir aquelle estado á ausencia do Zuza, mas notou que havia no olhar da afilhada um como resentimento novo, de momento. Nesse dia, justamente, João esbravejara muito contra a rapariga, ameaçando-a espancar si ella ousasse « pensar » no estudante. Desde então começaram as suspeitas de D. Therezinha que conhecia certas tendencias instinctivas de João. — De certo alguma cousa se passava entre elles. Esses sobressaltos, essas arrelias... — Entretanto, deixava as cousas no mesmo pé, sem dizer nada. Talvez fosse desconfiança...

E o mais curioso é que João agora tinha rugas consecutivas com a mulher, sem motivo, por ninharias, ao voltar da Repartição ou pela manhã, antes de se ir.

Um bello dia rompeu devéras. João sentiu logo o sangue subir-lhe á cabeça, e, numa excitação violentissima, num d'aquelles impetos de raiva que lhe eram tão communs devido á sua natureza irascivel, ao seu temperamento bilioso, desandou furioso contra D. Therezinha, arremetendo com a mão fechada, fulo de colera. — Naquelle casa quem mandava era elle, ficasse sabendo ! Não aturava desafôros de mulher alguma quanto mais d'ella que não tinha nada com a sua vida !

— E fique você sabendo, acrescentou com a sua vozinha estridente, dando murros na mesa. Fique você sabendo que uma mulher amigada é como si fosse uma femea qualquer, ouvio? Si duvidar ponholhe no olho da rua !

Palavras não eram ditas, D. Therezinha saltou como uma féra, congestionada, os olhos accezos d'um fulgor phosphorescente, desesperada, possessa, os braços em arco e as mãos nas ilhargas :

— Você o que quer sei eu, seu cachorro! Você quer é abusar da menina e plantar-lhe um filho no buxo, seu grandis...

Não acabou a palavra, porque o amanuense, ferido no seu amor proprio, na sua autoridade de chefe da casa, cégo, tresvairado, encheu-lhe a bocca com uma formidavel bofetada que fel-a rodar.

Maria ficou perplexa, cosida á janella, muito tremula, sem saber o que fizesse, muda, como petrificada. Nos seus magnificos olhos côm de azeitona perpassou a sombra d'uma desgraça. O padrinho tinha enlouquecido, pensou. E um pavor infantil tomou-a toda.

Mal accordada dos effeitos da aggressão, titubeante, manquejando com a mão no queixo, D. Therezinha foi estender-se lá dentro da alcova, soluçando tão alto que se ouvia fóra, na rua.

Defronte, em casa da viuva Campello, estava formada a panellinha do costume—o Loureiro, a viuva e a afilhada.

Eram quasi nove horas da noite.

A Lydia com um pulo veio saber, muito curiosa, o que succedera, tinha ouvido chôro... Si precisassem alguma cousa...

Mas o amanuense tranquilisou-a: que não era nada; cousas de mulher, cousas de mulher...

A Campellino comprehendeu que se tratava de

assumptos intimos e rodou nos calcanhares. — Não era nada, era o doudo do amanuense que andava aos pontapés.

— Gente canhalha! fez o guarda-livros inalteravel. Que educação, que fina educação, recebia- e naquella casa!

Logo no dia seguinte á chegada do Zuza — uma segunda-feira luminosa de Outubro, muito azul no alto, com irradiações no granito das calçadas e uma aragem insensível quasi a arrepiar a fronde espessa dos arvoredos da praça do Patrocínio — Maria do Carmo foi recebida na Escola Normal com um chuveiro imprevisto de — parabens — que as normalistas lhe davam a guisa de presentes de annos. — Parabens! Parabens! repetiam arrastando os pés p'ra traz, abrindo alas, como si cortejassem uma princeza. — Tinham combinado saudal-a pela chegada do Zuza com esse espirito irriquieta de collegial despeitado que se apraz em chaco-tear outro, e talvez com uma ponta de inveja a mordical-as por dentro.

A praça permanecia numa quietação abençoada, com os seus renques de mungubeiras muito sombrias, verde-escuras e eternamente frescas, a desafiar, frente a frente, a pujança outomnal dos cajueiros em flôr que os lyceistas castigavam a pedradas.

Meninos apregoavam numa voz clara e vibrante: — Loteria do Pará, 30 contos!

O edificio da Escola Normal, a um canto do quadrilatero, pintadinho de fresco, cinzento, com as ja-

nellas abertas á claridade forte do dia, tinha o aspecto alegre d'uma casa de noivos acabada de cair-se.

Maria estava radiante ! Que extraordinaria alegria infiltrava-se-lhe nalma, que excellente disposição moral ! Accordara mais cedo que nos outros dias, como si tivesse de ir alguma festa matinal, algum passeio no campo, espanejando-se toda numa delicia incomensuravel, feliz como uma ave que solta o primeiro vôo. Mas ao entrar na Escola desapontou devéras ! Seriam onze horas. O director ainda não havia chegado. Raparigas de todos os tamanhos, trajando branco, azul e rosa, conversavam animadas de livro na mão, formando grupos, rindo, no vestibulo que separava a sala de musica do gabinete de sciencias naturaes, no pavimento superior.

Maria entrou vivamente alegre, de braço com a Lydia, dando — bom dia ! — ás collegas, uma bonita orchydea no peito, toda de branco, apertada por uma cinta. Mas, a sua delicada susceptibilidade estremeceu ante a insolita manifestação que se lhe fazia, e uns tons de rosa desmaiados, — um ligeiro rubor — coloriram-lhe o moreno claro das faces. — « Aceitava os parabens, como não ? Muito obrigada, muitissimo obrigada ! Queriam debical-a ? Corujas ! Fossem debicar a avó ! »

Uma gargalhada irrompeu do grupo indiscreto, clamorosa e prolongada.

— Meninas ! fez a Lydia. Isso não são modos !

— Olha a baroneza !

— Como está grande !

— Sua *incellencia* ! . . .

Maria a custo poude abafar a raiva que lhe sacudia os nervos. Sentou-se á varanda que dizia para uns terrenos devolutos do lado de Bemfica, mordicando a pelle dos beiços, trombuda, cara fechada, a olhar o arvoredo com um ar affectado de absoluta indifferença.

Continuava o ruido. Havia um jogo continuo de ditinhos picantes acompanhados de risadinhas sublinhadas—Uma queria um botão de flôr de laranjeira, da grinalda, outra desejava apenas um copito de *aluá*, ess'outra contentava-se com um beijo na « noiva », aquella queria ser madrinha do « primeiro filho »...

Começaram a atirar-lhe bolinhas de papel.

Maria marcava compasso com o pé, furiosa, sem ver nada diante dos olhos.

— Já basta ! disse a Lydia abrindo os braços como para afastar as outras. Tudo tem limite. Vocês estão se excedendo...

— Umas ignorantes ! saltou Maria accordando. Umias idiotas que querem levar a gente a ridiculo por uma cousa atôa. Ainda hei de mostrar!...

— O director ! o director ! veio avisar a Jacyntinha, uma feiosa, d'olho vasado, com signaes de be-xiga no rosto, e que estava acabando de decorar alto a lição de geographia.

Foi como si tivesse dito para um bando de creanças traquinas :—Ahi vem o *tutu* !

Houve uma debandada : umas embarafustaram pela sala de musica, outras pela de sciencias, outras, finalmente, deixaram-se ficar em pé, lendo a meia voz

muito sérias. Fez-se um silencio respeitoso, e d'ahi a pouco surgiu no alto da escada a figura antipathica do director, um sujeito baixo, espadaúdo, cara larga e cheia com uma pronunciada cavidade na calote do queixo, venta excessivamente grande e chata dilatando a um sestro especial, cabello grisalho descendo pelas temporas em costelletas compactas e brancas, olhos miudos e vivos, testa intelligente...

Maria respirou com alivio.

Mas assim que o director deu a costa, entrando para o seu gabinete, recommçou o zumzum de vozes finas, a principio baixinho, depois num crescendo.

Maria estava no mesmo lugar, á varanda, quieta e cabisbaixa, olhando o compendio aberto sobre o regaço.

O sol obrigou-a a fechar o livro. Ergueu-se e foi para a aula, carrancuda, extremamente bella com o seu vestidinho de cassa, apertado na cinta delgada.

Ao meio dia, pontualmente, chegou o professor de geographia, o Berredo, um homemsarrão, alto, grosso e trigueiro, barba espessa e rente quasi cobrindo o rosto, olhos pequenos e concupiscentes. Comprimentou o director, muito affectuoso, limpando o suor da testa. E consultando o relógio :

— Meio dia ! São horas de dar o meu recado. Com licença...

Contavam-se na sala d'aula pouco mais d'umas dez alumnas, quasi todas de livro aberto sobre as carteiras, silenciosas agora, a espera do professor. Maria occupava um dos bancos da primeira fila.



Ao entrar o Berredo, houve um arrastar de pés, todas simularam levantar-se, e o illustre preceptor sentou-se, na forma do louvavel costume, passeando o olhar na sala, vagarosamente, com bonhomia paternal —tal um pastor d'ovelhas a velar o casto rebanho.

A sala era bastante larga para comportar outras tantas discipulas, com janellas para a rua e para os terrenos devolutos, muito ventilada. Era ali que funcionavam as aulas de sciencias physicas e naturaes, em horas differentes das de geographia. Não se via um só mappa, uma só carta geographica nas paredes, onde punham sombras escuras pelles de animaes selvagens collocadas por cima de vidraças que guardavam, intactos, appare'hos de chimica e physica, redomas de vidro bojudas e reluzentes, velhas machinas pneumaticas nunca servidas, pilhas electricas de Bunsen, incompletas, sem amalgamas de zinco, os conductores pendentos num abandono glacial; collecções de mineraes, numerados, em caixinhas, no fundo da sala, em prateleiras volantes... Nenhum indicio, porem, de esphera terrestre.

O professor pediu um compendio que folheou de relance.— Qual era a lição? A Oceania? Pois bem...

— Diga-me, senhora D. Maria do Carmo: A Oceania é ilha ou continente?

Maria fechou depressa o compendio que estivera lendo, muito embaraçada, e, fitando o *mestre*, batendo com os dedos na carteira, com um risinho:

— Somente uma parte da Oceania pode ser considerada um *continente*.

— Perfeitissimamente bem !

E perguntou, radiante, como se chama essa parte da Oceania que pode ser conderada *continente*; explicou demoradamente e cathegoricamente a natureza das ilhas australianas, elogiando as bellas *paysagens* claras da Nova Zelandia, a sua vegetação opulenta, as riquezas de seu solo, o seu clima, a sua fauna, com entusiasmo de *touriste*, animando-se pouco e pouco, dando pulinhos intermitentes na cadeira de braços que gemia ao peso de seu corpo.

Maria, muito séria, sem mover-se, ouvia com atenção, o olhar fixo nos olhos do Berredo, bebendo-lhe as palavras, admirando-o, adorando-o quasi, como si visse nelle um doutor em sciências, um sabio consumado, um grande espirito. Decididamente era um talento, o Berredo! Gostava immenso de o ouvir fallar, achava o eloquente, claro, explicito, capaz de prender um auditorio illustrado. Era a sua aula predilecta, a de geographia, e o Berredo tornava-a mais interessante ainda. Os outros, o professor de francez e o de sciencias, nem por isso, davam sua lição, como papagaios, e—adeus, até amanhã. O Berredo, não senhores, tinha um excellente methodo de ensino, sabia attrahir a atenção das alumnas com descrições pitorescas e pilherias encaixadas a geito no fio do discurso.

Muitas ilhas da Oceania, dizia elle coçando a barba, são habitadas por selvagens *anthropophagos*, como os da America antes de sua descoberta...

— Imaginem as senhoras que horror! Homens

devorando-se uns aos outros, comendo-se com a mesma satisfação, com a mesma voracidade, com o mesmo canibalismo com que nós outros, civilisados, trincamos um *beef-steak* ao almoço...

Houve uma casquinada de risos á surdina.

— Agora, si o Zuza te come, disse baixinho, por traz de Maria do Carmo, uma moçoila de pincenez. Toma cuidado, menina, o bicho tem cara de anthropophago...

— E note-se, continuou o Berredo, as proprias mulheres não escapan á furia das tribus inimigas: devoram-se tambem...

— Virgem! fez Maria com espanto...

— As senhoras com certeza preferem viver no Ceará a habitar a Papuasias...

— Crédo! fizeram muitas a uma voz.

— E no Brazil ha d'esses selvagens? perguntou estouvadamente uma loura que se escondia na ultima fila, estirando o pescoço.

O pedagogo sorriu, passando a mão cabelluda na barba; e muito delicado, num tom benevolo:

— Actualmente existem poucos... Restos de tribus extinctas...

E continuou a falar com a loquacidade de um sacerdote a pregar moral, explicando a vida e costumes dos selvagens da Nova Zelandia, citando Julio Verne, cujas obras recommendava ás normalistas como um « precioso thesouro de conhecimentos uteis e agradaveis ».—Lessem J. Verne nas horas d'ocio; era sempre melhor do que perder tempo com leituras sem

proveito, muitas vezes improprias de uma moça de família...

— Vá esperando... murmurou a Lydia.

— Eu estou certo, dizia o Berredo convicto, de que as senhoras não lêem livros obscenos, mas refiro-me a esses romances sentimentaes que as moças geralmente gostam de ler, umas historiasinhas futeis de amores galantes, que não significam absolutamente cousa alguma e só servem de transtornar o espirito ás incautas... Aposto em como quasi todas as senhoras conhecem a *Dama das camelias*, a *Luciola*...

Quasi todas conheciam.

— ...Entretanto, rigorosamente, são pessimos exemplos...

Tomou um gole d'agua, e continuando :

— Nada! As moças devem ler somente o grande Julio Verne, o propagandista das sciencias. Comprem a *Viagem ao centro da terra*, *Os filhos do capitão Grant* e tantos outros romances uteis, e encontrarão nelles alta somma de ensinamentos valiosos, de conhecimentos praticos...

O continuo veio annunciar que estava terminada a hora.

Dias depois o Berredo leccionava, como de costume, a seu bello prazer, derreado na larga cadeira de espaldar, quando o continuo, fazendo uma mesura, annunciou « S Ex<sup>a</sup>. o Sr. Presidente da Provincia », e immediatamente assomou á porta da sala o illustre personagem, mostrando a esplendida dentadura

num sorriso fidalgo, com o peito da camisa deslumbrante de alvura, collarinhos muito altos e tesos, gravata de seda côr de creme onde reluzia uma ferradura de ouro polido, bigodes torcidos imperiosamente : um bellissimo typo de sulista aristocrata. Estava um pouco queimado da viagem a Baturité.

O Berredo desceu logo do estrado a cumprimental-o com o seu caracterisco aprumo d'homem que viajara a Europa. Todas as alumnas ergueram-se.

— Como passa V. Ex<sup>a</sup>., bem? Estava agora mesmo...

O presidente pediu que não se incomodasse, que continuasse. Acompanhavam-no, como sempre, o José Pereira e o Zuza.

Maria, ao dar com os olhos no estudante, ficou branca, um calefrio gelou-lhe a espinha, baixou a cabeça, fria, fria, como si estivesse diante d'um juiz inflexivel.

S. Ex<sup>a</sup>. tomou assento entre o professor e o director. José Pereira e o Zuza sentaram-se nas extremidades da meza.

As alumnas tinham-se formalisado, muito respeitosas, immoveis quasi, de livro aberto, com medo á chamada. Houve um silencio.

— Pode continuar, disse o presidente para o Berredo. E este inalteravel :

— V. Ex<sup>a</sup>. não deseja argumentar?...

— Não, não. Obrigado...

— Neste caso...

E para as discipulas :

— Diga-me a Sr<sup>a</sup>. D. Sophia d'Oliveira, quantos são os polos da Terra?... Veja como responde, é uma pequena recordação. Não se acanhe. Quantos são os polos da Terra?

O Berredo lembrou-se de fazer uma ligeira recapitulação para dar idéa do adiantamento de suas alumnas.

Sophia d'Oliveira era uma pequerrucha d'olhos accezos, morena, verdadeiro typo de cearense : queixo fino, em angulo agudo, fronte estreita, olhos negros e inteligentes.

— Quantos são os polos da Terra? fez ella olhando para o tecto como procurando a resposta, embatucada.—Os polos?... Os polos são quatro.

Risos.

— Quatro? Pelo amor de Deus! Tenha a bondade de nomeal-os.

— Norte, sul, léste e oeste.

Nova hilaridade.

— Está acanhada, desculpou o Berredo voltando-se para o presidente. Até é uma das minhas melhores alumnas.—Não confunda, tornou para a normalista. Olhe que são polos e não pontos cardeaes...

Outro disparate :

— Ha uma infinidade de pólos...

— Ora!... Adiante, D. Maria do Carmo.

Maria estremeceu, embatucando tambem, sem dizer palavra, suffocada. A presença do Zuza anestesiava-a, incommodava-lhe atrozmente. Sob a pressão do olhar magnetico do estudante, que a fixava, sua phisionomia transformou-se.

— Então, D. Maria?... Também está acanhada?

— Passe adiante, pediu o Zuza compadecido.

Duas lagrimas rorejaram nas faces da normalista cahindo com um somsinho sêcco sobre a carteira. Estava numa de suas crises nervosas. Outras duas lagrimas acompanharam as primeiras, vieram outras, outras, e Maria, cobrindo o rosto com o seu lencinho de rendas, desatou a chorar escandalosamente.

— Sente-se incommodada? tornou o Berredo. D. Maria! Olhe... Tenha a bondade de levantar a cabeça...

— Está nervosa, disse o presidente com o seu bello ar de sceptico elegante.

— Pudores de donzella, murmurou o director. Isto acontece...

O Berredo passou a mão no bigode, desapontado, e encontrando o olhar faiscante da Lydia:

— A senhora... Quantos são os polos da Terra?

— Dois: o polo norte e o polo sul.

— Perfeitissimamente! confirmou o professor batendo com o pé no estrado e esfregando as mãos satisfeito.— Dois, minhas senhoras, disse mostrando dois dedos abertos em angulo; dois! O polo norte, que é o extremo norte da linha imaginaria que passa pelo centro da Terra, e o polo sul, isto é, a outra extremidade diametralmente opposta; eis aqui está! Está ouvindo, D. Sophia? Está ouvindo D. Maria do Carmo? São dois os polos da Terra!

— Estou satisfeito, disse o presidente erguendo se.

Arrastar de cadeiras e pés, zumzum de vozes, e

S. Ex.<sup>a</sup>, grave, correcto e calmo, retirou-se com o seu estado-maior.

O Zuza ferrou em Maria do Carmo um olhar tão demorado e commovido que chegava a metter pena. Os seus oculos de ouro, muito limpidos e translucidos, tinham um brilho de crystal puro. Trazia na botteira do redingote claro (o Zuza gostava de roupas claras) uma flôr microscopica.

Alguem murmurou ao vel-o passar :

— Sempre correcto !

Maria deixou-se ficar succumbida, de cabeça baixa, mordicando a ponta do lenço, com uma lagrima retardada a tremeluzir-lhe na aza do nariz, desesperada, revoltada contra si mesma que não soubera responder uma cousa tão simples... Que vergonha, que humilhação! pensava.

Não saber quantos pólos tem a Terra ! E quem havia de responder? A Lydia, logo a Lydia ! O Zuza agora ficava fazendo um juizo muito triste a seu respeito e não a procuraria mais... Ah ! era muito tôla decididamente ! E jurava consigo « não ter mais vergonha de homem algum. »

Pedio licença ao professor e retirou-se antes de findar-se a aula para evitar os gracejos das collegas, voltando á casa sem a Lydia, sosinha, acaçapada, inconsolavel.

Uma vez no seu discreto quartinho, bateu a porta com força, despio-se ás carreiras, desabotoando os colchetes com espalhafato, aos empuchões, impaciente, até ficar em camisa, e atirou-se á rêde soltando



um grande suspiro. Esteve muito tempo a pensar no academico, na « figura triste » que fizera na aula, em mil outras cousas por associação d'ideias, com o olhar, sem ver, numa velha oleographia do « Christo abrindo e mostrando o coração á humanidade », que estava na parede.

Era uma desgraçada, suspirava tomada de desanimo. Todas tinham seus namorados, viviam felizes, com o futuro mais ou menos garantido, amando, gosando ; todas tinham seu dia de felicidade, e ella ?

Era como uma gata borralheira, sem pae nem mãe, obrigada a supportar os desafôros d'um padrinho muito grosseiro que até a prohibia de casar. Nem amigas tinha. A Lydia essa parecia-lhe uma desleal, fingida, hypocrita ; não viram como ella tinha dado o *quindão* na aula ? Uma ingrata... Sim, está visto que havia de ter um fim muito triste...

O verdadeiro era fugir com o primeiro sujeito que lhe apparecesse, fugir para fóra do Ceará, ir-se de uma vez ... Estava cansada de viver naquella casa...

E revoltava-se contra os padrinhos, contra a sociedade, contra Deus, contra tudo, num desespero febril, anciando por uma vida feliz, independente, livre de cuidados ao lado de um homem que a soubesse comprehender, que lhe fizesse todas as vontades.

Por seu gosto não iria mais á Escola Normal para cousissima alguma. Estava muito bem educada, não precisava de aprender em collegio, já não era creança.

Accudiram-lhe reflexões absurdas, idéas extravagantes, pensamentos de collegial estouvada, inquieta na rêde, virando-se e revirando-se, ora fitando com olhar piedoso a imagem do Christo, ora mergulhando a vista numa telha de vidro, especie de claraboia, que havia no telhado, e através da qual brilhava um pedaço de céu sem nuvens.

Começou a sentir uma ponta de enxaqueca e cahio numa madorna, deitada de costas, os braços cruzados sobre a cabeça trahindo a pennugem rala das axillas, respirando levemente, como uma creança. A camisa fina, quasi transparente, arregaçada por descuido até á parte superior da coxa esquerda, mostrava toda a perna roliça, morena, cheia, sem depressões, arqueando-se no joelho...

---

## VI

O primeiro cuidado do Zuza ao regressar da excursão presidencial a Baturité foi ajustar contas com o redactor da MATRACA, ameaçando *urbi et orbi* fazel-o engolir o numero do pasquim que trazia a versalhada torpe sobre o namoro do Trilho de Ferro.

No Ceará não havia outro homem que usasse flôr na lapella, dizia; o estudante, filho de titular, que andava a cavallo mais o presidente da provincia, era elle, Zuza. Estava claro, clarissimo, que a diatribe, o insulto, a infamia referia se á sua pessoa, e o unico meio simples, facil e positivo de se ensinar um patife é dar-lhe de rebenque na cara. Conclusão : o redactor da MATRACA não só ia engolir o papelucho, mas tambem apanhar de rebenque no focinho, custasse o que custasse !

— Grandississimo canalha !

— Mas no Ceará não se faz reparo nessas cousas, meu Zuza. O insulto nesta terra é um divertimento como qualquer outro, como o entrudo, por exemplo. Cada cidadão aqui é uma verdadeira MATRACA. Não t'importes, não te dês cuidado...

Isto dizia-lhe' o José Pereira na redacção da *Provincia*; mas o Zuza recalcitrava:

— Eu?! Hei de tomar um desforço, custe o que custar. Si é costume nesta terra os individuos se insultarem mutuamente, com a mesma facilidade com que tomam uma chicara de café, pilulas! é preciso dar um ensino, é preciso que alguém se levante!

— É bobage, filho. Toda a gente toma a defeza do réo e ahi fica a victima do insulto com cara de besta. É o que é. Lá diz o rifão: *quem não quer ser lobo...*

Esse José Pereira physicamente dir-se-ia irmão gêmeo do Berrado da Escola Normal. Alto, cheio de corpo, trigueiro, a mesma barba espessa e negra cobrindo quasi todo o rosto, os mesmíssimos olhinhos vivos e concupiscentes. Delle é que se dizia que fôra surprehendido em flagrante adulterio com a mulher do juiz municipal no Passeio Publico, um escandalo que por muitos dias servio de pasto a boticarios e bodegueiros.

Começára a vida publica no Correio, como carteiro, e agora ahi estava feito redactor da *Provincia* em cujo character tornou-se geralmente admirado por seus folhetins alambicados, que o publico digería á guisa de pastilhas de Detan. Aos sabbados publicava no rodapé do jornal phantasias litterarias, contos femininos em estylo 1830, historias dissolutas que eram lidas com avidez, mesmo com certa gula pelo mulherio elegante e pela burguesia sentimental e piegas.

Cedo José Pereira começou a inchar como a rã de La Fontaine e a julgar-se, com effeito, um grande escriptor, « um talento », capaz, olá! muitissimo capaz de fazer as delicias de qualquer sociedade intelligente e illustrada. D'ahi certo ar autoritario, certa prosapia que elle affectava em toda a parte, dizendo-se « contemporaneo de Rocha Lima », « amigo de Capistrano de Abreu »; certo aprumo pedante que não condizia com a sua velha sobrecasaca de diagonal cujo estado incommodava devéras a alta sociedade cearense.

Que diabo! um sujeito intelligente, com ares de fidalgo avarento, redactor de um jornal, sempre trazendo a mesmissima sobrecasaca! E o chapéo? Sempre o mesmo tambem, um triste chapéo de feltro com manchas oleosas! Oh! a respeitavel sociedade cearense exigia primeiro que tudo decencia no trajar, e aquillo assim, aquella sobrecasaca sordida escandalisava-a como se escandalisa uma donzella diante d'uma estatua nua. Pois o Sr. José Pereira não podia, sem grandes sacrificios, comprar um facto novo? Então, que diabo! não apparecesse entre pessoas de certa ordem, ficasse em casa, fosse mais modesto. Sim, porque todo o homem de talento, na opinião da sociedade cearense, deve acompanhar a *moda* em todas as suas nuances, em todos os seus requintes, deve ter sempre uma casaca á ultima moda, uma calça á ultima moda, e um chapéo á ultima moda, conforme os figurinos, para os « momentos solemnes »; deve ser emfim um sujeito « correcto » na accepção mais lata da palavra.

O Sr. José Pereira sabia dar um laço na gravata, lá isto sabia, e também não ignorava como se calça uma luva; mas (e isto é que preocupava a sociedade cearense) o Sr. José Pereira, quer fosse a um baile de primeira ordem, quer fosse a uma festa inaugural, quer fosse ao theatro, levava sempre, invariavelmente, a mesma sobrecasaca surrada e o mesmo chapéu ruço! Um homem de talento sem gosto é o que não se admite. A sociedade cearense, porém, ignorava que o Sr. José Pereira era casado, tinha filhos e ganhava apenas o essencial para o seu sustento e o da familia, cento e cincoenta mil réis por mez, uma ninharia.

Os seus amigos, ás vezes, gracejando, propunham-lhe abrir uma subscrição para a compra d'um paletó novo e de um chapéu idem. José Pereira, porém, tinha espirito e respondia-lhes ao pé da letra, mudando logo o rumo da conversa.

Nesse tempo o redactor da *Provincia* ainda era calouro em politica. Dava seu voto e nada mais. A litteratura é que o absorvia. Um livro novo era para elle a melhor novidade; cahisse embora o ministerio, rebentasse uma revolução, elle conservava-se a ler, virando paginas, devorando a obra como um allucinado, defronte do abat-jour de papelão, no seu modesto gabinete de escriptor pobre. Conhecia Dumas pae de cór e salteado; fôra o seu primeiro « mestre ». Depois entregou-se a ler os *Mizeraveis*, declarando-se hugolatra incondicional em uma apreciação que fizera do grande poeta. O artigo concluia deste modo :

«Victor Hugo é o Christo da legenda transfigurado em propheta moderno. Elle é todo um seculo. Tudo nelle é grande como a natureza. *Os Miseraveis* são a apotheose de todas as misérias humanas. Victor Hugo, o Mestre, é o Sol da Humanidade. Amemol-o como a um Deus! »

Isso produzio effeito entre os litteratos contemporaneos que não dispensaram elogios ao «valente folhetinista» da *Provincia*.

A fama de José Pereira encheu depressa toda a cidade. Dizia-se — ahi vae o José Pereira! como quem diz — ahi vae um genio! E elle saudava a todos convictamente, tocando de leve a aba molle do chapéo preto de massa.

Em fins de 1886 José Pereira conservava-se ainda na *Provincia*, como um dos principaes redactores. A sua fama, si não decrescera, era a mesma com uma pequena e insignificante differença — é que elle já não era simplesmente um «talento fecundo», mas tambem um fecundissimo canalha, um requintado «seductor de mulheres casadas» o que afinal de contas não o prejudicava assaz no conceito do mulhero. Havia-as viovas, casadas e solteiras que o defendiam teozamente.

Não, diziam ellas, o diabo não é tão feio como o pintam. José Pereira podia ser um rapaz alegre, divertidissimo, jovial e espirituoso, amigo das mulheres — vá, mas, em summa, um excellente rapaz e um bello character. Porque o facto d'um homem apaixonar-se facilmente por muitas mulheres ao mesmo

tempo ou em epochas differentes não quer significar que esse homem seja um seductor e um patife. Demais José Pereira era artista, e o artista, esculptor ou poeta, pintor ou musico, não póde comprehender a vida sem o amor...

— Mas é um homem casado, profligavam outras.

— Bem; mas o casamento...

E demonstravam que o casamento, longe de ser um attentado contra o livre arbitrio das partes, é, ao contrario, uma instituição que concede, tanto ao homem como á mulher, plena liberdade de amar ao proximo como a si mesmo.

Entre as que adoptavam a pratica destas theorias tão abstrusas quanto originaes, distinguiam-se a mulher de João da Matta e a do Dr. Mendes.

— Então decididamente queres quebrar a cara ao redactor da MATRACA? dizia elle ao Zuza.

— Mas que duvida!

Quem quer que fosse o verrinista havia de ficar sabendo de quantos paos se faz uma jangada.

— Mas olha que é uma imprudencia pueril, homem. Quando o insulto vem de baixo a gente deve responder com o desprezo. O desprezo é a arma invencivel dos espiritos superiores. Eu é como tenho resolvido questões desta natureza.

— Qual desprezo! Não se mata com desprezo um reptil venenoso; pisa-se-o, reduz-se-o a papas. Isto é o que fazem os espiritos superiores. Sabes quem é o biltre?

— Homem, francamente, confesso-te que não o



conheço. Dizem ser um tal Guedes, vulgo *Pombinha*, um sujeito reles, um trocatintas, um miseravel que nem vale a pena de um escandalo...

— Não vale a pena? Quebro-lhe a cara, ora si quebro... Onde fica a typographia do jornaleco?

— Na rua de S. Bernardo, creio eu, uma especie de toca immunda com ares de latrina.

— Guedes (*Pombinha*) ... rua de S. Bernardo. Muito bem!

E o Zuza tomou nota no seu canhenho, guardando-o resolutamente.

— Diabos me levem si eu não fizer uma estralada hoje.

Mudando de tom :

— Quero que publiques hoje o meu soneto *A volta*: Deve sahir hoje infallivelmente,

— É dedicado á mesma?

— Certamente. Sabes que eu sempre fui muito correcto nos meus amores. A pequena está pelo beicinho. Ha de cahir como uma mosca, eu te garanto.

— Um divertimento, hein?

— Não, sou muito capaz de casar. Aquelle arsinho ingenuo, aquelles olhos de madona traduzindo uma alma cheia de sentimentos bons...—tudo nella, emfim, agrada-me.

— Mas é uma pobretona, filho. Aquillo é para a gente namorar, encher de beijos e—pernas p'ra que te quero! És muito calouro ainda nisso de amores. Aproveita a tua mocidade, deixa-te de pieguismo,

menino. A vida é uma comedia, como lá disse o outro...

Então o Zuza, accendendo um cigarro, disse que estava aborrecido de mulheres que se entregavam facilmente. Em Pernambuco namorara a filha de um barão, e, si não fosse esperto, áquellas horas estaria talvez ás voltas com o minotauro de que fala Balsac. Era uma rapariga esplendida, mas tão depravada, tão impolluta que acabou fugindo ccm um jockey do Prado Pernambucano, um negro!

Quanto á mulheres de vida alegre, detestava-as; tinha gasto muito dinheiro, precisava casar, mas casar com uma menina ingenua e pobre, porque é nas classes pobres que se encontra mais vergouha e menos bandalheira. Ora, Maria do Carmo parecia-lhe uma creatura simples, sem essa tendencia fatal das mulheres modernas para o adulterio, umá menina que até chorava na aula simplesmente por não ter respondido uma pergunta do professor! Uma rapariga assim era um caso esporadico, uma verdadeira excepção no meio de uma sociedade roída por quanto vicio ha no mundo. Ia concluir o curso, e, quando voltasse ao Ceará, pensaria seriamente no caso. A Maria do Carmo estava mesmo a calhar: pobresinha, mas innocente...

— É o que tu pensas, retorquio o outro. Hoje não ha que fiar em moças, pobres ou ricas. Todas ellas sabem mais do que nós outros. Lêm Zola, estudam anatomia humana e toman cerveja nos cafés. Então as taes normalistas, benza-as Deus, são verdadeiras doutoras de borla e capello em negocio de na-

moros. Sei de uma que foi encontrada pelo professor de historia natural a debuchar um grandissimo phalo com todos os seus petrechos. . .

— O quê, homem ?

— É o que estou a dizer-te, por signal acabou amigando-se com um hodegueiro de Arronches e lá vive muito bem com o sujeito. Creio até que já tem filhos.

— O senhor, então, ao que me vai parecendo, está muito adiantada a nossa pequena sociedade ! exclamou o Zuza muito admirado cavalgando o pince-nez. Pois olha eu suppunha isto aqui uma santidade.

— É que ha muito tempo não vinhas ao Ceará. Por cá tambem se dão escandalos, como em Pernambuco, e escandalos de pasmar a um sacerdote da moral, como o filho de meu pai.

O escriptorio da *Provincia* estava quasi dezerto. Apenas o José Pereira e o estudante conversavam amigavelmente, sentados defronte um do outro á mesa dos redactores, fumando, emquanto lá dentro, nos fundos onde ficavam as officinas, os typographos compunham atarefados a materia do dia.

Seriam duas horas da tarde. O calor abafava.

Um rapazinho rachitico, em mangas de camisa, com manchas de tinta no rosto e um ar amolentado, veio trazer as *provas* do expediente do governo.

— Falta materia ? perguntou José Pereira encarando-o. « Não sabia, não senhor, ia vêr ». E sahiu voltando immediatamente : que o jornal estava completo.

— Bem, disse o Zuza levantando-se, vou á casa do Sr. Guedes. Preciso acabar com isso.

— Mas olha, recommendou o redactor, não vás fazer asneiras, hein?

— Não, não. A cousa é simples. *Addio*.

E retirou-se fazendo piruetas com a bengala no ar.

— É um creançóla esse Zuza, murmurou José Pereira molhando a penna.

Immediatamente entrou o Castrinho, outro collaborador da « Provincia », tambem poeta e amigo particular de José Pereira, autor das *Flores Agrestes* publicadas ha dias e que tinham sido muito bem recebidas pela critica indigena. Vinha trazer a resposta ao critico do *Cearense* que o chamara — *plagiador de obras alheias*.

— Então temos polemica? perguntou José Pereira sem levantar a cabeça, revendo as provas.

— Porque não! Hei de provar á evidencia que não preciso plagiar a ninguem. Aqui está o primeiro artigo. É de arromba!

O Castrinho saccou do bolso do paletó de alpaca um calhamaço de tiras de papel gordurosas e sacudindo-as, como quem toma o peso a alguma cousa:

— Aqui está: hei de rebater uma a uma, sem dó nem piedade, todas as asserções do meu invejoso contendor.

— Já te falo, disse o outro continuando o trabalho. Tem paciencia um pouquinho. O diabo das provas...

— Sim, continúa; não te quero interromper...

Plagiador, elle, que tinha talento para dar e em-  
prestar a toda a caterva de versejadores cearenses!  
Havia de provar o contrario, porque tanto sabia bu-  
rilar um soneto como manejar a prosa.

Até estimara a provocação do *Cearense*, porque  
d'esse modo o publico ficaria sabendo quaes eram os  
imitadores, os parasitas da poesia nacional. Ahi estava  
o juizo da imprensa fluminense, ahi estava o juizo de  
toda a imprensa do Brazil, do Amazonas ao Prata,  
sobre as *Flores Agrestes*. Um jornal do sul—*O Co-  
meta* comparara-o até a Olavo Bilac e a Raymundo  
Corrêa!

— Inveja, murmurou José Pereira. O verdadeiro  
talento é sempre victima do despeito das mediocri-  
dades.

E terminando a revisão :

— Vejamos o que escreveste.

— Sómente isto, disse o Castrinho entregando a  
papelada. Hei de convencer ao zoilo do *Cearense*,  
por a + b, que elle é quem é o plagiador, o invejoso,  
o ignorante, a besta, e eu o poeta consciencioso e mo-  
derno, que não se limita a cantar Elviras e a copiar  
Lamartine.

José Pereira derreou-se na cadeira de espaldar,  
um velho traste que fôra da *Perseverança e porvir*,  
«attestado eloquente de uma lucta de heroes» como  
dizia o Zuza e, depois de accender a ponta de cigarro,  
que estava á beira da mesa, devorou com olhar pro-  
tector a serie de argumentos mais ou menos esmaga-  
dores com que o outro pretendia aniquilar o arti-

culista da folha adversa. Tinha a epigraphe — *As flores agrestes e a inveja furiosa*, e concluia nestes termos : « Voltarei á questão para esmagar com a logica irrefutavel da verdade o ousado e necio criticista que me acoimou de plagiador. O publico verá qual de nós tem razão : eu, que tive o applauso da quasi totalidade da imprensa brazileira, ou o zoilo do *Cearense*, que predendeu obscurecer o meu merecimento. »

— Magnifico! exclamou José Pereira levantando-se. Dá cá um abraço, homem.

E estreitando o Castrinho contra o peito :

— Tens talento, como um bruto, menino. Olha que quem escreveu isto vale o que escreveu, caramba! Continúa, Castrinho, continúa, que ainda has de vir a ser um grande poeta. Desta massa é que se fazem os Byron e os V. Hugo... E logo, paternalmente : — Queres jantar commigo ?

— Obrigádo. Has de permittir que te agradeça, hein? Adeusinho. Não esqueças o artigo.

— Absolutamente não. Amanhã, impreterivelmente, vel-o-has na segunda pagina, todo inteirinho. Adeus.

Vendedores de jornaes esperavam a *Provincia*, á porta da redacção, inquietos, turbulentos, a questionar por dá cá aquella palha, e já se ouvia o barulho do prélo, lá dentro, imprimindo a folha governista. Empregados publicos voltavam das repartições taciturnos, em sobrecasacas sordidas, mordendo cigarros Lopes Sá, amarellas, lymphaticos, o estomago a dar horas. Pouco movimento na rua do Major Facundo :

um ou outro transeunte macambusio, de chapéo de sol, caixeiros que atravessavam a rua ligeiros, em mangas de camisa, e alguns pobres diabos arrastando-se a pedir esmola.

A cidade permanecia na sua costumada quietação provinciana, muito cheia de claridade, bocejando preguiçosamente de braços cruzados, á espera do Progresso. Suava-se por todos os póros e respirava-se a custo, debaixo d'uma athmosfera equatorial, acabrunhadora. Estalava á distancia, num rythmo cadenciado e monotono, o canto estridente e metalico d'uma araponga, cujo echo repercutia em todo o ambito da pequena capital cearense.

Ao dobrar a rua da Assembléa o Zuza parou, á espera que o bond passasse, e esteve considerando um instante. — De que lhe servia ir aonde estava o Guedes e quebrar-lhe as costellas a bengaladas? O rapaz podia repellir a aggressão e ahi estava um conflicto sério, em que um dos dous necessariamente havia de sahir ferido. Afinal de contas era provocar um escandalo inutil, vinha a policia e a vergonha era delle Zuza, unicamente delle, um rapaz de posição, amigo do presidente... Não valia a pena abrir lucta com um pasquineiro. O melhor era, como aconselhára o José Pereira, dar ao desprezo o cão. Si elle, porém, o abocanhasse outra vez, então, decididamente, quebrava-lhe a cara. Appellava para a reincidencia do foliculario. Provincia estúpida! Estava doudo por se ver livre de semelhante canalhismo. E áquillo é que se chamava *terra da luz!*

Seguiu para casa preocupado com essas idéas, com um nojo do Ceará.

O coronel divertia-se tranquillamente com a passarada do viveiro, mettido no inseparavel gorro de velludo bordado a ouro e retroz. Era amigo de passaros e tinha-os magnificos em gaiolas de arame penduradas na sala de jantar, além do viveiro, tambem de arame, em fórma de kiosque chinez, com uma bola de vidro no alto, collocado no quintal, defronte da casinha de banhos.

Uma vidinha estúpida aquella! pensava o estudante estendendo-se na rêde. Morria-se de tedio e calor. Vieram-lhe saudades do Recife. Oh! o Recife, o Prado aos domingos, os passeios, os bellos pikniks a Ca-xangá... Lembrou se da sua ultima conquista amorosa — a Rosita, uma hespanhola com quem estivera seguramente seis mezes. Um peixão! Morava na Magdalena. Vira-a uma vez no theatrinho da Nova Hamburgo, sósinha num camarote, muito bem vestida, com um rico leque de plumas, anneis de brilhante, esplendida: era argentina.

Que de cerveja e ceiatas e passeios de carro e pagodeiras nos hotéis! Relembrava a primeira noite que passára com a Rosita, por signal tinha tomado muita champagne, tinha feito um figurão. A rapariga comprehendeu que tratava com gente fina e entregou-se. Uma noite deliciosa! Começou por uma ceia em casa della, na Magdalena, um chaletsinho de porta e janella com varanda, forrado a papel sangue de boi e jardinsinho na frente. A sala de visitas era um



mimo com a sua mobilia *mignon* de assento estufado, piano, quadros do paganismo, *bibelots*... E a alcova? Um ninho, um perfeito ninho de amores. Zuzinha — era como ella o tratava toda ternura, cobrindo-o de beijos, suspendendo-o nos braços como si levantasse uma creança, sentando o no collo—ella de *peignoir* de fustão com fitinhas azues, uns olhos matadores, humidos de sensualidade, e elle á frescata, em mangas de camisa, sem collarinho — um deboche!

E uma saudade immensa invadia-o, saudade da Rosita, saudade da *republica*,—uma troça alegre de rapazes endinheirados e limpos—, saudade dos banhos de mar em Olinda...

Depois veio-lhe á mente a normalista, a cearense do Trilho de Ferro. Muito bonitinha, é verdade, mas uma tôla que não sabia tratar com rapazes educados. Lá por ser pobre, não; mas parecia-lhe tão atrazadinha, assim como apalermada, indifferente a tudo. Além disto um nome de matuta—Maria do Carmo. Ainda si fosse Maria Luiza, mas Maria do Carmo!...

Começou então a fazer considerações sobre Maria. Achava-a até parecida com a Francina, uma rapariga de Pernambuco, tambem morena e d'olhos côr d'azeitona, baixinha e sem vergonha, «passada» por todos os estudantes da academia. Mas mesmo muito parecida, agora é que se lembrava: era a Francina. Um horror! No Ceará não se encontravam mulheres publicas de certa ordem. Tudo era uma récua de meretrizes immundas, carregadas de syphilis até aos olhos.

Os rapazes viviam se queixando de molestias secretas.

Levantou-se em ceroulas, para accender um cigarro, espreguiçando-se.

O quarto era pequeno, mas arranjado com certo decoro e bom gosto. O Zuza herdara essa qualidade característica dos Souza Nunes — o amor á ordem. Tudo d'elle era arrumado e limpo. Adorava a bohemia, mas a bohemia que não cospe no assoalho e que toma banho ao menos uma vez por dia. Nisto de asseio, como em muitas outras cousas, era correcto e o pae o louvava por essa qualidade especial de se portar com a maxima inteireza, no asseio do corpo, como no das acções. Toda a mobilia do pequeno compartimento consistia numa estante envidraçada, cadeiras, um sophá e uma mesinha rodonda, collocada no centro e coberta com um panno azul de lã. Communicava com outro quarto menor onde estava a cama de ferro e uma rêde. *Ma cabine à coucher*, dizia o Zuza mostrando aos amigos esse interior confortavel de bohemio rico. A claridade entrava pela varanda e ia morrer em penumbra lá dentro no segundo quarto. No papel claro das paredes destacavam lythographias encaxilhadas de poetas celebres e o retrato de Gambetta na postura habitual em que o grande orador falava ao povo. Em politica era o seu idolo, dizia o estudante, e, no auge do enthusiasmo, collocava-o acima de Mirabeau. Em cima da mesa numeros avulsos da *Revista juridica* confundindo-se com jornaes illustrados, e um porta-retratos com a

photographia do coronel e da esposa, olhando para os lados, em sentidos oppostos. Tal o « gabinete » do Zuza, o seu remanso de estudante cuidadoso.

Tinha aberto ao accaso o seu romance querido A CASA DE PENSÃO. Um livro *importante*, gabava; um livro que revelava o grão de adiantamento da litteratura brasileira, não deixando a desejar os melhores dos escriptores naturalistas portuguezes. Este exagero do Zuza deve se levar a conta do odio injusto que elle votava a tudo quanto cheirasse a lusitanismo.

O estudante, porém, nunca passara a vista siquer num romance de Eça ou numa critica de Ramalho. — « Não queria, não podia tragar cousas que lhe provocassem vomitos ». Preferia um churrasco á bahiana ao « tal » Sr. Camillo Castello Branco, um sujeito inimigo do Brazil, que não perdia occasião de nos ridicularisar. De Portugal Camões exclusivamente, isso mesmo porque o grande epico era uma « gloria universal. » Certas palavras tinham um encanto particular a seus ouvidos. Gostava de phrases cheias e retumbantes. Os Luziadas? eram uma « epopéa immortal », dizia elle. Pronunciava a palavra *epopéa* com a bocca cheia, accentuando muito o *e*. Uma obra d'arte reconhecidamente boa era a seu ver uma epopéa, fosse qual fosse o genero d'ella—O *Christo e a adúltera* de Bernardelli? Uma epopéa nacional!!

Começou a ler A CASA DE PENSÃO em voz alta, em tom de recitativo, pausadamente, repetindo phrases inteiras, applaudindo o romancista com enthusiasmo, exclamando de vez em vez:— Bonito, seu

Zuza! como si fosse elle proprio o autor do livro. Depois, sacudindo o romance sobre uma cadeira, levantou-se espreguiçando-se com estalinhos nas articulações, escancarando a bocca num bocejo largo. Que horas seriam? O despertador de nickel marcava quatro e meia. Ó diabo! tinha-se descuidado. Estava convidado para jantar com o presidente ás cinco pontualmente. Começou a vestir-se assoberbando trechos de musica serodia. De repente: «—E a normalista que não lhe tinha respondido a carta!» Muito atrazadinhas as cearenses, pensava. Que mais queria ella? E defronte do espelho, pondo a gravata:— «Era um rapaz *chic*, dava muita honra á Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo escrevendo-lhe uma carta amorosa, pois não? Era o que faltava, a Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo não lhe dar attenção! Mas havia de cahir por força. Era uma questão de tempo.»

Cinco horas. O Zuza enfiou a sobrecasaca ás pressas, perfumou-se, endireitou a gravata e — até logo — foi-se como um raio.

## VII

A proporção que se approximava o dia do casamento da Lydia com o guarda-livros, as visitas d'este a casa da viuva Campello iam-se tornando de mais a mais frequentes. A Campellino não cabia em si de contentamento; podera! ia enfim ver-se livre do perigo de ficar para tia. De resto o Loureiro era um optimo rapaz, excellente empregado, natural de bom genio, tolerante em extremo e senhor de seu nariz. Era como si fosse de casa, como si já fizesse parte da familia, surdo como uma pedra aos boatos mais ou menos mentirosos que corriam sobre a vida privada de D. Amanda. Nunca se dera ao trabalho de averiguar si effectivamente o procedimento da sua futura sogra merecia censuras da gente honesta, mesmo porque o seu emprego não lhe deixava tempo para isso.

Não, senhor, dizia elle, si por ventura alguém procurava abrir-lhe os olhos; a viuva era um modelo de mãe de familia, coitada, vivendo modestamente do minguado montepio de seu finado marido, afóra um negociosinho de rendas, que tinha no Pará, e que lhe deixava para mais de cincoenta por cento. O mais

eram palanfrorios, e elle, no caracter de futuro genro da viuva, não podia consentir que ninguem a diffamasse impunemente.

João da Matta lhe dissera uma vez, ao ouvido, batendo-lhe amigavelmente no hombro, que não si illudisse, que a Campello recebia fóra d'horas o Baptista da feira; que elle, João da Matta, vira muitas vezes, com os proprios olhos, o negociante entrar cosido á parede alta noite, como um gato.

Historias. O amanuense fazia mal andar propagando suspeitas que podiam prejudicar, e muito, os creditos da pobre senhora. Absolutamente não acreditava em taes boatos. Conhecia bem o genio e a vida de D. Amanda para desprezar semelhantes falsidades. Em summa, era da escola de S. Thomé: vêr para crer.

Até então só tinha motivos para louvar o procedimento da sua futura sogra. E concluia: «—Por amor de Deus não falassem mais em taes cousas... Tinha olhos p'ra vêr».

Todas as noites, invariavelmente, lá ia elle dar o seu dedo de palestra com a noiva, e, depois do vispóra em casa do amanuense, ficavam os dois horas e horas na calçada, num conchego muito intimo, ella apoiada sobre os seus hombros, fazendo-se meiga e apaixonada, elle babando-se de satisfação ao contacto palpitante das carnes rijas e abundantes de sua futura mulher. D. Amanda entrava propositalmente para os deixar á vontade naquelle arrebatamento de noivos sadios e vigorosos.

Uma noite o guarda-livros quiz ir mais longe nas vivas demonstrações de seu amor pela Campellino. Com os labios pregados á bocca da Lydia, quasi abraçados, procurou com uma das mãos palpar alguma cousa que a rapariga occultava religiosamente no templo inviolavel de sua castidade.

— Não, isso não! fez ella esquivando-se, toda cautelosa, com um ar de surpresa.

Deixasse d'aquillo, que era muito feio entre noivos. Não havia necessidade; tinham muito tempo, depois. Tivesse paciencia, sim?

E muito terna, derreando-se de novo sobre os hombros do guarda-livros, beijou-o na face aspera de espinhas, sem repugnancia, e começou a cofiar-lhe carinhosamente os bigodes, devagarinho, arregaçando-os, assanhando-os para tornar a alisal-os, prolongando assim a delicia do Loureiro que nesses momentos era como um escravo das mãosinhas brancas e delicadas da Lydia.

— Mas, que tem? perguntou elle com a voz tremula, um fluido estranho no olhar terno.

— Não, meu bem, isso não, que é feio, tornou a Campellino. Tem paciencia.

Não fazia mal, continuou o Loureiro. Não eram noivos? Não eram quasi casados? Que diabo! consentisse ao menos uma vez. Era um instantinho. Ora! uma cousa tão simples, tão natural. . . Ninguem via. Deixasse, que tolice!

E enquanto falava muito baixo, com hesitações tremulas na voz embargada pela sensualidade, estendia

a mão por baixo, o olhar fito nos olhos vivos e penetrantes da rapariga.

Nem um ruído na rua do Trilho, nem uma voz, nem o vôo pesado d'um morcego : tudo silencio, e uns restos de luar a extinguir-se esbatendo defronte nos telhados. Apenas, ao longe, vago e indistincto quasi, o ruído monotonico do mar no silencio da noite calma.

— Oh ! não... supplicou a Campellino sentindo o contacto da mão grossa do guarda-livros. Deixa...

Houve um *fru-fru* de vestidos machucados e o baque d'uma cadeira.

Momentos depois o Loureiro despedia-se triumphante, pisando devagar, caminho do HOTEL DRAGOT.

Desde então começou a retirar-se muito tarde. Havia noites em que só sahia depois da uma hora da madrugada. Ultimamente almoçava e jantava em casa da viuva. Era mais economico do que pagar hotel, dizia D. Amanda ; bastava que elle contribuisse com trinta mil réis mensaes e tudo se arranjaría ali mesmo em familia ; de modo que o Loureiro pouco a pouco foi-se fazendo, por assim dizer, dono da casa, chefe da familia. Por fim todas as despezas corriam por sua conta e risco. Aluguel de casa, comedoria, roupa lavada e engommada, vestidos para a Lydia, tudo era elle que pagava de boa vontade, sem tugar nem mugir, porque queria e tinha prazer nisso. Muito economico, amigo do seu dinheirinho, mas em se tratando das Campello, não tinha mãos a medir, era de uma prodigalidade sem limites. Coitadas ! lamentava comsigo, eram umas pobres ; cada um sabe de si e Deus de



todos ; tinha quasi o dever de amparal-as, tanto mais quando estava para ser marido da pequena. E abria o seu grande coração e a sua bolsa áquellas duas creaturas, que se lhe afiguravam duas santas através do prisma azul de seu amor pela rapariga. Subscriptor da sociedade de S. Vicente de Paulo, um pouco devoto, ás vezes tinha rasgos de verdadeiro philantropo. D. Amanda e a filha eram a seus olhos «duas victimas da maledicencia de uma sociedade hypocrita e torpe até á raiz dos cabellos». Agora jantava e almoçava em casa da viuva, que já lhe sabia os gostos, as manias. Ella mesma ia preparar a comida, os ovos quentes e a linguiça assada do almoço, o feijão e o lombo assado para o jantar. D. Amanda estava radiante com o genro. Tratava-o a velas de libra, fazia-lhe todas as vontades, escovava-lhe a roupa, e eram cuidados de mãe carinhosa ou de creança que tem um passaro na mão e receia lhe fuja.

Aos domingos o guarda-livros ia logo cedo para o Trilho, ás vezes com a cara por lavar, mettido em calças pardas, abotoado até ao pescoço. Era quando tinha algum descanso das lidas quotidianas do armazem, da escripturação do Caixa. Ás seis horas da manhã já elle estava de caminho para o Trilho, muito a fresca, cigarro ao canto da bocca, prelibando as delicias de um dia inteiro em companhia da noiva, sem ter que dar satisfação a Carvalho & C.<sup>a</sup>, com a consciencia tranquilla de quem cumpriu religiosamente o seu dever.

Nem siquer tomava café no hotel. Pulava da rêde

ás pressas, sem perder tempo, enfiava as botinas, as calças, o paletó surrado, e abalava por ali fóra, escadas abaixo. Às vezes ainda encontrava a porta da viuva fechada. Batia devagar com a ponta dos dedos: «— Sou eu, o Loureiro!» Immediatamente D. Amanda vinha abrir, embrulhada nos lençóes, cabellos soltos, em mangas de camisa. E a faina começava. Escancaravam-se as portas para dar entrada livre ao arsinho fresco da manhã, que derramava-se por toda a casa como um fluido que se evaporasse de repente de um deposito aberto. O Loureiro tirava o paletó, abria a toalha no hombro, e, em quanto se punha a ferver agua para o café, refestelava-se num confortavel banho frio puxado de vespera na grande tina que havia no «banheiro». Era tempo de cajús. O guarda-livros tinha a mania dos depurativos. Antes do banho emborcava um copo de *mocororó* «para retemperar o sangue», dizia elle. Depois o cafésinho quente, coado pelas mãos de D. Amanda, e, finalmente, o bello dia passado, *currente calamo*, tranquillamente, num longo idyllo, naquelle canto obscuro de Fortaleza, com a «sua santa». O hotel servia-lhe apenas para dormir, porque o Loureiro era filho do Rio Grande do Norte onde perdera pae e mãe, não tinha no Ceará siquer um parente em cuja casa pudesse passar as noites. Amigos capazes de merecerem toda a sua confiança tambem não os tinha. Pacato, concentrado e pouco expansivo, difficilmente communicava-se a quem não o procurasse em primeiro lugar. Sua natureza egoista aprazia-se com a

vida sedentaria.—Um exquisitão de força, uma especie de urso ! diziam os seus camaradas do commercio.

E os dias passavam, longos e modorrentos, cheios de sol, sem nuvens no azul, iguaes sempre, eternamente monotonos.

Novembro estava a chegar, Novembro, o mez dos cajús e das ventanias desabridas, com as suas manhãs friorentas e claras, em que, ás vezes, nuvens sombrias accumulam-se no horisonte e vão subindo até desmancharem-se completamente num chuvisco ligeiro que apenas borrifa de leve a superficie sêcca do solo, pondo scintillações diamantinas nas folhas do arvoredos; Novembro, o mez dos estudantes, o mez dos exames, que passa levando comsigo as illusões côr de rosa dos que deixam os bancos preparatorios e dos que começam a vida publica.

O Zuza não tinha pressa em se formar. De resto era uma questão de tempo o seu bacharelato. Resolvera passar mais alguns mezes no Ceará, com a familia, e então ir se-ia completar o curso. Já agora o Ceará não lhe era inteiramente uma terra má. Habitava-se pouco a pouco a essa vida de provincia pacata em que se trabalha um quasi nada e fala-se muito da vida alheia. Maria do Carmo tinha-lhe escripto uma cartinha laconica e expressiva confessando o seu amor. Entregou-a ella mesma, no Passeio Publico, numa quinta-feira, á noite, uma bellissima noite de luar. A avenida Caio-Prado tinha o aspecto phantastico d'um terraço oriental onde passeassem princezas e odaliscas sob um céu de prata polida, com

as suas filas de combustores azues, encarnados e verdes, com as suas esphynges... Senhoras de braço dado, em toilettes garridas, iam e vinham no macadam, arrastando os pés, ao compasso da musica, conversando alto, entrechocando-se, numa promiscudade interessante de côres, que tinham reflexos vivos ao luar: d'um lado e d'outro da avenida duas alas de cadeiras occupadas por gente de ambos os sexos, na maior parte curiosos que assistiam tranquillamente o vae-e-vem continuo dos passeantes.

O plenilunio muito alto dir-se-ia uma grande medalha de prata reluzente com o anverso para a terra, suspensa por um fio invisivel lá em cima na cupula azul do céo. Defronte da avenida o mar, na sua apparente immobilidade, tinha reflexos opalinos que deslumbravam, crivado de scintillações minusculas, largo, immenso, desdobrando-se por ali fóra a perder de vista, e para o sul, muito ao longe, a luz branca do pharol tinha lampejos intermitentes, de minuto a minuto. No porto a mastreação dos navios destacava nitidamente, inclinando se num movimento incessante para um e outro lado, como oscillações de um pendulo invertido.

— Uma noite admiravel, hein, Maria? dizia a Lydia de braço com a amiga, levada pela onda dos *dilettanti*.

A normalista, porém, não deu attenção á Campellino, muito distrahida, caminhando machinalmente, a pensar no estudante. Decididamente entregava-lhe a carta, fosse como fosse. Eram oito horas já e o Zuza

ainda não havia chegado. Estava afflicta, inquieta, impaciente. E si elle não fosse ao Passeio nessa noite? Ella rasgaria a carta e nunca mais havia de o procurar. O seu coração batia com força. Ia e vinha, cansada de esperar, com impetos de voltar para casa.

— Tem paciencia, menina, disse a outra. O rapaz não tarda. Está no club, talvez.

Qual club! Era necessario acabar com aquillo. Começava a desconfiar do Zuza. Certo elle queria passar o tempo folgadamente, por isto fingira aquella comedia de amor. Não era possivel, não acreditava na sinceridade do Zuza. Si elle fosse outro procural-a-ia sempre, em toda a parte, nos passeios, no theatro, nos bailes. E ella é que estava fazendo uma figura ridicula a procural-o, como si elle fosse o unico homem do Ceará com quem ella podesse ser feliz!

E lá veio o maldito nervoso, uma vontade de fechar os olhos a tudo e viver para si, egoisticamente, como o bicho de seda no seu casulo. Incommodava-lhe o zumzum de vozes e as pisadas da multidão, a propria musica começou a fazer-lhe mal á cabeça. Que horror! Nem siquer podia passear!

Nisto ouviu uma voz que lhe pareceu a do estudante.

— Bôa noite, minhas senhoras!

Era realmente elle, que vinha chegando aolado do José Pereira, muito correcto, de chapéo alto, calça de casimira clara, croisé aberto, grandes collarinhos lustrosos de ponta virada e a infallivel flor na botoeira.

Maria voltou-se aturdida e um suspiro largo e bom escapou-lhe do peito.

Até que enfim! Elle ali estava inteiro, completo, absoluto!

Agora pensava em como entregar a carta sem que ninguém visse, sem escandalo.

A Lydia suggerio-lhe uma idéa — iriam á outra avenida, mais sombria e menos frequentada; elle naturalmente havia de ir tambem e então passava-lhe a carta num aperto de mão franco e amigavel.

— Sim, vamos...

E dirigiram-se para a avenida Carapini, ensombrada pelos castanheiros, que formavam uma como abobada compacta de ramagens através das quaes o luar coava-se aqui e ali, pelas clareiras.

Pozeram-se por ali a esperar, em pé defronte dos gnomos de louça, á beira dos reservatorios d'agua onde cruzavam ganços e marrequinhas vadias que grasnavam alegremente inundadas de luar, ou, caminhando devagar, iam contando os minutos, enquanto a musica, no corêto, executava trechos alegres de operetas em voga. No botequim, rodeado de toscas mezinhas de madeira, abriam-se garrafas de cerveja com estrondo e havia um movimento desusado de gente. As normalistas affastaram-se para mais longe.

— Elles não vêm, disse Maria desanimada, enquanto a outra procurava com o olhar o estudante, que se confundira com a multidão.

— Tem paciência, tôlinha. Porque não hão de vir?

Com effeito, d'ahi a pouco assomou no extremo opposto da avenida a figura corpulenta de José Pereira, alta, larga, colossal, ao lado do Zuza, que lhe ficava pelo hombro apezar de alto tambem com o seu corpo fino em contraste frisante com o todo aselvajado do amigo. Vinham passo a passo, discretamente. Pararam no botequim, numa roda de rapazes que discutiam calorosamente sobre politica.

De braço dado, hombro a hombro, as duas raparigas tinham procurado o logar mais sombrio da avenida onde não podiam ser reconhecidas facilmente pelos passeantes da Caio-Prado.

— Esperemol-os aqui, disse Lydia sentando-se com um vago suspiro.

E continuava a chegar gente e a encher o Passeio por todas as avenidas do primeiro plano, cruzando-se em todos os sentidos, acotovellando-se, confundindo-se. Na Mororó, mais larga que as outras, havia uma promiscuidade franca de raparigas de todas as classes : creadinhas morenas e rechunchudas, com os seus vestidos brancos de ver a Deus, de avental, conduzindo creanças ; filhas de familias pobres em trajes domingueiros, muito alegres na sua encantadora obscuridade ; mulheres de vida livre sacudindo os quadris descarnados, com ademanes caracteristicos, perseguidas por uma troça de sujeitos pulhas que punham se a lhes dizer gracinhas insulsas. Toda uma geração nascente, avida de emoções, cansada d'uma

vida sedentaria e monotona, ia esparecer no Passeio Publico aos domingos e quintas-feiras, gratuitamente, sem ter que pagar dez tostões por uma entrada, como no theatro e no circo.

Ali não havia distincção de classes, nem camarotes, nem cadeiras de primeira ordem: todos tinham ingresso para saracotear nas avenidas ao ar puro das noites de luar.

Apenas quem não tivesse tres vintens estava prohibido de sentar-se, porque, nesses dias, as cadeiras eram alugadas, havia assignaturas baratas. Lia se mesmo na *Povincia* o seguinte annuncio: «No estabelecimento *Confucio* e no Club vendem-se cartões de assignatura de cadeiras no Passeio Publico, com abatimento nos preços.» Mas, ora, toda a gente possuia dois vintens para alugar uma cadeira, e, demais, ia-se ao Passeio para andar, para se mostrar aos outros como numa vitrine, não valia a pena ir para ficar sentado, casmurro, a ver desfilar o quê? o mesmo carnavaal de todos os domingos e quintas-feiras, as mesmas caras, as mesmas *toilettes*, Não valia a pena de certo.

Quando a musica parava, um realejo fanhoso, ao som do qual rodavam cavallinhos de páo, em um dos angulos do jardim, gemia, num tom dolente e irritante, o *Trovador*, atordoando os ouvidos delicados do Zuza que achava aquillo simplesmente insupportavel e medonho como um assassinato em plena rua.

Como é que se consentia semelhante importu-



nação em uma capital que tinha fóros de civilizada?

Oh! em Pernambuco o italiano que se lembrasse de tocar realejo á porta d'uma *republica* era immediatamente punido a batatas e a cascas de laranja. Estava muito atrazadinho o Ceará!

Gostava pouco d'ir ao Passeio, o que fazia rarisimas vezes a convite de José Pereira que comparava aquillo a um paraíso.

—O Pasterio Publico? dizia elle; o Passeio Publico é um dos mais bellos do Brazil e a cousa mais bem feita que o Ceará possui. Que visto, que magnifico panorama se aprecia da avenida Caio Prado, á tarde! Nem o Passeio Publico do Rio de Janeiro!

E justificava o antibairrismo do estudante.

—É que tu tens passado a melhor parte de tua vida na Côrte e em Pernambuco, menino, dizia elle. Si vivesses algum tempo nesta terra, havias de gostar extraordinariamente. Mas o que te posso affirmar é que no Brazil não ha uma cidade tão bem alinhada como esta, uma illuminação mais rica do que a nossa e um Passeio Publico assim como este.

«—Não duvidava, não duvidava, mas o Ceará ainda estava muito atrazadinho, lá isso estava.»

Afinal chegou o momento que Maria do Carmo aguardava com a impaciencia febril de um desesperado. O redactor da *Provincia* e o Zuza tinham deixado o grupo de politicos e approximavam-se a passos lentos. Ao passarem pelas normalistas a Cam-

pellinho levantou-se e, muito desembaraçada, com esse *tic* indizível das raparigas habituadas á convivencia dos homens e á vida elegante, dirigio-se aos dous amigos, saudando-os rasgadamente com um bello sorriso aristocrata :

— Como passou, Sr. José Pereira?... Sr. Zuza...

— Oh! minha senhora... fizeram os dous ao mesmo tempo.

E a Lydia, depois de perguntar a José Pereira, com quem tinha alguma familiaridade, si vira por ali D. Amelia, e com uma ponta de cynismo, dirigio-se ao Zuza :

— Que tal o passeio, Sr. Zuza ?

— Esplendido, minha senhora! Está de encantar !

— Isto é um inimigo do Ceará, D. Lydia, atalhou José Pereira rindo, com a sua voz muito grossa, os dentes muito brancos e pequeninos. Isto é um vandalo !

— Vandalo, não. Sou apenas um admirador, um amante do progresso. A meu ver, repito, o Ceará tem muito ainda, mas mesmo muito ( e deu umas castanholas com o dedo) que andar para ser uma capital de primeira ordem.

— Eu já sabia que o Sr. Zuza não gostava da terra de Iracema, disse a normalista.

Maria tinha se deixado ficar á distancia, sentada num banco de madeira encostado a uma arvore, na meia sombra que havia de um lado da avenida, quieta, immovel, acaçapada, como uma cousa atôa... Sentia-se cada vez mais tôla, mais matuta e insociavel.

A presença do academico punha-lhe calefrios na

espinha, e vinha-lhe logo um desejo vago de isolar-se e não dizer palavra. Não sabia o que aquillo era; o certo é que a presença do Zuza hypnotisava-a, fazia-lhe perder a cabeça, como si estivesse diante de um monstro, de uma creatura mysteriosa, cujo poder sobre ella fosse enorme.

Zangava-se consigo mesmo nesses momentos. Já estava em idade de perder de todo o acanhamento, e, que diabo! atirar-se á vida, á sociedade, sem medo, sem receios infundados, sem pieguismos. Bólas! De si para si tornava a jurar nunca mais ter medo de homem algum, mas no outro dia era a mesma da vespera, fraca, impotente para dominar-se.

— Pois estamos di-trahindo o espirito, tornou a Lydia. A avenida Caio-Prado está muito cheia; vimos apreciar o movimento d'aqui, da *avenida dos charutos*.

O Zé Povinho denominava *avedida dos charutos* a avenida Carapinin por ser mais frequentada por gente de côr, e Lydia achava muita graça naquillo, não podia acertar com o verdadeiro nome da sombria álea, ponto dilecto de cozinheiras e raparigas baratas da rua da Misericordia.

— Ah! fez o Zuza. Então V. Ex. não veio só...?

— Não, não. Vim com a minha amiga inseparavel. E voltou-se para Maria, que fingia olhar para o coreto da musica.

— Quem, D. Maria do Carmo? perguntou José Pereira voltando-se tambem.

— Sim, a Maria...

— Oh ! exclamou o redactor dirigindo-se para a normalista. Está triste hoje, D. Maria ? Uma moça bonita não se deixa ficar assim, na sombra. Como vai, como tem passado, boasinha ? Sempre acanhada !... Venha, faz favor ? quero-lhe apresentar a um moço muito *chic* e que lhe aprecia muito.

Quem, o Sr. Zuza ? Ella já conhecia. Estava descansando.

— O' Zuza !

O academico e a Lydia approximaram-se.

E José Pereira num tom de cortezia :

— Apresento-te aqui a Sra. D. Maria do Carmo, normalista, e uma das moças mais distinctas da nossa sociedade, uma flôr !

Riram-se todos áquelle disparate premeditado, pondo uma nota alegre nesse obscuro recanto do Passeio.

— Oh ! Já se conheciam ? Não sabia, por Deus ! Então já conheces a moça mais bonita do Trilho de Ferro, hein ? Uma cousa que não sabes : faz versos tambem...

Maria complimentou o estudante com um modo muito discreto, conservando-se sentada, afflicta.

A musica deu começo a um tango repinicado, saltitante e carnavalesco, especie de *chorado* bahiano, com rufos de tambor, em que sobresahia o clarinete cujas notas, muito prolongadas e queixosas, morriam languidamente.

De quando em quando os instrumentos faziam uma pausa e rompia um côro de vozes grossas—

*Quem comeu do boi?*... que a molecagem lá fóra, repetia numa desafinação irritante de vozes finas.

— Vamos tomar alguma cousa, insistiu José Pereira offerecendo o braço á Lydia, cortezmente. O' Zuza, você dá o braço a D. Maria do Carmo.

E, dois a dois, dirigiram-se para o botequim, José Pereira na frente com a Campellinho.

A occasião era opportuna.

Maria a principio desanimou completamente, mas, num impeto decisivo e franco, fazendo um esforço supremo sobre si mesma, nervosa, mais timida que nunca, saccou a carta, passou-a ao estudante, com a mão tremula, sem proferir palavra, e immediatamente veio-lhe um arrependimento profundo de se ter compromettido daquelle modo, como si houvesse comettido um grande crime, como si naquella carta fosse toda a sua honra, todo seu pudor de rapariga honesta. Estava perdida! pensou, e já lhe parecia que toda a gente,—o Passeio Publico em peso—, seguia-lhe as pégadas observando lhe todos os movimentos.

— Ah! fez o Zuza satisfeito. Pensei que não respondesse...

E sentindo se dono daquella prenda, com um fremito de palpebras atravéz dos oculos de ouro, conchegou a si o braço roliço da normalista meio descoberto.

Maria conservou-se calada, sentindo cada vez mais forte o poder mysterioso do estudante sobre seu coração extremamente sensivel e bom. Deixou-se ir automaticamente, como uma somnambula.

Sentaram-se. José Pereira quiz saber o que desejavam tomar. Havia sorvete, cydra, cerveja, vinho do Porto, chocolate...

— Cerveja, acudio a Lydia.

Todos assentaram, depois de alguns minutos de indecisão, em tomar cerveja, e o redactor da *Provincia*, sempre alegre e cortez, enfiando a cabeça para dentro do botequim, pedio tres garrafas de Carls Berg, gelo e quatro copos.

O serviço do botequim era feito por um menino que entrava e sahia sem descanso, numa azafama dos diabos, suado, com os cabellos empastados na testa, sem paletó, uma toalha nauseabunda e humida no hombro, accudindo, elle só, a todos os chamados.

Rapazes impacientes, de chapéo cahido para a nuca, tresandando ixora, muito arrebitados, batiam com as bengalas sobre as mezinhas.

— Uma garrafa de cerveja, menino!

— O pequeno, aqui! Olha, dous cafés!

O pobre caixeirinho não tinha tregoa, com a cara enfarruscada, resmungando.

De vez em quando esfregava a toalha nas mezas com força, salpicando restos de bebidas nos janotas.

— Ó burro, estás cego?

O menino zangava-se e corria á outra meza.

Vinha de dentro do kiosque um cheiro activo de café requentado. Sahiam bandejinhas com chocolate e pão-de-ló.

— Muito mal servido isto, objectou o Zuza com o seu ar affectado de fidalgo, limpando os bigodes. Tenho

notado mesmo que aqui, no Ceará, não se usa guardanapo...

— É objecto de luxo, disse José Pereira, atirando tambem o seu dichote.

E pouco a pouco a conversação foi se animando, pouco a pouco foi se estabelecendo uma como intimidade entre todos, ao passo que os copos se esvaíavam.

Pediram mais uma garrafa de cerveja.

A propria Maria do Carmo tinha o rosto em fogo. Foi perdendo o acanhamento e ria tambem com os outros quando o redactor dizia uma pilheria.

A Lydia, essa lambia os beiços a cada copo que virava de dous tragos. Era a sua bebida predilecta — a cerveja. Bebera pela primeira vez ali mesmo, no Passeio, por signal o alferes Coutinho, do batalhão, é que tinha pago. Estava em meio do terceiro copo. — «Aquillo é que era bebida agradável e hygienica», dizia ella. Não gostava de licores e bebidas adocicadas. A champagne mesmo enjoava-lhe.

— E que tal acha o *perú*? perguntou maliciosamente José Pereira.

Isso era outra cousa: O *perú* era uma excellente bebida; bastava ter sido inventada pelo presidente da provincia, um moço de educação muito fina, viajado. Diziam até que tinha ido á Russia...

Então falou-se do presidente, que José Pereira não perdia occasião de elogiar exageradamente.

Um homem superior, gabava elle, um *gentleman*, um fidalgo de raça, uma dessas creaturas que a

gente ficava querendo bem por toda a vida. Pois não! Excelente amigo, dedicado até, jogador de florete, sabendo montar a cavallo « divinamente » e atirando ao alvo com uma perfeição ultra! E que educação, que finissima educação social! O homem falava francez como um parisiense, entendia inglez e tinha um modo excepcional de se portar em qualquer occasião solemne. Comtudo isto, accrescentava pigarreando, era muito bom democrata, sim senhores. Passeava sem ordenança, a pé; ia ao mercado pela manhã « ver aquillo » como qualquer plebeu, e jogava o bilhar na *Maison Moderne*... Que queriam mais? D'um homem assim é que o Ceará precisava. Elle ali estava na pessoa do Castro.

Tratava o presidente familiarmente, como a um amigo de muita intimidade.

Por sua vez o Zuza elevava o presidente aos cornos da lua. A sua opinião resumida era a seguinte: « Todos os cearenses juntos, trepados uns sobre os outros, não chegavam aos pés do fidalgo paulista. »

A Lydia achava os olhos do presidente « simplesmente adoraveis. »

— Eu o que mais admiro nelle é o pescoço, a brancura esculptural do pescoço, disse Maria.

O presidente foi analysado escrupulosamente da cabeça aos pés, como uma estatua grega, ao sabor da cerveja Carls Berg.

Já não havla quasi ninguem no Passeio, quieto agora, sem o ruido tumultuoso dos passeantes, sem



musica, todo illuminado pela claridade branda e melancolica do luar. Apenas se ouvia o grasnar aspero dos gansos nos reservatorios, a grita estridente das marrequinhas e a toada dos soldados no quartel, rezando.

José Pereira tinha pedido mais uma garrafa de cerveja e instava para que Maria do Carmo tomasse «um bocadinho só.» A normalista, porém, cobria o copo com a mão, recusando. Que não: estava muito cheia, sentia uma pontinha de dôr de cabeça. Botasse p'r'a Lydia...

Ora fizesse favor, aceitasse, por vida de seus magnificos olhinhos de princeza encantada, supplicou o redactor da *Provincia* fixando os olhos em Maria que esperava o assentimento do Zuza.

— Porque não toma, D. Maria? perguntou este num tom quasi imperativo. O José Pereira pede-lhe com tão bons modos...

Maria aceitou com um gesto de repugnancia.

— Á sua saúde, fez José Pereira tocando o copo no da normalista.

Houve um tllintar de crystaes chocando-se ao de leve, e todos beberam ruidosamente.

— Agora vamo-nos chegando que se faz tarde, propoz Lydia levantando se.

Mal sustinha-se em pé. José Pereira offereceu-lhe o braço.

Uma languidez extrema tinha-se apoderado de Maria cujas palpebras pesavam como chumbo. Foi

preciso amparar-se ao estudante para não cahir redondamente.

— Uma tonteira! queixou-se ella fechando os olhos.

Não era nada, disse o outro passando-lhe o braço pela cintura; e enquanto o redactor seguia pela avenida com a Lydia, deixavam-se ficar naquella posição, em pé ambos e quasi abraçados.

— Olhe, D. Maria...

A rapariga tentou abrir os olhos, e nesse momento, naquelle silencioso recanto do Passeio estalou um beijo. Depois seguiram tambem, e, juntos, todos quatro foram tomar café no *Restaurante Tristão*.

---

## VIII

Maria do Carmo chegou á casa offegante, esfalfada, com a cabeça a arder, muito corada e alegre, o olhar cheio de meguice, tranfigurada pelos effeitos da cerveja, rindo por dá cá aquella palha. Atirou-se com todo o peso do corpo nos braços de João da Matta, fazendo-lhe festa, muito amorosa, como uma cadellinha de estima depois d'uma ausencia. No seu olhar aveludado e submisso havia uma supplica irresistivel.

— Cheguei um bocadinho tarde, não é assim, padrinho? perguntou cosendo-se ao amanuense, a cabeça derreada para traz.

João olhou-a, olhou-a, hesitante, com um ar de extrema bonhomia no rosto e ainda ha pouco carrancudo.

Tinha acabado de ralhar pela demora da afilhada e agora achava-se sem animo para dizer uma só palavra aspera á rapariga, cujo olhar fascinava-o como um abysmo. Ali estava ella a seus pés, submissa e mais bella do que nunca, acaraciando-lhe a barba, toda sua, como uma escrava.

— Sim, senhora, chegou um bocadinho tarde. Isto não são horas de uma moça estar passeando...

Affectava um tom reprehensivo e ao mesmo tempo paternal.

Quasi dez horas! Não era bonito aquillo, tivesse mais juizinho. Emfim, por aquella vez, o dito por não dito, mas, por amor de Deus, não fizesse outra, senão, senão...

— Mas, padrinho...

— Não tem padrinho, não tem nada. Pode ir ao Passeio, lá isso pode ir, mas, por favor não me volte a estas horas...

E affagava os cabellos de Maria, passava-lhe a mão nas faces, atoleimado, imbecil como um velho impotente, o olhar accezo atravéz dos oculos escuros, a calva relusente como uma grande bola de bilhar.

— Tu bebeste cerveja, aposto, tornou tomando entre as mãos a cabeça da rapariga e cheirando-lhe a bocca. Ora si tomou...

— Tomei, sim, padrinho, tomei um copo assim. E indicou o tamanho do copo. Mas não estou tonta, não, padrinhosinho... Olhe, foi só um copo.

— E quem t'o pagou?

— Quem pagou?... Ora, quem pagou...

— Sim, quero saber quem te pagou a cerveja. Tu não levaste dinheiro...

— Quem pagou foi o Sr. José Pereira...

— Eu logo vi! Aposto em como o tal Sr. Zuza tambem entrou na festa.

Maria fez-se desentendida, e agarrando-se ao pescoço do amanuense, com um pulo plantou-lhe um beijo na testa.

João da Matta desequilibrou-se.

— Ora, ora, ora, esta menina!...

Não sabia o que fizesse. Ralhar? Não. Maria estava encantadora e pagava-lhe com beijos as recriminações. Calar? Também não. A rapariga era capaz de reincidir na falta. O verdadeiro era não falar mais no Zuza. E João da Matta rematou a conversa:

— Vá, minha filha, vá dormir, que você não está bôa...

Maria beijou, como de costume, a mão descarnada do padrinho, e, d'um salto, recolheu-se ao seu querido quarto do meio, cahindo pesadamente na rêde, vestida como estava, sem ao menos lembrar-se de soltar os cabellos, tendo apenas tirado as sapatinhas e desabotoado o corpete.

Arre! Estava muito fatigada, precisava descansar.

E adormeceu imediatamente com um sorriso adoravel na pequenina bocca entreaberta.

Teve sonhos impossiveis e horrorosos nessa noite. Cerca de onze horas accordou sobresaltada com um pesadelo. Sonhou, cousa extravagante! que ia sosinha por um caminho dezerto e interminavel onde havia urzes e flores em profusão. Estava perdida, sem saber o rumo que devia tomar, caminhando, caminhando sem olhar p'ra traz.

De repente—*Arre cornos!* ouviu a voz aguardentada do Romão, o mesmo que fazia a limpeza da cidade, e logo surgio-lhe em frente a figura nauseabunda e miseravel do negro. Era um Romão colossal, grosso e musculoso como um Hercules, nú da cintura p'ra

cima, as espaduas largas e reluzentes de suor, calças arregaçadas até aos joelhos, preto como carvão, as pernas curvas formando um grande O, os braços levantados segurando na cabeça chata um barril enorme transbordando immundicias!— *Arre corno!* gania o negro no silencio da noite clara, cambaleando muito bebido, perseguido por uma cáfila de cães que ladravam desesperadamente. Fazia um luar esplendido...

Assim que deu com os olhos nella, o negro atirou ao chão o barril de porcarias, que espedaçou-se empéstando o ar. E o Romão, cambaleando sempre, muito fedorento, atirou-se a ella, rilhando os dentes num frenesi estúpido, beijando-a, besuntando-a.

Que horror! Ella, mais que depressa, cobrindo o rosto com as mãos, quiz fugir, sentindo toda a hediondez d'aquelle corpo immundo, mas o negro deitou-a ao chão com força, e... E Maria do Carmo accorreu quasi sem sentidos, sentando-se na rêde, com um grande peso no coração, afflicta, suffocada, sem poder falar, porque tinha a lingua presa...

— Virgem Maria! suspirou logo que pôde voltar a si. Que sonho feio!...

Suava em bicas, muito pallida, como si acabasse desahir de um fôrno. Só então reparou, muito admirada, que ainda estava com a mesma roupa com que fôra ao Passeio Publico. Riscou um phosphoro com a mão tremula, accendeu a velinha de carnaúba e começou a despir-se depressa.

Lá fóra, na rua, passava uma serenata. Uma voz

de homem cantava uma modinha conhecida, acompanhada de violão e flauta :

*Não cho...res, querida Elvi...ra...*

Maria sentia-se doente, com um sabor desagradável na bocca e uma dôr forte nas temporas. Vinha-lhe uma vontade de vomitar, de deitar fóra a cerveja que bebera; sentia um mal estar geral em todo o corpo, como si estivesse para cahir gravemente doente.

Que seria, Deus do céu? Approximou a vela do espelho, um velho traste com o aço muito estragado, e achou-se abatida, os olhos fundos, uma crosta esbranquiçada na lingua. Nunca mais havia de tomar a tal cerveja, uma bebida selvagem, sem gosto, repugnante como um vomitorio. Só tomara naquella noite por causa do Zuza, porque ouvira dizer que «era moda nas grandes cidades», na Côrte e no Recife, as senhoras tomarem cerveja. Mas credo! noutra não cahia. Si soubesse teria pedido cydra.

Quiz chamar a Marianna para lhe fazer um chá-sinho de laranja, mas era muito tarde, podiam desconfiar, e depois o padrinho agora dormia na sala de jantar...

Não, não, era melhor não incomodar a ninguem: aquillo havia de passar, si Deus permittisse.

Tinha até se esquecido de rezar...

Ajoelhou-se, mesmo em camisa, diante da electrographia que representava o Christo abrindo o coração á humanidade, balbuciou uma oração, persignou-se, e, mais aliviada, mais fresca, adormeceu novamente, pensando no estudante.

O amanuense, no mesmo dia da briga com a mulher, resolvera de então em diante dormir numa rêde, na sala de jantar. Uma figa! não estava mais para suportar o calor infernal da alcova, e, além disto, viviam ultimamente, elle e D. Therezinha, arengando consecutivamente, como duas crianças invejosas, pela cousa mais insignificante. Elle, muito bilioso, achava que tudo em casa ia muito ruim, que D. Therezinha não se importava com as cousas, que não se fazia mais economia. — «Um gasto enorme de dinheiro! um desperdicio sem nome, um esbanjar sem tregoa, e, afinal de contas, não passavam da carne cosida e do lombo assado com arroz. Isso assim ia mal, muito mal. Depois ninguem fosse chorar por dinheiro...»

Quem, ella, chorar? Que esperança! Estava muito enganado, seu «pap'angú de bocêta». Tinha muito p'r' onde ir, não faltavam casas de gente seria no Ceará. Soccasse o seu dinheiro onde quizesse...

Toda a vizinhança, avida de escandalos, ouvia com risinhos de perfida satisfação aquelles torniquetes ás vezes immoraes até, do amanuense com a mulher. Era um divertimento.

— Deus os fez e o diabo os ajuntou, dizia a mulher d'um barbeiro que morava ali perto, paredes meias.

Quando João da Matta entrava na pinga então a cousa tomava proporções assustadoras. Ameaçava expulsar a mulher de casa a ponta pés, berrava como um possesso, batia portas, quebrava louça ao jantar, rogava pragas, e a propria creada não escapava á sua colera.



Marianna era uma rapariga muito pacata e em pouco acostumou-se ás impertinencias rispidas de «seu Joãozinho».

— P'ra que havia de dar o pobre homem, dizia ella ás vezes, penalizada, cruzando os dedos sobre o ventre. Crédo! a gente vê cousas! Hum, hum!...

E muito risona, muito tôla, com o seu ar idiota de animal docil, lá se ia p'r'a cosinha cuidar das panellas e da louça, porque era ao mesmo tempo cosinheira e copeira.

Quasi todos os dias a mesma lenga-lenga, o mesmo duello de palavrões de porta de feira, a mesma pancadaria de descomposturas. Não era raro sahir da bocca desdentada do amanuense uma obscenidade!

— Jesus! exclamava Maria fugindo para o seu quarto com as mãos nos ouvidos.

Ao ouvir a voz de João da Matta berrando como um damnado, a visinhança chegava ás janellas avida de escandalo. Meninos em fralda de camisa, chupando o dedo, paravam defronte da porta do amanuense, muito espantados, olhando cheios de curiosidade pelas frinchas da rotula.

E a algazarra crescia lá dentro, como si papagueassem muitas pessoas a um tempo.

As duas creaturas faziam as delicias da rua do Trilho, que regosijava-se com aquelles espectaculos gratuitos de um comico irresistivel.

«— Aquillo ainda acabava mas era num escandalo *ladéjo*» resmungava a mulher do barbeiro, uma

magricella com cara de quem está sempre com dôr de barriga.

O Loureiro repetia indignado, dando-se ares de homem serio e reformador de costumes: «— Uma gente sem vergonha. Uma canalha! Tomara já se casar para ver-se longe de semelhante peste. Até era feio a Lydia ter amizade com aquella gente.»

E aconselhava á rapariga que fosse pouco a pouco deixando de ir á casa de João da Matta, porque não lhe ficava bem, a ella «rapariga de familia», em vespas de se casar, ter relações com uma corja d'aquella.

Já não se jogava o vispora em casa do amanuense. As velhas collecções dormiam esquecidas no saquinho de baeta verde em cima do piano.

D. Therezinha transformava-se a olhos vistos. Pouco lhe importavam os moveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas; protestara nunca mais abrir o bico para dar ordem naquella casa. Estava cansada de aguentar desaforos «do corno» do Sr. João da Matta.

E tudo porque? Por causa de uma peste que se lhe mettera casa a dentro e agora andava mostrando os dentes e mais alguma cousa ao padrinho, com partes de afilhada. Não, ella é que não servia de alcoviteira a ninguem, meu bem. Estava muito enganadinho. Si quizesse fazer mal á sonsa da Maria, fosse fazer onde bem entendesse, mas, ella, Tété, não servia de travesseiro, não, mas era o mesmo... Estimava muito que lhe deixassem dormir só, na sua cama. Não perdia nada.

Por seu lado o amanuense encarava a mulher com um desprezo solenne. Vinha-lhe agora um arrependimento profundo por ter feito a asneira de amigar-se com D. Therezinha. Tanta rapariguinha fresca e bonita vivia a procura de um homem, tanta retirante « moça » e pobre, tanta gente bôa no mundo, fôra amigar-se logo com quem? com quem, Sr. João da Matta? Com uma sujeita feioza que só tinha carne nos quadris, um monstro de gordura, com pernas finas e ainda por cima esteril! Que grandissima cabeçada! Entretanto, podia estar muito bem casado com uma mulher de certa ordem, rica mesmo, bem educada e bonitona.

Depois que se mudara para a sala de jantar a poderou-se d'elle um aborrecimento inexplicavel por D. Therezinha. Passava horas e horas estendido na rede, de papo para o ar, em ceroula e camisa de meia, accendendo cigarros, a pensar na vida, como um grande capitalista que sonha no dinheiro accumulado usurariamente, e Maria do Carmo apparecia-lhe na imaginação como um thesouro preciosissimo, que elle receava fosse cobiçado um bello dia pelo rapazio galante da cidade. Estava ficando velho, era preciso aproveitar o resto da vida. É verdade que em 77, na sêcca, tinha desfructado muita « bichinha » famosa. Nesse tempo elle era commissario de soccorros... Mas nenhuma d'aquellas retirantes chegava aos pés da afilhada. Chegava o quê? Nem havia termo de comparação. Maria, alem de ser um rapariga asseiada, e appetitosa como uma ata madura, tinha

sobre as outras a vantagem de ser intelligente e educada.

Estas qualidades da normalista tinham um encanto extraordinario aos olhos do amanuense. Nunca em sua vida cheia de aventuras amorosas encontrara uma rapariga nas condições de Maria do Carmo, filha familia, branca, singularmente encantadora e que estivesse ao alcance de seu coração, ah! nunca.

Maria punha-o doudo com os seus bellos olhinhos côr de azeitona. A sua imaginação creava planos phantasticos, inexequiveis, por meio dos quaes elle podesse illudir a afilhada, e, zás! tirar-lhe o lyrio branco da virgindade. Não queria precipitar-se com risco de um escandalo compromettedor, isso não. Preferia insinuar-se pouco a pouco, devagar, no animo da pequena, sem a sobresaltar, fazendo-lhe, todas as vontades, de modo que, na occasião opportuna, no momento preciso ella se entregasse promptamente, sem resistencia.

Com effeito, Maria agora, para não desagradar ao padrinho, obedecia-lhe cegamente, com a resignação, indolente e fria duma escrava. Que havia de fazer, ella uma pobre filha adoptiva, si o padrinho era quem lhe dava de comer e de vestir? Consentia, podéra não! sem a menor resistencia, que o amanuense affagasse-lhe o bico dos seios virgens e lhe passasse a mão pelas coxas tenras e polpudas...

— Está fazendo cocega, padrinho, murmurava rindo, com um riso sem expressão, que lhe vinha do fundo d'alma de donzella.

— Socéga, tolinha, ralhava João.

E ella não tinha remedio senão ficar quieta, immovel, com o olhar humido no tecto, abandonada ás caricias sensuaes d'aquelle homem repugnante que a perseguia como um animal no cio, mas que afinal de contas era seu padrinho...

Muitas vezes, ah! quasi sempre, vinham-lhe impetos de reagir com toda a força do seu pudor revoltado, mas ao mesmo tempo lembrava-se de que era só no mundo, porque já não tinha pae nem mãe, e podia ser muito desgraçada depois... Sim, era preciso paciencia para supportar tudo até que o Zuza se decidisse a amparal-a sob a sua protecção de rapaz rico. Vivia agora, sabe Deus como, entre a indifferença cruel de D. Therezinha e a vontade soberana do amanuense, por assim dizer sósinha naquella casa onde tudo tinha o aspecto sombrio e desolado da pobreza deshonesta. Ah! mas aquillo havia de acabar fosse como fosse. .

A propria Lydia já não a procurava como dantes toda orgulhosa com o seu noivo. A felicidade da amiga augmentava-lhe ainda mais o desespero. Decididamente era muito infeliz. Ahi vinham-lhe outra vez as lagrimas e os soluços concentrados. Recolhia-se com os olhos cheios d'agua ao seu quarto, com uma tristeza infinita no coração e só achava conforto nas confidencias amorosas do Zuza, que ella guardava como uma reliquia no fundo de uma caixinha perfumada de sandalo. Esquecia-se a lê-l-as devagar, repetindo phrases inteiras, admirando a bella calligraphia em que

ellas eram escriptas, beijando-as sobre a assignatura do estudante, toda entregue ao seu amor.

Havia uma semana que se correspondiam por cartas onde a vida de ambos era descripta como num diario, minuciosamente, em todos os seus detalhes. Porque o futuro bacharel desconfiara do modo frio com que o amanuense o recebia, e, sem dizer nada a ninguem, resolvera nunca mais por os pés naquella casa que elle « honrara » durante quasi um mez com a sua presença. Pilulas !

Todos os dias encontrava o sujeito com uma cara de mata-mouros, a pequena tinha ordem para não lhe apparecer, e, mesmo era uma estopada ir ao Trilho a pé, sujeitando-se á critica idiota dos mequetrefes da vida alheia. Estava decidido— não iria mais ao Trilho de Ferro. E cumpriu a sua palavra com a dignidade de um fidalgo.

Encontravam-se diariamente na Escola que o Zuza frequentava agora com a pontualidade irreprehensivel d'um inglez. E, como não podiam conversar a vontade sem escandalisar os creditos do estabelecimento já um tanto aba'ados, trocavam cartinhas no intervallo das aulas.

Era voz geral na cidade que o estudante estava disposto a casar com a normalista mesmo contra a vontade de seus paes e a despeito da burguezia aristocrata que lamentava por sua vez tamanho « desastre ». Um rapaz *fino*, com um futuro invejavel deante de si, estimado, amigo do presidente, casar-se com uma simples normalista sem eira nem beira ! E em

toda a parte, desde o *Café Java* até ao Palácio da Presidencia commentava se, discutia-se ruidosamente o assombroso acontecimento. Uns asseguravam que o Zuza estava desfructando a rapariga para depois — *fuisset* ! pôr-se ao fresco e nunca mais pisar o solo cearense. Outros, porem, eram de parecer que o academico tinha boas intenções e até fazia bem levantar da miseria uma creatura como a Maria, que estava se perdendo em companhia do amanuense. Havia outro grupo que acreditava no casamento do Zuza com a normalista, porque, na sua opinião, a menina já «estava prompta» isto é, o estudante já lhe tinha «plantado no bucho um Zuzinha». E, assim, multiplicavam-se as opiniões, enquanto o Zuza, fazendo ouvidos de mefcador, não se dava ao trabalho de desfazer boatos. — Que se fomentassem todos. Não tinha que dar satisfações a ninguem por seus actos.

Um bello domingo a MATRACA lembrou-se outra vez de cortir o coro ao Zuza em redondilhas escandalosas que enchiam quasi toda uma pagina. Os vendedores do pasquim atravessavam as ruas em disparada, esbaforidos, apregoando alto e bom som — *o namoro do Trilho de Ferro!*

Em todas as esquinas surgiam meninos maltrapilhos sobraçando o jornaléco, arquejantes sob a luz crúa do sol que incendiava a cidade nesse luminoso meio dia de Novembro.

O casarão do governo, acaçapado e informe, com o seu aspecto branco e tradicional de velho edificio portuguez do tempo do Sr. D. João VI, com a sua fila

de janellas, alinhadas á maneira de hospital, espiando para a praça do General Tiburcio, parecia dormir um somno bom de sésta, batido pelo sol, na mudez solemne de um monumento archeologico. Tinha dado meio dia na Sé ; ainda vibrava no espaço illuminado e azul a ultima nota das cornetas

Aquella hora o estudante acabara de almoçar com o presidente, e, pernas cruzadas, reclinado numa cadeira de balanço, deliciava-se a fumar tranquillo o seu havana mais o José Pereira, na larga sala de recepção do palacio.

De repente :

— *A MATRACA a 40 réis ! O namoro do Trilho de Ferro ! O estudante e a normalista ! Grande escandalo !*

Um menino passava gritando a todo pulmão, numa voz fina de adolescente, as noticias da folha domingueira.

Zuza com o rosto afogueado pelo Bordeaux que tomara ao almoço, estremeceu na cadeira.

— Hein ?

O vendedor de jornaes repetia a lenga-lenga lá fóra, na praça. Então o estudante fulo de raiva, sacudindo fóra o resto do charuto, levantou-se e foi direito á janella.

— Psiu ! Psiu ! O menino da MATRACA !

— Eu ?

— Sim, você mesmo !

Emquanto se esfrega um olho os dous encontraram se em baixo, na porta do palacio.



— Que está você a gritar, seu patife? perguntou Zuza segurando o vendedor pelas orelhas.

— Nada seu doutô; é o *namoro do Trilho*...

— Você ainda repete, seu grandíssimo corno!

E, depois de encher o pequeno de petelecos, o futuro bacharel tomou-lhe todos os exemplares da MATRACA rasgando-os imediatamente.

O outro abriu a guela a chorar encostando-se á parede, com a cabeça entre os braços.

—E puxe! continuou o Zuza implacavel, com o seu olhar de myope. Vá, vá, vá, e diga ao dono desta imundicia que eu ainda lhe quebro a cara a bengaladas, hein! Vá, vá, vá...

O pequeno não teve outro geito senão ir-se arrastando pela parede, muito triste, resmungando, protestando nunca mais vender a MATRACA, enquanto o Zuza explicava o caso ao José Pereira e ao presidente, que o receberam com uma explosão de risos.

O caso não era para rir, dizia elle formalisado, limpando os olhos com a ponta do lenço de sêda. O caso não era para rir, que diabo! Ainda havia de quebrar a cara ao redactor da MATRACA. Aquillo excedia as raias do decoro e do respeito que se deve ter á sociedade. Que essa! Não era nenhum filho da mãe que estivesse a servir de judas a Deus e ao mundo. Era assim que se resolviam questões de dignidade pessoal — á bengala!

— Mas vem cá, ó Zuza, disse amigavelmente o fidalgo paulista; tu perdes o tempo e o latim com semelhante gente...

— Eu já o aconselhei, interrompeu José Pereira. O desprezo é a arma dos fortes.

— Qual desprezo, homem! O desprezo é a arma dos covardes. Eu cá resolvo as cousas positivamente á bengaladas.

— Quantas já deste no redactor da MATRACA? perguntou José Pereira para confundir o Zuza.

— Não dei nenhuma ainda, mas pretendo, antes de me ir embora, quebrar-lhe os queixos, sabe você?

O presidente para não provocar mais a bilis do Zuza perguntou, a proposito de jornaes que se occupavam da vida alheia, si tinham lido o *Pedro II*, e a conversa descambou para o terreno arido da politica local.

— Que diz o papelucho? perguntou o fidalgo de dentro dos seus grandes collarinhos lustrosos.

— A mesma cousa de todos os dias, respondeu José Pereira com um gesto de desprezo. Que você é um pessimo presidente, que você gosta de tomar champagne, e, finalmente, que você «vai encaminhando as cousas publicas para um abysmo.»

— Ora, suporte-se uma cousa destas! saltou o Zuza. Eis ahi: é ou não para se dar o cavaco?

— Mas, Zuza, eu vou respondendo a cada artigo com a demissão de dez funcionarios amigos da opposição. Queres ver uma cousa?... Que dia é hoje?

— Domingo...

— Pois bem, vou mandar lavrar a demissão de alguns empregados publicos, que se dizem *miudos*, com a data de hoje. Eis ahi está como se resolvem

questões d'esta ordem. Insultam-me, não é assim? injuriam-me, acham que sou máo, que não tenho juizo, que sou indifferente á sorte do Ceará... Pois bem, hoje mesmo muita gente vai pagar pelos directores do tal partido. Nada mais simples, não achas?

Ante a resolução prompta e decisiva do presidente o Zuza ficou perplexo. Decididamente era um grande homem aquelle!

— Mas olha que vais reduzir a miseria muitas familias...

O presidente teve um sorriso de suprema indifferença áquellas palavras do estudante e dirigiu-se para a secretaria com o passo firme de quem caminha para uma acção nobre com o seu bello porte de diplomata.

Zuza pretextou uma forte enxaquêca e abalou a pensar no vendedor da MATRACA. Tinha feito mal em esbofetear o rapazinho, porque afinal de contas o pequeno estava innocente, nada tinha que vêr com os desaforos publicados. Era um simples vendedor, coitado.

Enfiou pela rua da Assembléa macambusio, com um ar indolente, chapéo derreado para traz, riscando o chão com a bengala, muito distrahido.

« — Que diabo! A gente sempre faz asneiras... »

E, peccador arrependido, entrou em casa esbaforido, soltando, logo á entrada, um bocejo de velho preguiçoso.

Entretanto a demora do Zuza na capital cearense começava a inquietar o coronel Souza Nunes.

Era época de exames e o estudante nem sequer falava em tirar passagem para o Recife onde já devia se achar afim de concluir o curso.

— Si lhe entrasse na cabeça a idéa de casamento com a tal senhora normalista, então, adeus, pensava o coronel; ia tudo aguas abaixo. Seria talvez preciso improvisar um passeio á Europa, do contrario o rapaz era capaz de fazer uma estralada dos diabos.

La falar ao Zuza como pae, ia reprehendel-o severamente, dizer-lhe com a franqueza rude de um superior para um subalterno que aquillo não podia continuar, que era tempo de seguir para o Recife, que se preparasse.

Mas o filho tinha umas maneiras capciosas de convencel-o, fazendo-se energico, revoltando-se contra a maledicencia publica, provando-lhe com argumentos fortes que tudo que se dizia na rua era mentira, que elle, Zuza, até desejava ir-se logo para Pernambuco, o que decidamente faria no primeiro vapor.

— O certo é que os vapores passam, tornam a passar e tú vás ficando, objectou-lhe um dia o coronel que abstinha-se de falar na normalista.

—... Mas, ora, ha tempo bastante para tudo. Os exames começam tarde este anno.

— Qual tarde, meu filho! tu estás perdendo um tempo precioso quando já devias estar lá.

Havia entre os dois, pae e filho, uma familiaridade moderna, como si fossem aperas irmãos.

A esposa do coronel é que não se envolvia em questões.

Adorava o filho, é verdade, tratava-o com todo carinho, tinha orgulho nelle, mas, sempre muito bôa, respeitava as resoluções do Zuza e evitava contrariar o na mais pequena cousa. Demais D. Sophia estimava até que o filho se demorasse o mais possível em sua companhia.

A formatura do Zuza era para ella uma questão secundaria que havia de se resolver mais cedo ou mais tarde; de si para si achava que o estudante tinha pouco amor aos estudos, mas não revelava este seu pensamento a ninguem. Vivia constantemente incommodada, com fortes dores no utero provenientes de um parto infeliz em que fôra preciso arrancar a criança a forceps.

Era uma senhora de quarenta annos com todos os caracteristicos de uma boa esposa: inimiga de passeios, importando-se pouco ou nada com a vida elegante, arrastando a sua enfermidade incuravel pelo interior socegado da casa. O Zuza tinha-lhe uma afeição supersticiosa, D. Sophia era a unica mulher sincera e bôa no mundo a seus olhos de filho agradecido. Um pedido, um desejo de sua mãe era satisfeito immediatamente, sem considerações, custasse o que custasse.

Ella por sua vez, a pobre senhora, retribuia-lhe o affecto com a mesma dedicação, com o mesmo desprendimento, não contrariando o mais leve pensamento do rapaz.

« — E' o que me obriga a vir ao Ceará, dizia elle, é minha velha, do contrario jamais eu tornaria a esta provincia insupportavel. »

Mas entravam e sahiam vapores e elle deixava-se ficar com o seu tédio, preso irresistivelmente aos olhos côm de azeitona da normalista como a uma forte cadeia de ferro. «—Tinha tempo, tinha tempo...» repetia, decidido a passar o Natal em Fortaleza. Que diabo! deixassem-no ao menos provar o tradicional *aluá*. Os exames? ninguem se incommodasse, taria-os em Março; era até melhor, porque assim podia estudar mais e «fazer figura.»

E os dias passavam e cada vez crescia mais no seu espirito o desejo vehemente, a ambição romantica de possuir completamente aquella rapariga que tinha se apoderado de todo seu coração. Queria para esposa uma mulher nas condições de Maria do Carmo, orphã, de origem obscura e pobre. Decididamente casava-se desta vez embora isso custasse algum desgosto ao pae. Todo homem deve ter a liberdade de escolher a mulher que melhor lhe quadrar.

—Mas olha que a rapariga é normalista..., lembrava José Pereira maliciosamente.

Que importava isso? Fazia muito bom juizo da sociedade cearense para não acreditar que todas as normalistas do Ceará fossem indignas de um rapaz de certa ordem. O que queria é que a pequena soubesse corresponder á sua confiança.

## IX

Foi num sabbado, á noite, que se realisou ceremoniosamente, com toda a pompa de uma festa de provincia, o casamento da Lydia com o guarda livros, na igreja de N. S. do Patrocinio.

Ás sete horas parou á porta da viuva Campello um carro e saltou o Loureiro todo de preto, gravata branca, o cabello lustroso, repartido ao meio em triumphas, empunhando o seu famoso clak. Estava glorioso dentro da sua casaca de panno fino mandada fazer especialmente para o acto.

Que festa na rua do Trilho !

No quarteirão comprehendido entre a rua das Flores e a do Senador Alencar notava-se um movimento desusado de gente que debruçava-se ás janellas e parava na calçada e nas esquinas para esperar a sahida dos noivos. Ura curiosidade flagrante estampava-se na physionomia dos moradores que assistiam basbaques á chegada dos carros communicando a sua ruidosa alegria áquelle pedaço de rua habitualmente silenciosa e socegada.

Havia folhas tapetando o chão defronte da casa

da viuva onde reinava agora uma estranha agglomeração de pessoas de ambos os sexos compactas, abafadas, espremidas entre as quatro paredes da pequena sala de visitas.

A noiva estava acabando de collocar a grinalda quando entrou o Loureiro muito tezo com um riso amavel e desconfiado que lhe arrebitava o bigode espesso. Dois sujeitos, tambem encasacados, de luvas, foram recebel o á porta. — «Chegou o homem» annunciou uma voz, e a estas palavras cresceu o zumzum propagando-se por ali fóra entre os curiosos que se acotovellavam á porta, na rua.

E logo toda a gente repetiu transmittindo-se a grande noticia «—chegou o noivo!—e todos os olhares cahiram de chofre sobre o guarda-livros transfigurado em heroe de comedia.

D. Amanda, muito azafamada, tomou-o pelo braço e conduziu-o á sala de jantar para lhe offerecer um calisinho de Porto.

Loureiro queixou-se do calor saccando fóra as luvas, rubro, com a testa relusente de oleo, mettido num collarinho em folha, todo elle rescendendo opponax. Nunca ninguem o vira tão bem disposto, tão lepido, com um ar ao mesmo tempo condescendente e soberano de capitalista sem debito. «— A noiva estava prompta?» perguntou. E, sem esperar resposta, começou a contar um incidente que lhe succedera no hotel no momento em que se vestia. Nada, uma infamia que não lhe attingia á sóla dos sapatos. Uma



carta anonyma contra a reputação da Lydia, cousas do Ceará, cousas dessa terra...

Incommodára-se a principio, o sangue subira lhe a cabeça ao ler semelhantes torpezas, mas acalmara-se logo, porque não valia a pena a gente incommodar-se por uma carta anonyma escripta em pessima letra e, o que era mais, accrescentou convicto o Loureiro, « sem assignatura ! »

A viuva não se inquietou, atarefada, suando, muito apertada na sua *toilette* de seda escarlata, os grandes seios ameaçando romper o corpete e uma rosa no cabello. — Calumnias, nada mais, observou servindo o vinho. O guarda-livros emborcou o calix á saúde da noiva, gabando a boa qualidade do Porto.

A pequena sala de jantar, caiadinha de novo, tinha agora outro aspecto mais asseiado e alegre, sem manchas de gordura nas paredes amarellecidas, como d'antes, com vasos de flores no aparador, illuminada a vela de espermacete. Sobre a mesa do centro, coberta com um panno novo de riscadinho encarnado, pousavam duas lanternas antigas em fórmula de sino, jarros, pratos com bôlos e garrafas intactas dispostas em symetria. O chão de tijolo ainda estava meio humido da baldeação que se fizera na vespera. De resto os mesmos moveis do costume: um lavatorio de ferro com espelho defronte do corredor, a mesa de jantar, o aparador de nogueira e o guarda louça, uma velha peça que fôra do tempo do marido de D. Amanda.

A verdadeira casa do Loureiro, o ninho em que

elle ia passar a lua de mel com a Lydia era no Bemfica, uma casinha tambem de porta e janella, mas muito fresca e alegre, nova, ainda cheirando a tinta. Resolvera não fazer festa. Um copito de vinho aos amigos, um taco de bôlo e o deixassem em paz com a sua «querida». Tinha feito muitas despesas com o casamento. Da igreja iria directamente «para a chacara» onde ficava a disposição dos amigos. Isso de pandega em noite de nupcias não era proprio, achava uma formidavel massada. Demais não era nenhum millionario para não contar o dinheiro que gastava.

Uma miniatura, a casinha de Bemfica, um sonho de poeta lyrico, assobradada, com a sua fachada azul ainda fresca, recebendo em cheio até meio-dia toda a luz do nascente. Logo á entrada havia uma escadinha de tres degrãos, d'onde se via, lá dentro, nitidamente, como por um crystal muito limpido, a sala de jantar e as bananeiras do quintalejo, de um verde tenro.. Sala de visitas, alcova communicando com um quarto, casa de jantar, *varanda*, dispensa, quarto para creado, cosinha e quintal, tudo asseiado e confortavel, com uns tons aristocraticos matisando a compostura graciosa dos moveis, papel claro nas paredes e lustre na sala de visitas.

Concluidas as obras da casa, o trabalho de renovação, Loureiro dera-se pressa em mobilial-a a seu geito, conforme as suas posses e os seus habitos de empregado zeloso e methodico. Não pedira conselhos a ninguem: escolhera elle mesmo os moveis e os objectos

decorativos, tudo novo e lustroso, como si tivesse sahido da fabrica naquelle instante. Mandara vir dos Estados Unidos, por intermedio da casa Confucio, um piano americano e uma machina de costuras. E uma vez tudo prompto, tudo no seu lugar, passou uma revista geral na casa, desde a sala de visitas até ao fundo do quintal, admirando com a alma cheia de satisfação a especie de paraiso que elle proprio creara para si.

«— Sim, senhor, tinha cumprido rigorosamente o seu dever. Estava tudo que nem um brinco! Agora, sim, podia casar.»

Lydia pasmou diante daquelle novo mundo que se lhe offerencia á vista. Nunca pensara que o guarda-livros soubesse preparar uma casa com tanta graça. Pela primeira vez na sua vida o Loureiro revelara-se um homem moderno e civilisado. Estava encantada! Já agora não invejava a sorte de Maria do Carmo: o Loureiro podia competir com o Zuza em bom gosto! Quem diria? Suppunha o guarda-livros mais tôlo, mais ignorante e semsaborão. Agora estava convencida de que o seu homem era capaz de fazer figura em qualquer sociedade. Percorreu todos os aposentos, revisitando os moveis, admirando a qualidade fina dos objectos, com exclamações de intima alegria. Sentou-se ao piano e ensaiou uma escala, achando o excellente.

— Esplendido, hein, mamãe? Melhor que o das Cabraes!

Mirou-se ao espelho, uma peça magnifica, de crystal, que o guarda-livros comprara num leilão particular

por um preço exorbitante. Subia de ponto a satisfação da rapariga. Esteve quasi atirando-se ao pescoço do noivo e beijando-o agradecida; conteve-se, porém. A viuva, essa acompanhava a filha, embasbacava, dando graças a Deus por ter encontrado semelhante genro. — « Olha isto, menina, olha aquillo! » dizia, muito gorda, chamando a atenção da Lydia.

Da sala de visitas passaram á alcova. O guarda-livros guiava-as, na frente, explicando os menores detalhes, a procedencia dos objectos, o seu valor. « — Oh! a cama! saltou a Lydia, sentando-se no bello leito de ferro azul com esmaltes d'ouro, armado á ingleza em forma de docel.

Achava muito elegantes as camas que estavam se usando. Experimentou o enxergão de arame calcando-o com o corpo. Magnifico! A viuva tambem se sentou um instantinho, e continuaram a visita.

Era quasi noite quando retiraram-se.

Agora, uma semana depois, num sabbado, toda a gente falava no casamento do Campellino como d'um acontecimento extraordinario. A Campellino, hein? Quem diria!... Uma felizarda! E todos commentavam o facto com ruido, recapitulando a vida inteira da viuva e da filha, lembrando episodios, cochichando malicias, prognosticando o futuro da rapariga, admirando a boa fé do Loureiro. Coitado, elle talvez ignorasse mesmo certos pormenores da vida da Lydia...

D'ahi quem sabia? talvez fossem muito felizes. Conheciam-se moças mal comportadas que, depois,

casando-se, tinham-se tornado verdadeiras mães de família.

O Guedes, da MATRACA, esse logo ás seis horas começou a beber no Zé Gato mais o Perneta, vomitando todo o seu despeito contra a Lydia que elle cobria de improperics aguardentados.

Debalde o Perneta procurava acalmal-o, o Guedes estava fóra de si, com os o hos ensanguentados, esbravejando como uma féra.

— Deixa-te disto, ó Guedes, aconselhava o Perneta. Olha que te podem ouvir, homem!

— Que ouçam, que ouçam, cambada de infames!

E batendo no peito orgulhoso:

— Este aqui beijou muito aquella typa, sabes? Não preciso d'ella para cousissima alguma, estás ouvindo? Aquillo é uma sem vergonha muito grande, aquella femea!

— Cala a bocca, menino...

— Cala a bocca, porque? Pensa você que tenho medo de carêtas? Hei de dizer o que eu muito bem quizer, fique você sabendo!

— Quem te diz o contrario, homem de Deus? O que não é bonito é estares p'r'ahi a dizer asneiras.

De vez em quando approximava-se o Zé Gato e supplicava que não falassem tão alto, que na rua se estava ouvindo. Mas o Guedes não attendia a cousa alguma, com o pensamento na Lydia, transbordando colera, possesso.

Escureceu e elle ainda lá estava no fundo da bo-

dega esvasiando calices de aguardente, a falar desesperadamente.

Às sete horas dois foguetes queimados defronte da casa da viuva Campello, no Trilho, deram signal de que os noivos iam sahir. Com effeito, d'ahi a pouco surgio na calçada a Campellino, caracterisada em noiva, afogada em seda branca, com uma aureola de immortalidade, cabisbaixa, pisando de vagar, de braço com a firma Carvalho & C.<sup>a</sup>

E áquella apparição levantou-se um rumor em todo o quarteirão. « Já vem, já vem! » era a voz geral.

Logo após vinha o Loureiro com a viuva, em seguida Maria do Carmo e um rapaz empregado no commercio, D. Theresinha, o Castrinho, e outras pessoas de mais ou menos intimidade, duas a duas.

O cortejo desfilou a pé, ante a curiosidade indiscreta da visiahança que se debruçava nas janellas para ver melhor a noiva. — « Como aquillo ia orgu hosa! » disse a Justina Proença, uma paraense equivocada, visinha de João da Matta. — Tão besta é um quanto o outro murmurou a mulher do barbeiro com um muchocho.

Moleques com taboleiros de doces na cabeça acompanhavam o prestito.

De repente houve um fecha-fecha na esquina onde iam dobrar os noivos.

Que é? Que foi? Recomeçou o zumzum mais forte, como um zumbido de abelhas num cortiço e os boatos circularam vertiginosamente. Toda a gente queria saber o que era, o que tinha succedido. A

verdade é que ao approximar-se o « casamento » da venda do Zé Gato, saltou de dentro o Guedes, bebado como uma cabra, espumando, sem chapéo, e poz-se no meio da rua a vociferar obscenidades contra a Campellino mais o guarda-livros.

Um escandalo. Soaram apitos ; compareceram guardas de policia ; o Zé Gato sahiu á rua para acalmar o borracho ; foi alterada a ordem do prestito ; a Lydia ficou muito branca debaixo do véo e ia tendo uma syncope ; o Loureiro quiz avançar contra o desordeiro, mas foi detido por João da Matta...

Afinal de contas, depois de alguns segundos, fez-se a ordem e o « casamento » seguiu em paz, direito á igreja do Patrocinio.

O Guedes forcejava por evadir-se dos braços do Zé Gato e d'outro sujeito, que procuravam conduzi-lo á venda.

— Sou eu quem te pede, ó Guedes, vamos. Deixa de tolices rapaz ; estás dando escandalo, homem !

— Não vou, porque não quero, está ouvindo? Não vou, porque não quero. Eu hoje faço o diabo !

E agachava-se, e cahia p'r'a traz e tombava para os lados, sem gravata, os olhos esbogalhados, os cabellos em desordem, como um doudo. Foi uma lucta para acalmal-o.

Por fim o Zé Gato mandou vir uma chicara de café sem assucar, deu-lhe a cheirar limão, e, em pouco, o redactor da MATRACA dormia beatificamente, debruçado sobre a mesa de ferro onde serviam-se as bebidas.

— Coitado ! lamentou o vendeiro. Um talento famoso ! E' um segundo tomo de Barbosa de Freitas.....

Cerca de uma hora depois voltaram os noivos com o seu bizarro cortejo de amigos e amigas, mas agora vinham os dois na frente abrindo caminho, conversando baixinho, com um bello ar de velha familiaridade. Nas fileiras do prestito havia um rumor de franca liberdade. Falava-se um pouco alto, ouviam-se risadinhas gostosas, tinha-se perdido a cerimonia grave de momentos antes. A volta não se parecia com a ida. A alegria dos noivos communicava-se instinctivamente aos circumstantes como si na verdade estes compartilhassem da intima felicidade daquelles.

Outra vez a casinhola da viuva encheu-se que nem um ovo. No meio dos convidados havia estranhos que invadiam a sala sem cerimonia, immiscuindo-se no tumulto de gente como si fossem amigos velhos, de paletó sacco e gravatas de côres espaventosas.

Ninguem os conhecia, mas ninguem ousava despedil-os, deixando-os ficar, por uma condecendencia rasoavel. Curiosos de ambos os sexos debruçavam-se da parte de fóra da janella para dentro, espremidos uns contra os outros.

Os noivos tinham-se sentado no sofá, defronte da janella, conchegados, prelibando as delicias do matrimonio na casinha de Bemfica.

Loureiro limpava devagar com o lenço rescendendo opoponax o suor que lhe corria em gottas da



testa, encarando com supremo orgulho a curiosidade pulha dos circumstantes.

Pousava os pés sobre o tapete deixando ver as meias de seda côr de carne com pintas d'ouro.

Lydia estava divina com a sua sumptuosa *toilette* de noiva comprimindo-lhe os quadris rijos e carnudos, muito séria, o rosto afogueado.

O guarda livros contemplava-a de instante a instante com um profundo olhar apaixonado de dono que acaricia um objecto querido, sentindo-se mais do que nunca irresistivelmente attrahido pela formosura sensual da Capellino.

D. Amanda, sempre muito solícita, veio convidal-os para a ceia : que estava prompto o chá, e logo toda a gente enfiou pelo corredor atraz dos noivos sequiosa de cerveja e vinho do Porto.

Um rubor de ocasião solemne tomou as faces do Castrinho disposto já a brindar os noivos num grande rasgo de eloquencia demosthenica.

A saleta de jantar resplandecia á luz dos dous castiçaes de vidro com mangas em fórma de sino, collocados nas extremidades da mesa. A um canto, sobre uma mesinha de pinho, uma bateria de garrafas de cerveja desafiava a ganancia dos convidados. Houve um assalto á mesa. Todos acercaram-se della com a avidéz de gastronomos, e, antes que os noivos tomassem assento á cabeceira, já havia alguém sentado no extremo opposto. O Castrinho não poudo reprimir um —oh! de indignação, que felizmente passou despercebido. «— Sentem-se, sentem-se », ordenava a viuva,

inquieteta como uma barata á volta da mesa, indicando as cadeiras. Todos se sentaram com ruído, acotovellando-se. Ao lado dos noivos os padrinhos, Carvalho & C.<sup>a</sup> e a esposa tinham o ar modesto de quem se vê cercado d'honras immerecidas. O Castrinho, que não faltava á festa alguma d'essa ordem, sentou-se ao centro com uma commoção visivel no olhar agitado.

Os curiosos da rua tinham invadido o corredor e assistiam em pé, ao redor da mesa, aquella scena banal de doze pessoas que comiam bôlo á guisa de pirão de farinha; ao todo eram quatorze, mas o Loureiro e a Lydia, por um escrupulo mal entendido, apenas provaram o delicioso manjar e cruzaram o talhér.

O Castrinho não se fez demorar muito. Quando menos se esperava, eil-o de pé, empunhando o calix.

— Silencio, silencio ! advertio uma voz.

O poeta das *Flores Agrestes* pigarçou solennemente abrangendo com um olhar victorioso toda a saleta, e enfiando a mão direita no bolso da calça, com um grande ar de tribuno acostumado a falar ás massas, começou :

— Meus senhores... e minhas senhoras...

Fez-se um silencio grave e recolhido, em que destacava apenas, muito de leve, o ruído dos talhères que continuaram a funcionar activamente.

— Eu faltaria ao mais sagrado dos deveres...

Uma voz :— Não apoiado.

— ... Si neste momento solemne, em que toda a natureza veste-se de galas para receber em seu vas-

tissimo seio os noivos presentes...eu, o mais humilde amigo desta casa...

— Não apoiado...

— ... não erguesse a minha fraca voz para... para saudar... para saudar o hymeneo destas duas creaturas (apontando para os noivos) nascidas «no mesmo galho, da mesma gotta d'orvalho...» como diria o nosso Casimiro de Abreu...

— Bravo! murmurou o mesmo apartista dos *não apoiado* numa voz cava, com a bocca cheia.

O orador, visivelmente inquieto, sem tirar a mão de dentro do bolso, endireitou a gravata com pancadinhas suaves, e, mergulhando o olhar na fructeira, continuou:

— Sim, meus senhores... e minhas senhoras, o casamento é a base de toda sociedade civilisada; o casamento, como dizia certo escriptor, cujo nome não vem ao caso citar... o casamento é a mais nobre de todas as instituições, e o homem que se casa dá um passo para o infinito, isto é para Deus!...

Uma salva de palmas cobriu as palavras do Castinho, que agradeceu commovido. No peito de sua camisa, muito alvo e lustroso, reluzia uma pedra d'vidosa.

Crescia a animação da festa. Os talheres batiam nos pratos com mais força e as palavras do lyceísta communicavam ao auditorio certo enthusiasmo sereno que se traduzia em appetite voraz e insaciavel seccura nas gargantas. Ouvia-se trabalharem as mandibulas.

Houve uma pausa depois da qual o Castrinho, tomando o calix cheio, concluiu com emphase :

— ... Portanto, eu brindo ao ditoso par, desejando-lhe um futuro de rosas banhado pelos effluvios do amor conjugal ..

E, escorropichando o calix :

— Aos noivos!

— Hip, hip, hurrah!

Todos se levantaram.

— Loureiro...

— D. Lydia...

— Sr. Castro não quer se servir de um pedacinho de bôlo de mandioca? offereceu a viuva por traz do poeta.

— Agradecido, minha senhora, agradecido... Estou satisfeito.

— Então, mais um pouco de vinho...

Aceitava, pois não.

— Não façam cerimonia, minha gente, observou D. Amanda. Já acabou, Sr. João da Matta? Um pinguinho de doce de cajú, Sr. alferes... E você, menina, coma sem cerimonia.

Maria do Carmo não podia disfarçar a tristeza, a ponta de inveja concentrada que lhe tomava de assalto a alma inteira. Sentara-se á mesa por civilidade, para corresponder aos reclamos da viuva, mas o seu unico desejo era ir-se embora para casa; a festa da amiga fazia-lhe mal aos nervos, e, demais o Zuza prohibira-lhe de ir a qualquer parte onde elle não estivesse. Fôra ao casamento da Lydia, porque o padrinho a obri-

gara, não por sua espontaneidade. E agora ali estava casmurra, silenciosa, com um arsinho recolhido de *filha de Maria*, vendo sem ver, ouvindo sem ouvir as pessoas e os ruidos, numa abstracção infinita, no meio de toda aquella gente que festejava o casamento da amiga. Agora, mais do que nunca, por um excesso de sensibilidade nervosa, doía-lhe no coração de pomba desoladano poder, como a Lydia e como outrastantas raparigas felizes, amar livremente, sem ter que obedecer aos caprichos de um padrinho atrabiliario e despotico como João da Matta. Enquanto os outros divertiam-se sorvendo calices de vinho, saudando aos noivos, ella, toda entregue a seus pensamentos, permanecia muda e bisonha como quando pela primeira vez apresentara-se á sociedade, logo ao chegar de Campo Alegre, menina ainda, matutinha. Ah! naquelle tempo ella tinha o seu papae e a sua mamãe perto de si, não era como agora, annos depois, uma simples, uma pobre, uma desprezada orphã, assistindo com uma grande tristeza egoista derramada nalma a felicidade alheia triumphante...

— Attenção, meus senhores! Attenção!

Desta vez ia falar o alferes Coutinho, quartel-mestre do batalhão, um moreno, de costelletas, cabello penteado em pastinhas, certo ar arrogante de pelintra acostumado a todas as festas desde os sambas do Outeiro aos bailes do *Club Iracema*; magricella, olhos cavados. Nas horas d'ocio dava-se ao luxo de fabricar sonetos no genero piegas dos ultimos trovadores de salão.

Arrastava ao piano as valsas em moda e dizia-se exímio tocador de flauta.

Convidado á toda parte, não perdia occasião de exhibir-se na poesia ou na musica. Tinha fama de primeiro recitador do Ceará, ninguem como elle sabia marcar uma quadrilha, todo enfezado, sempre de lenço na mão, metido invariavelmente na sua farda de alferes com collete branco.

Houve um silencio profundo. Todas as vistas cahiram de chofre sobre o militar como si de sua bocca fossem sahir preciosas revelações.

Era o alteres Coutinho? Oh! magnifico! Psio!... psio!... Silencio!...

—Meus senhores. Respeitabilissimas senhoras... Não dispondo de dotes oratorios, tão uteis nas occasiões solemnes como esta, eu, que tenho a honra de pertencer á phalange dos discipulos de Castro Alves, Casimiro de Abreu, Varella e tantos outros astros de primeira grandeza, que brilham no firmamento da poesia brasileira, eu vou ler uns versos de minha lavra, que tomei a liberdade de dedicar aos donos d'esta festa inolvidavel...

Nem um aparte. O mesmo silencio cauteloso e recolhido. A noiva abaixou a cabeça affectando modestia e Loureiro fixou o olhar atrevidamente no orador. Mas o Coutinho, calmo e desembaraçado, saccou do bolso da farda um papel, e lendo :

— NOITE DE NUPCIAS é o titulo dos pobres versos...

— Não apoiado...

... que tenho a honra de offerecer á Exm<sup>a</sup>. Sr.<sup>a</sup>

D. Lydia, uma das estrellas mais fulgurantes que ornam o céo da sociedade cearense...

Lydia estremeceu com um bello sorriso de agradecimento.

—... e ao Sr. Dias Loureiro, intelligente e zeloso guarda-livros da nossa praça, ambos, portanto, dignos um do outro e da nossa eterna amizade...

— Apoiadissimo, confirmou Carvalho & C.<sup>a</sup> palitando os dentes.

Sem mais preambulos, o alferes entrou a declamar com uma convicção admiravel os taes versos de sua lavra, uma enfiada de palavrões antigos e bolorentos, que elle procurava animar com a sua voz de trovão, secca e cavernosa, brandindo o papel com a mão esquerda e a direita gesticulando como si estivesse a marcar compasso de musica.

Ao terminar o ultimo verso

«*Chovam benções de amor sobre os que casam!*» uma salva de palmas forte e prolongada echoou na pequenina sala.

— Bravo! muito bem! muito bem!

E o poeta sentou-se agradecendo com repetidos movimentos de cabeça as manifestações de que era alvo. Diversas pessoas levantaram-se e foram cumprimental-o de perto. Um velho calvo, que se sentava a seu lado, lembrou-se de perguntar-lhe ao ouvido «si o Sr. alferes era cearense».

— Não senhor, respondeu o Coutinho, voltando-se gravemente; sou *guasca*, nasci na cidade de Port'Alegre.

E contou quando viera para o Ceará, disse a sua grande sympathia por essa provincia e que pretendia se casar com uma cearense.

O «brinde de honra» foi feito em duas palavras por Carvalho & C.<sup>a</sup> á D. Amanda, «encarnação de todas as virtudes domesticas, senhora de incomparavel brandura e sizudez».

— Hip! hip! hip! hurrah!

Foi um delirio esse final de bânquete nupcial, em que tomavam parte o exercito representado pelo alferes Coutinho, a poesia na pessoa do autor das *Flores Agrestes* e o commercio em grosso symbolisado no ventre obeso de Carvalho & C.<sup>a</sup>. Esgotaram-se as botellas de vinho do Porto e de cerveja com um açodamento de quem não bebia agua ha tres dias e depara uma piscina abundante do precioso liquido. E, ao levantarem-se da meza, os convidados olhavam com soberano desdem a toalha manchada de nodoas de vinho sobre a qual havia uma confusão grotesca de copos e pratos em desordem, abandonados ali como restos de um festim sardanapalesco. Uma cousa tinha sido respeitada e conservava-se no mesmo lugar em que fôra collocada pela mão zelosa de D. Amanda, era o paliteiro de prata representando um alcaide com chapéo de trez bicos e aspecto napoleonico, de braços cruzados, numa immobilidade de objecto de luxo que se receia tocar por escrupulo.

Os espectadores intrusos evacuaram o corredor com a mesma facilidade e ligeireza com que tinham-se introduzido e depressa a sala de jantar ficou entregue á viuva



e ao creado, que se occuparam de cobrir os restos dos bôlos recolhendo-os ao guarda-comidas. O troço dos comensaes, homens e senhoras, enchia a sala de visitas, cujas cadeiras estavam todas occupadas, e palavra agora desembaraçadamente numa atmosphera pesada de fumaça e heliotropo, — umas abanando-se com os grandes leques de setim, outros com os lenços, porque o calor crescia. Transpirava-se por todos os póros, o que fazia o alferes Coutinho trazer constantemente o lenço no pescoço resguardando o collarinho onde já havia signal de suor. A janella estava tomada por algumas pessoas que formavam roda ao redor do Loureiro, em pé. Senhoras entravam e sahiam da alcova com o ar desconfiado, compondo discretamente os vestidos.

Deram dez horas no relógio da Sé, cujas badaladas faziam-se ouvir, graves e somnolentas, em todo o ambito da cidade.

Dez horas! Carvalho & C.<sup>a</sup> consultou o relógio. Havia uma pequena differença de dez minutos. Safa! o tempo voava!

E, alto, levantando-se :

— Vamos, Quininha?

— É muito cedo ainda! acudio a Lydia, que conversava com Maria do Carmo, no sophá.

— É verdade, minha gente, saltou D. Therezinha sahindo da alcova. Os noivos precisam descansar. Dez horas!

— Estavamos tão distrahidos! disse o alferes Coutinho puxando os punhos.

— Vamos, vamos, repetiram muitas vezes.

— É cedo, minha gente ! implorava a Lydia muito amavel, com um sorriso de irresistivel faceirice.

Immediatamente todos se levantaram impulsionados pela mesma idéa, á procura dos chapéos, num reboiço crescente, aos encontrões, enfiando pela alcova e pelo corredor.

Estrondou um bocejo senil e demorado, que se propagou por ali a fóra — era o velho calvo, d'olucos, que tinha-se encafuado a um canto da sala cochilando, e que despertara agora num espreguiçamento, como si estivesse em sua propria casa.

As senhoras agasalhavam se nos fichús, defronte do espelho.

D. Amanda, de um lado para outro, de dentro para fóra da alcova, não descansava as pernas.

Começaram as despedidas.

Que de beijos estalados á queima roupa ! Em pé no meio da sala, os noivos, competentemente formalizados, agradeciam reconhecidos a chuva de felicitações que cahiam sobre elles á guisa de flores desfolhadas sobre suas cabeças, ao mesmo tempo que Lydia ia distribuindo a uns e outros botões de laranjeira.

Que fossem muito felizes ; que tivessem uma eterna lua de mel ; que fossem muito unidos sempre como dois irmãos ; que não esquecessem as ve'has amizades...

— Olhe, minha filha, aconselhou D. Therezinha com a mão no hombro da Lydia, depois de a ter beijado. Olhe, seja sempre boa para seu maridinho,

faça o que elle quizer, o que elle mandar. O homem é que faz a mulher e a mulher é que faz o homem. Adeus, ouviu?

Todos tiveram mais ou menos o que dizer aos noivos.

— Não esqueça o que lhe pedi, ouviu, Lydia? recommendou de fóra uma voz de mulher.

— Boa noite!

— Sejam felizes!

— Durmam bem!...

Em pouco todos tinham-se retirado. Havia ainda alguns curiosos fóra, na calçada. Loureiro mandou approximar o carro que o esperava. A rua estava silenciosa e escura como si fosse alta noite. Defronte, em casa de João da Matta, fecharam-se as portas apagando-se completamente a ultima luz que clareava aquelle trecho da rua do Trilho.

D. Amanda chamou a filha á alcova onde estiveram conversando alguns minutos, e depois, abraçando-a ternamente com os olhos humidos:

— Deus os condusa em paz...

Lydia beijou commovida a mão da viuva e, dando o braço ao Loureiro entrou, no carro que rodou em direcção de Bemfica, com a sua luzinha amarella tremeluzindo no escuro.

Minutos depois D. Amanda recebia, como de costume, o Baptista da Feira Nova.

Qua  
Carno m  
um des  
tal, h  
samento  
como  
Porque  
dade  
Era  
sem  
sabe  
o trata  
Uma  
fros.  
E  
limb  
ele que  
Paci  
da... C  
do futu  
verdade

## X

Quando chegaria sua vez? pensava Maria do Carmo nessa noite, sem poder conciliar o somno, com um desalento profundo no coração apprehensivo. Que tal, hein? O Sr. Zuza não se resolvia a pedil-a em casamento, sempre com evasivas, pretextando tolices, como si estivesse tratando com uma biraia qualquer! Porque isso? porque não se decidia logo a dizer a verdade fosse ella qual fosse!

Era sempre melhor do que estar perdendo tempo sem tomar uma resolução franca e definitiva. Quem sabe? talvez o padrinho não fizesse questão agora que a tratava tão bem, que lhe fazia todas as vontades... Uma felizarda, a Lydia!... Casára com um guardalivros, mas embora, casára. .

E immediatamente vinha-lhe uma confiança ilimitada no estudante. Já estava tão acostumada com elle que nem era bom pensar em uma deslealdade. Paciencia, paciencia — Roma não se fez em um dia... Consolava-se ao pensar nas confidencias intimas do futuro bacharel, embebidas de ingenua e tocante sinceridade, na franqueza altiva com que elle dizia todas

as suas idéas e todas as suas acções, como si já fossem noivos. Zuza contava-lhe tudo com a maior simplicidade, dava-lhe conta de seus passeios, de seus planos, de suas intenções.

Póde-se mesmo dizer que não havia segredo entre os dois. Era lá possível que o Zuza, aquelle Zuza tão amavel, tão sincero, tão bom a esquecesse, elle, que reprovava com phrases repassadas de indignação o procedimento de certos individuos para quem a mulher outra cousa não é senão uma especie de fructo amargo que a gente prova e deita fóra? Qual! O Zuza era incapaz de descer até onde começa o rebaixamento do character de um homem...

Animava-se ao fazer estas considerações tão simples, tão espontaneas, sahidas do mais intimo de sua alma enamorada. Tinha momentos em que tudo afigurava-se-lhe uma comedia, cujo protogonista — o estudante — aprazia-se em vel-a rendida a seus pés por um simples capricho de rapaz do mundo que se diverte á custa de muitas raparigas como ella, ainda não corrompidas pelos costumes modernos. Nascida no interior de uma provincia essencialmente catholica, educada em um collegio religioso, o convivio com as suas collegas da Escola Normal não lhe apagara de todo essa bondade caracteristica dos filhos do sertão, que se revela em uma confiança ingenua nos outros. Por isso é que ao mesmo tempo Maria não podia acreditar que o Zuza faltasse a sua palavra para com ella. Duvidava ás vezes, mas não perdia de todo a confiança, porque amava deveras, e o amor transforma a

pessoa ou objecto querido numa especie de idolo, que a gente adora como a um modelo de virtudes incomparaveis.

Quando chegaria sua vez? E a figura de João da Matta surgia-lhe aos olhos como uma visão pavorosa, que a fazia estremecer da cabeça aos pés. Sim, o padrinho não gostava que se falasse no Zuza, implicava com elle, odiava-o gratuitamente, sim, gratuitamente, porque o rapaz nunca lhe fizera o menor mal, até pelo contrario uma vez emprestara-lhe cincoenta mil réis, e ella o sabia pela bocca de D. Therezinha. Que infelicidade, a sua, que caiporismo! além do padrinho não gostar do Zuza, aquella casa parecia agora um verdadeiro inferno: era o padrinho para um lado e a madrinha para outro, ambos de cara fechada, sem se trocarem palavras, e ella, Maria, para um canto, coitada, sem amigas, sem parentes, vivendo uma vida de criminosa...

Que maldito inferno!... Antes nunca tivesse nascido.

Onze horas... meia noite! e ella ainda velava, sem um bocadinho de somno, a matutar na vida, a pensar em frioleiras. Entrou a parafusar no casamento da Lydia, rememorando toda a festa, timentim por timentim, com a pachorra de quem procura armar um castello de cartas.— Assim mesmo tinha ido muita gente, sim senhora, parecia até uma festa de gente rica. Innegavelmente a Lydia estava encantadora debaixo do véo de noiva. Nunca vira a igreja de N. S. do Patrocínio tão cheia de povo! Ah! mas fôra um

coisa horrorosa o escandalo provocado pelo Guedes. Que horror! Si fosse ella, Maria do Carmo, teria cahido no meio da rua com um ataque...

Palpitavam-lhe na imaginação, como num sonho, os menores accidentes d'aquella noite, em que todos tomaram o seu calix de vinho e só ella, irresistivelmente mordida de inveja por ver a sua maior amiga num throno de felicidade, ella somente se deixara ficar esquecida como qualquer lagalhé, na impotencia da sua tristeza. Entretanto, si não fora o padrinho, ella tambem podia breve estar de caminho para a igreja, ao lado de seu noivo, mettendo inveja ás outras. Então é que a festa seria d'estrondo! O coronel Souza Nunes abriria o seu salão illuminado como um palacio real, e haveria dansa e musica e um banquete lauto. E iria o presidente da provincia e toda a gente grande do Ceará. Que bom que seria!...

Nisto adormeceu e logo tornou-lhe a apparecer em sonho o negro Romão com as calças arregaçadas, um barril na cabeça, a gritar—*Arre corno!* cercado de gaiotos que lhe atiravam pedras e sacudiam-lhe punhados de farinha do reino na carapinha, por detraz, no meio de gritos e assobios.

Depois o preto deixou cahir o barril, que se deramou, innundando a calçada d'innundicias, e eil-o montado num cavallo magro, a fazer de palhaço de Circo, uivando uma porção de asneiras, que a molecagem replicava sempre com o mesmo estribilho, a uma voz :—*E' sim sinhô!*

Depois... (não se lembrava do resto).



Davam duas horas no relógio do vizinho, quando acordou muito assustada e nervosa, a olhar para todos os lados, sem consciência exacta do ambiente que a cercava. Teve um sobresalto ao ver sobre uma cadeira, perto da rede, o vestido com que fôra ao casamento.— Crédo, que susto !

A luzinha da vela de carnaúba agonisava numa pôça de cêra derretida.

E essa ! Era a segunda vez que sonhava com o Romão, sem quê nem p'r'a quê... Com certeza estava para lhe succeder alguma desgraça. Que exquisitece ! Um-um...

A porta do quarto, que se conservara entreaberta, rangeu nas dobradiças, como si alguém a empurrasse de manso. Apoderou-se de Maria um pavor terrível ; arripiaram-se lhe os cabellos, e uma extraordinaria sensação de frio percorreu-lhe o sangue. Ficou assombrada, sem se mexer, com o ouvido alerta e os olhos fechados, numa prostração de quem está sem sentidos. Pareceu lhe ouvir chamar por seu nome e então subiu de ponto o terror que lhe tapava a bocca como uma mordança de ferro. Abriu os olhos para verificar si com effeito estava acordada e tornou a fechá-los mais que depressa. Instinctivamente fez um esforço supremo para gritar, para chamar alguém, mas não podia abrir a bocca, estarrecida.

—Maria ! repetiu a mesma voz, que ella julgara ouvir, uma voz fina, mas abafada, como si sahisse das entranhas da terra.

E logo :

— Sou eu, Maria. É o padrinho...

De feito, João da Matta vinha se chegando, pé ante pé, subtilmente, segurando-se á parede, equilibrando-se na ponta dos pés, como um ladrão, sem o menor ruido, com estalinhos de juntas.

Maria encolheu-se toda debaixo do lençol, duvidando. Tremia como um doente de sezões, embiocada que nem caracol.

— Não grites, Maria, olha que sou eu, teu padrinho, tornou João da Matta agora quasi ao ouvido da afilhada, agarrando-se ao punho da rêde.

A rapariga respirou forte, como si sahisse de dentro de um buraco, e poudo abrir os olhos, meio aliviada, presa ainda de uma grande commoção. Ao medo succedera-lhe uma apprehensão dolorosa, que o seu espirito repelia como impossivel. Não teve tempo de associar idéas, porque o amanuense foi se sentando na rêde, a seu lado.— O padrinho por ali, no quarto d'ella, áquellas horas?... Estaria sonhando?...

— Padrinho...

— Sou eu mesmo, minha flôr... Olha, queres saber uma cousa?... Deixa-me descansar um bocadinho e eu te direi, ouviste?... Espera...

— Mas, padrinho!...

— Olha, não fales alto... Sou eu, estás ouvindo eu, teu padrinho mesmo... Bico...

Maria do Carmo não comprehendeu logo a presença de João da Matta ali, no seu quarto, aquella hora.

Fez se uma confusão inextricavel, cahotica, no seu

espito subitamente assaltado por um turbilhão de idéas sem nexos, disparatadas; o coração pulsava-lhe forte, como si tivesse acabado de fazer um grande esforço; operava-se em seu duplo ser moral e physico um desses abalos extraordinarios, que deixam a gente numa prostração invencivel. Pela primeira vez em sua vida achava-se frente a frente com um homem, alta noite, no silencio de um quarto escuro. Mal acordada do terrivel pesadelo que acabava de ter, vendo ainda, esboçada na sua imaginação, a figura hedionda do negro com os bogalhos injectados, a bocca abrindo-se num riso nervoso e alvar, o peito á mostra, a ventra chata, ella permanecia immovel, olhando para o escuro como uma idiota.

A luz tinha-se apagado completamente. Ouvia-se a respiração asthmatica da creada no quarto pegado á sala de jantar. Longe, nalgum quintal, ladrava um cão. Ao calor insupportavel succedia o friosinho bom da madrugada.

João estava em ceroula, nú da cintura para cima. Desde que chegara da festa do Loureiro não fechara os olhos, a fumar no seu cachimbo curto, que preferia ás vezes aos cigarros, e andava-lhe na cabeça o plano, ha muito formado, de ir ao quarto da afilhada uma noite. Nada mais facil: da sala de jantar, onde dormia agora, ao quarto eram dois passos; o diabo era si a menina abrisse a guela a chamar por gente, isto é que era o diabo!... Qual! ella não tinha coragem para tanto, mórmente sabendo logo que era elle, o padrinho. —Mãos á obra, João; nada de pensar em asneiras. Isso

a gente inventa uma historia de embalar creanças, diz que a vida é esta, e... foi um dia uma donzella. Oh! pois ella não é tua afillhada? Demais, meu besta, já lhe pegaste umas tantas vezes no bico dos seios, sem que ella reagisse, a Maria, naturalmente porque sabes encampar a tua autoridade de padrinho. E depois, que diabo! quem arrisca... Um, dois...

E, com um salto, o amanuense levantou-se, dirigindo-se ao quarto da rapariga, cosendo-se ás paredes, macio, cauteloso, todo agachado, pisando devagar, no bico dos pés descalços.

A fresca da madrugada arripiava-lhe o tronco magro e cabelludo.

Ah! como se sentia bem agora, sentado na mesma rêde em que ella dormia, sósinho com ella, adivinhando, no escuro, toda a incomparavel perfeição de suas formas rechonchudinhas de rapariga nova! O calor brando do corpo della communicava-se agora a seu corpo, infiltrando-lhe no sangue um fluido bom e vigoroso.

Sentia-se forte como um touro, ali assim a seu lado, elle, um pobre homem sem força, um magri-cella sem carnes.

E Maria esperava, numa afflicção, o desenlace d'aquella trapalhada, que ella não comprehendia bem.

Estiveram ambos calados alguns minutos até que o amanuense, escorregando para o fundo da rêde, pousou a mão sobre o hombro da afillhada, segredando-lhe — si ella estava com frio?

— Frio?... Não...

— Pois olha, na sala de jantar faz um frio dos demónios. Por isso eu vim para junto de ti...

Maria não disse nada.

Então o amanuense começou uma lenga-lenga, um desproposito de palavras murmuradas como uma oração, numa voz que mal se ouvia, inclinado sobre a afilhada, suffocando-a com o seu halito nauseabundo, roçando-lhe no rosto a ponta da barba.

— Olha, Maria, dizia elle, tu não sabes quanto eu abomino o Zuza... Ha muito que estava para te dizer umas certas cousas, mas era preciso segredo, muito segredo... Agora, que estamos sós, deixa que te fale com franqueza... Tu amas o rapaz, não é assim? não mintas... sei que gostas muito d'elle, e até já se fala, na rua, em casamento. Ainda hoje alguém affirmou-me que vocês se beijam na Escola Normal. Eu sei de tudo, minha afilhada, eu sei de tudo. Mas, olha bem o que te digo, tudo depende de ti, só de ti...

Maria estremeceu no fundo da rêde, debaixo do lençol, e sentiu-se irresistivelmente presa ás palavras de João. Si elle a quizesse deixar, nesse momento, ella não o consentiria, tão viva era a sua curiosidade, agora que o padrinho lhe falara no Zuza; e o movimento quasi imperceptível da rapariga não passou despercebido a João da Matta.

— Sim, minha cabocla, tudo depende de ti, porque eu tambem te quero muito bem e não consentiria nunca nesse casamento, si... Olha, deixa dizer-te ao ouvido...

E, collando a bocca ao ouvido de Maria:

—... si não fosses bôa para teu padrinho.

Pouco a pouco o amanuense ia se deitando ao lado da rapariga, acotovellando-a, machucando-a com o seu corpo ossudo, devagar, cautelosamente.

« — Estava bem armada a rêde? Era preciso comprar outra, mais larga, mais rica... »

Um grillo abriu a cantar monotonamente num canto do quarto—testemunha occulta d'aquella scena inacreditavel.

Entretanto Maria não dava palavra, com as palpebras pesadas de somno, respirando a custo, numa especie de inconsciencia muda, como hypnotisada. Este estado porém durou pouco; espreguiçou-se, repuchando o lençol para se cobrir melhor, e começou a achar certo encanto naquella intimidade secreta, hombro a hombro com o padrinho. Seu instincto de mulher nova accordara agora obscurecendo-lhe todas as outras faculdades, ao cheiro almiscarado que transudava dos sovacos de João da Matta. Cousa extraordinaria! aquelle fartum de suor e sarro de cachimbo, produzia-lhe um effeito singular nos sentidos, como uma mistura de essencias subtis e deliciosas, desconcertando-lhe as idéas. Uma cousa impellia-a para o padrinho, sem que ella comprehendesse exactamente essa força occulta e mysteriosa.

E quando elle, num tom paternal e amoroso, lhe falou no Zuza, Maria teve um fremito bom, como si tivesse cahido por terra o paradeiro que mediava entre ella e o estudante. Tudo dependia della, sómente d'ella... Ficou a pensar nestas palavras, sem atinar

com o seu verdadeiro sentido, alheitada, os olhos fitos, quasi sem pestanejar, na telha de vidro por onde escoava agora uma claridade tenue de alvorada.

João respirou, e passando-lhe o braço por traz do pescoço :

— Então?...

— É quasi dia, padrinho, podem nos ver assim...

— E que tem? já não nos têm visto assim tantas vezes? Agora espera, só me vou si me deres uma boquinha...

E, sem esperar resposta, o amanuense beijou-a na face, apertando-a contra si, numa impaciencia de quem não tem tempo a perder.

Maria repellio-o brandamente.

— Juro-te, continuou elle, juro te que casarás com o Zuza, mas, por amor de Deus, deixa... ou não contes mais comigo para cousissima alguma. Por alma de tua mãe, que está no céo... Olha, sou eu quem te pede... Ninguem saberá, o proprio Zuza não poderá saber nunca... É como si não tivesse havido nada, são segredos que não apparecem, sabes? Eu te peço...

Tinha se feito a verdade aos olhos da normalista, como um clarão que de repente illuminasse todo o quarto, ao mesmo tempo que uma lucta medonha travava-se dentro em si, sem lhe dar tempo a pensar. Estava justamente em vesperras de ter o *incommodo*. Toda ella vibrava como uma lamina de aço ao contacto d'aquelle homem que communicava-lhe ao corpo um fluido mysterioso, transformando-a nurna creatura

inconsciente attrahida por um poder extraordinario como o da cobra sobre o rato.

As palavras do padrinho, embebidas de voluptuosidade e ternura, o nome do Zuza pronunciado naquelle instante, e, mais que tudo isso, a invocação feita a alma de sua mãe, confundiam-lhe os sentidos, accordando no seu coração de donzella o que elle tinha de mais delicado. Teve piedade de João, como si elle fosse na verdade o mais desgraçado de todos os homens. Sentia-o a seu lado, humilde como um ser desprezível que reconhece a sua baixeza, com uma tremura na voz, rendido, supplicante, e não teve coragem de o enxotar, de dar-lhe com a mão na cara e de desaparecer para sempre d'aquella casa immoral onde ella vivia tristemente com as doces recordações de seu passado, como uma flor que vegeta num montão de ruinas. Ao contrario d'isto, a visível submissão do padrinho, doera-lhe nalma como a ponta d'uma lanceta. Sem o saber, João da Matta encontrou a afilhada numa d'essas extraordinarias predisposições de corpo e alma, em que, por mais forte que seja, a mulher não tem forças para resistir ás seducções de um homem astuto e audacioso. Conhecia sufficientemente o genio bom de Maria — nada mais, e isto lhe bastava para que a victoria fosse certa, infallível.

De resto, algumas palavras atôa murmuradas á surdina, o contacto morno de um corpo viril... e Maria do Carmo augmentava o numero de suas dôres.

A madrugada veio encontral a de joelhos, mãos juntas, duas grandes lagrimas no olhar, como um anjo



de sepultura, defronte da oleographia de Christo abrindo o coração á humanidade. Nunca o doce e meigo olhar de Jesus pareceu-lhe tão doce e tão meigo.

Era domingo. Cantavam gallos de campina nas ateiras do quintal. E emquanto, lá fóra, a cidade accordava e a vida recomeçava o seu eterno poema de alegrias e dores, Maria procurava no coração de Jesus um conforto para o seu doloroso arrependimento.

Maria  
dus cons  
pés na ru  
encurar n  
em publi  
Si m  
desponha  
de se ter  
resto da  
de desm  
patrimo  
Entr  
napole  
Deus ter  
se am  
homen  
oração  
Que des  
nato De  
oração  
quela

## XI

Maria do Carmo passou uma semana inteira, oito dias consecutivos, sem ir á Escola Normal, sem pôr os pés na rua, succumbida, mortificada, com receios de encarar os conhecidos, sem animo para se apresentar em publico.

Si até então a vida fôra-lhe um nunca acabar de desgostos e contrariedades, o que seria agora, depois de se ter compromettido levemente para todo o resto da sua existencia, entregando-se, num momento de desvario dos sentidos, aos desejos concupiscentes do padrinho?

Estava douda, não havia que ver, estava douda naquelle momento, não tinha um bocadinho de juizo! Devia ter visto logo que uma mulher de certa ordem não se entrega por força alguma d'este mundo a outro homem, que não seja o seu marido, o dono de seu coração, o legitimo esposo de seu corpo e de sua alma. Que desgraçada imprudencia a sua! Que vergonha, santo Deus, que vergonha! Era para isso que se tinha coração, para se deixar cahir numa armadilha d'aquella... Si fosse uma mulher forte e resoluta, apaz

de todos os escandalos, comtanto que soubesse guardar a sua honra... bem, não teria succedido nada. Mas, não: fôra uma grandicissima tôla, uma menina d'escola, deixando-se levar pelo coração até ao ponto de campadecer-se do padrinho ! Que infelicidade !...

E chorava que nem uma criança, com a cabeça no travesseiro, mettida no seu quarto, dizendo-se a mais infeliz de todas as mulheres, supersticiosa ao peso de sua culpa irremediavel, com grandes manchas lividas ao redor dos olhos, inconsolavel na sua dôr.

Às vezes suppunha estar sonhando, como que procurava illudir-se a si propria, enxugava os olhos na ponta do lençol, via-se ao espelho e experimentava um bem estar passageiro, um conforto muito intimo; mas punha se logo a pensar, a fazer consigo mesma mil conjecturas, e desandava outra vez num chôro silencioso, que lhe sacudia o corpo todo em estremecimentos nervosos. Não sabia bem porque chorava; uma cousa, porem, dizia-lhe que nunca mais seria feliz em sua vida, desde o momento que, por uma condescendencia imperdoavel, entregara seu corpo áquelle homem...

A proporção que os dias passavam, succedendo-se numa monotomia aborrecida, uniformes como os élos d'uma grande cadeia de ferro, crescia o desanimo em Maria do Carmo, cujas feições transformavam-se a olhos vistos. Tomava-lhe o rosto uma pallidez de reclusa macerada pelos jejuns, cavavam-se-lhe os olhos, onde reflectia-se visivelmente o estado de sua alma, e os cabellos iam perdendo aquelle brilho resplandecente que era o desespero do Zuza. Em uma semana sua

physionomia adquirira uma expressão inilludível de dôr concentrada.

No sabbado recebeu um bilhete da Lydia convidando-a para jantar com ella no dia seguinte. « Espero-te sem falta. Todas as minhas amigas têm vindo me visitar, menos tu. Creio que não te dei motivo para procederes desse modo. Por andar incommodada é que ainda não fui ver-te. »

Quedou-se numa immobilidade profundamente triste, com a face na mão, a olhar para a letra da amiga, escripta em papel amizade, e ficou assim muito tempo, como num extase. Veio-lhe á mente o Zuza. Já não se lembrava d'elle, toda entregue á sua dôr. Ha uma semana que o não via, nem siquer tinha noticia d'elle, e agora o estudante apparecia-lhe vagamente na imaginação como a lembrança remota de uma cousa que se vio em sonho. As lagrimas começaram a cahir-lhe dos olhos duas a duas, silenciosamente, sobre o bilhete da Lydia.

Uma... duas...

Duas horas da tarde. O amanuense ainda não tinha voltado da Repartição. D. Therezinha costurava na sala de jantar, cantarolando uma modinha cearense, em desafio com o sabiá, que desferia o seu eterno e monotonado dobrado, esquecido ao sol. Havia no tepido interior d'aquella casa a calma preguiçosa d'essa hora do dia, em que se ouve o voar do moscardo in pertinente e cantos de gallo ao longe, nos quintaes. Marianna suspirava na cosinha, ás voltas com as panellas, cachimbando. *Sultão*, esse dormia tranquillamente o seu somno

do meio dia, aos pés de D. Therezinha, orelhas murchas, deitado de banda.

Todos os dias, invariavelmente, era a mesma quietação, a mesma somnolencia, o mesmo ramerrão, até que viesse o amanuense com as suas hemorroidas ou com a sua cachaça dar á casa o ar de sua graça. Frequentemente João chegava ás quatro horas, demorando-se ás vezes até ás cinco, o que não era muito raro.

Nesse dia, porém, antes que o velho pendulo da sala de jantar marcasse quatro horas, entrou de chapéo na cabeça, como de costume, para não constipar, e foi direito ao quarto da afilhada.

«— Como tinha passado o dia? Muito fastio ainda?»  
—E puxando uma cadeira sentou-se ao lado de Maria, que se conservava deitada.

Ao pé da rêde, sobre a esteira gasta, eternisava-se uma tijella com restos de caldo onde fluctuavam moscas. João fez um gesto de aborrecimento, e apanhando a tijella:

— Marianna!

Demonio de gente! Naquella casa elle é que fazia tudo, e, si havia uma pessoa doente, era o mesmo que nada.

— Marianna!

— Inhô!

— Não está ouvindo chamar, seu diabo!

D. Therezinha continuava a cantarolar, sem se dar por achada, por pirraça.

Marianna appareceu á porta do quarto, sem casaco, os seios molles dentro do cabeção da camisa tismada, pés descalços, cabellos assanhados.

João mediu-a com o olhar, d'alto a baixo, e entregando-lhe a louça :

— Porque ainda não tirou isto ?

— Estava cuidando no jantar...

— Cuidando no jantar, heim ? Cuidando no jantar?... Burra!...

A creada, porem, deu-lhe as costas e sahiu rindo, com o seu ar idiota.

Uma pessoa somente interessava-se pela saúde de Maria do Carmo—era elle, João da Matta, cujos cuidados para com ella redobravam dia a dia.

D. Therezinha, essa nem sequer chegava á porta do quarto, resmungando sempre, rogando pragas, dizendo indirectas, que Maria do Carmo ouvia com lagrimas nos olhos.

Nunca João fôra tão bom para a afilhada como agora: Trazia-lhe mimos da rua, *bons-bocados*, confeitos, rendas, com uma solicitude paternal, animando-a, promettendo-lhe muitas felicidades, contando-lhe tudo quanto ouvia dizer na rua, dando-lhe noticias dos conhecidos.

— Teve febre hoje ? continuou elle tornando a sentar-se.

— Não sei...

— Deixe ver o pulso... Não, nem um bocca-dinho... Bom, não se amofine, hein, não se amofine. Amanhã, si Deus quizer, pode levantar-se. E, baixo :

— Tolice!... Morrendo sem quê nem p'ra quê! Si continuas, é peor... podem até saber... Isto a gente faz cara alegre e vai p'ra adiante, como as outras, minha tôla... Olha a tua amiga, a Lydia... Casou e casou bem... E assim a maior parte... Deixa de tolices.

Logo no dia seguinte á noite do seu deflora-mento Maria do Carmo queixou-se de fortes dôres na cabeça e nos quadris, indisposição geral, e uma ausencia quasi absoluta de appetite. Não podia ver comida de especie alguma nem sentir ao menos o cheiro de guisados. Tudo a enjoava provocando-lhe nauseas. Cada vez que se lembrava de João vinham-lhe arrepios na pelle e « agasturas na bocca do estomago ».

Pungia-lhe uma especie de remorso, que a fazia passar horas inteiras num abatimento medonho, encafuada no quarto, sem coragem para continuar a vida como dantes. Lamentava-se como uma desgraçada:—Que vida! que vida!

Não quiz almoçar e passou o dia com uma chicara de café, que a Marianna lhe levará.

D. Therezinha não se abalava: era como si Maria do Carmo não existisse. Que fosse para lá com os seus faniquitos, não tinha obrigação de crear filhos de ninguem. Antes de ir para a Repartição João lhe recommendara:—Olhe: Maria amanheceu doente. Está com uma pontinha de febre, não a deixe morrer á fome, hein...

Foi como si não recommendasse, porque D. The- rezinha nem sequer poz os pés no quarto da rapa-



riga. Limitou-se a dizer á creada :—Ouviste? Não deixes morrer de fome a *mimosa*...

Ah! esse desprezo, essa indiferença da madrinha doía nalma de Maria como um insulto. Lembra-se ás vezes de a mandar chamar e pedir-lhe por amor de Deus que não a tratasse assim, que não a desprezasse... Mas ao mesmo tempo achava que isso era confessar a sua culpa, porque na verdade nunca houvera entre ellas causa para o mais leve rompimento, a não serem as impertinencias de João da Matta. Que culpa tinha ella que o padrinho dissesse desafôros á mulher?

E assim ia passando agora, abandonada, sem uma pessoa que se interessasse verdadeiramente por sua sorte, a não ser João da Matta.

— Trataram-te bem? perguntava o amanuense ao voltar do trabalho.

— Trataram... murmurava ella.

Mas a verdaue é que Maria passava uma vida miseravel. De manhã, enquanto João ainda estava em casa, elle mesmo ia levar-lhe café com torradinhas de pão, mas depois, ella ficava entregue á preguiça da creada e á indiferença da madrinha, em termos de morrer de fraqueza. Davam-lhe um caldo ao meio dia, unico alimento com que ella esperava o jantar ás quatro horas, quando o padrinho viesse. Por fim quasi que não podia supportar aquillo, e nove dias depois, num domingo, levantou se resolvida a ir jantar com a Lydia, ao mênos por desfastio, que aquella casa era um horror! Mostrou a João a carta da amiga, acrescet-

tando que até era bom para ella passar o resto do dia fóra, no Bemfica, ouvir tocar piano, distrahir, emfim, porque andava muito triste.

O amanuense approvou promptamente: que sim! mas era preciso saber si já estava completamente boa, si não sentia mais nada.

— Mais nada, passei muito bem a noite.

João tomou-lhe o pulso com carinho.

— Pois bem, vista-se e vamos. Amanhã pode até ir á escola, não é assim?

E, noutro tom:

— Não vale a pena a gente se amofinar por qualquer cousa, filha. A vida é isto mesmo—andar p'ra adiante sempre com cara alegre. Vamos, vá se vestir.

Ainda não tinha dado meio dia no pendulo. Maria foi ao quarto, abriu bahús, mais consolada, escolheu o melhor dos seus vestidos de cretone, um azul de riscados brancos, e em pouco saniu ao lado do padrinho, traçando o fichú, sem dar palavra a D. Thezinha.

Ninguem na rua do Trilho dezerta áquella hora como uma rua d'aldeia.

Seguiram para a Praça do Ferreira a tomar o bond de Pelotas. Pouca gente na praça ensombrada por suas enormes mungubeiras. Dois sujeitos, sentados um defronte do outro, jogavam silenciosamente o dominó no *Café Java*. Ás portas da *Maison Moderne* familias esperavam os bonds, em pé, silenciosas, com ar de infinito aborrecimento. Dentro jogava-se bilhar. Muitas pessoas rodeavam uma das mezas para ver jogar o

presidente, que, em collete, escanchado num angulo da meza, calculava o effeito das bolas. Maria teve um estremecimento ao vel-o. Certo o Zuza tambem andava por ali... Instintivamente procurou-o com o olhar, mas, ninguem que se parecesse com o estudante. O José Pereira tomava cerveja a um canto mais o Castrinho.

Os bonds iam chegando uns atraz dos outros, enfileirados.

Antes de subir para o de Pelotas, Maria lançou um ultimo olhar á sala dos bilhares. O José Pereira sem o Zuza! Era realmente assombroso!

Mas d'ahi a pouco o bond rodava outra vez caminho do Bemfica, e invadiu-lhe o coração uma melancolia sem causa, uma tristeza vaga que lhe deu vontade de estar só, de voltar á casa.

Lydia veio receber a amiga de braços abertos, muito alegre, de branco, com papelotes no cabello e sandalias de setim.—Ora, até que emfim! Já não a esperava mais, Sr.<sup>a</sup> D. Maria. Noiva de fidalgo... podéra!

—Não diga isso, minha negra, não vim ha mais tempo, porque tenho andado adoentada. Tu não imaginas...

Cobriram-se de beijos.

Lydia mandou-os entrar para a sala de visitas.

— Como vai D. Therezinha, Sr. João, perguntou maliciosamente escancarando as janellas.

— Bem, respondeu o amanuense num tom sêcco,

pondo o chapéo sobre uma cadeira. E logo:—Homem isto está que nem um paraizo!

— Qual paraizo! Está nos debicando?...

— Não senhora, longe de mim tal pensamento. O que digo é a verdade: O Loureiro preparou isto á fidalga!

E ia examinando, através dos detestaveis oculos escuros, os quadros, o papel da sala, o piano, os *bibelots*, com uma curiosidade infantil, estendendo o olhar de vez em quando até ao interior da casa disfarçadamente.

Maria tinha-se sentado no sophá e por sua vez confirmava a admiração do amanuense:—Sim senhora, tudo muito bem arranjadinho, muito chique...

— Vejam só, vejam só a graça! repetia a outra, sentando-se ao lado da amiga.

«E o Sr. Loureiro como ia?» inquiriu Maria.

— Bem, menina, muito atarefado com o emprego. É uma vidinha cansada, esta de guarda-livros. O Loureiro, coitado, não tem socego de espirito. Vive na loja e, ainda por cima, trabalha em casa. Um horror! Tu é que estás magrinha; estou te achando tão abatida, tão pallida...

— Saudades tuas...

— Saudades, sei eu de quem...

Riram.

— Agora é que reparo, continuou Lydia muito amavel, tira o fichú e vamos ver a casa.

E levantando-se:

— Preciso conversar muito comigo. Já não te lem

bravas de mim, hein?... Sr. João tenha a bondade de esperar um pouquinho—o Loureiro não tarda: está ás voltas com a papelada.

— Oh! minha senhora...

João da Matta deliciava-se a observar os quadros e as estatuetas de terra-cota, de mãos p'ra traz, como si estivesse numa exposição. Depois chegou á janella por onde entrava um arsinho puro impregnado de essencia de resedás. Defronte enchia a vista o verde sombrio d'uma esplendida floresta de cajueiros onde oscillavam pequeninos pontos amarellos e vermelhos quebrando a monotonia da paysagem larga e igual, batida de sol. O *palacete azul* do Loureiro perdia-se num fundo de verdura. Á direita, lá longe, na esquina de um grande sitio, passava a linha de bonds. E que frescura! Dava vontade á gente peccar muitas vezes por dia, como Adão no Paraizo, ali assim, naquelle pedacinho do Ceará, sem sêcca e sem politica, entretendo relações sentimentaes com a natureza agreste e sincera.

— Bom para se copiar um balanço, isto aqui, costumava dizer o ingenuo guarda-livros.

João poz-se a contemplar, com um enlevo nalma, toda essa poesia selvagem illuminada por um sol implacavel.

De subito :

— Olá, seu Matta, como vai você? Que milagre foi este?

Era o guarda livros, em chinellos, calça branca e paletó de seda amarello.

João voltou-se.

— Oh !... Estava admirando a grandeza do Criador... Você assim mesmo tem gosto, seu Loureiro, você é um damnado, homem ! Sim senhor, isto aqui é um maná ! Faz vir agua á bocca...

— Escolhi este local por ser muito isolado da civilização. Detesto o ruido da cidade...

— Tens tambem a tua veia poetica, hein ?

— Qual veia poetica ! Isso de versos não é comigo. Tenho até horror á poesia. O que eu quero é o socego, o bem estar, o conforto...

— Fazes muito bem, filho, não ha nada como se viver no seu cantinho, com a sua mulher e os seus filhos, comendo com o suor de seu rosto. Eu, si posses, fazia o mesmo—desertaria da capital, do centro da civilização, para viver commodamente, bem longe de toda essa porcaria que se chama sociedade. Fazes muito bem. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

— E você como vai ?

— Homem, assim mesmo : nem p'ra adiante nem p'ra traz, remando contra a maré... Têm me apparecido umas doresinhas do lado esquerdo...

— Porque não usa você o vinho de cajú ?

O guarda-livros fez a apologia do vinho de cajú, citando casos de curas assombrosas produzidas pelo uso quotidiano d'esse depurativo. Elle mesmo, Loureiro, tinha-se curado radicalmente de um d'arthro na perna esquerda. Na sua opinião o vinho de cajú era

multissimo superior á salsa, ao iodureto e á quanta panacéa receita-se por ahí sem resultado.

O amanuense, porem, affirmou que o seu mal era no pulmão, que já tinha consultado ao Dr. Mello.

— Não te fies em medicos do Ceará, que dão cabo de ti. Olha o Calado, conferente d'Alfandega : diagnosticaram-lhe lesão cardiaca e o pobre homem, coitado, estirou a canella no Rio de Janeiro com una enfermidade nos rins. Uns ignorantes, seu João, uns magarefes da humanidade é o que elles são. Metta-se no vinho de cajú, que é o grande remedio para as molestias do sangue.

Emquanto os dois, sentados no sofá, de pernas traçadas, iam discutindo banalidades, Lydia e Maria do Carmo communicavam-se como boas amigas, numa intimidade franca e expansiva, abrindo-se mutuamente em confidencias de collegiaes felizes. Primeiro tinham percorrido toda a casa. Lydia mostrara á outra todos os seus confortos e todas as suas joias, desde a cama de casados, ampla e fresca, até o presente de noivado, um magnifico jogo de pulseiras cravejadas de perolas, em forma de serpente, o guarda vestidos, os vidros de essencias, os chapéos, as toalhas de labyrintho, feitas no Aracaty, e tudo mais que o Loureiro comprara com aquella bondade ingenua que o caracterisava.

Maria via tudo aquillo embasbacada, com surpresas no olhar, falando por monosyllabos, examinando com inveja cada objecto que seus olhos deparavam, achando tudo muito bom, muito fino, de

muito bom gosto. E a outra: olha isto, vê lá, aqui está o meu relógio d'algibeira, comprado no Jacques, tu ainda não viste a minha cinta de tartaruga; é verdade, e o meu tinteiro de prata, presente do Carvalho, e o meu leque de plumas.....

Foram sahir na sala de jantar, e ahi, uma defronte da outra, em cadeiras de balanço, Lydia entrou indiscretamente a falar no Zuza.

— Ainda o amas muito? Então fica para a volta?...

Maria não comprehendeu a pergunta.

— Como fica para a volta?

— Sim, de certo, creio que vocês não se casaram...

— Não te comprehendo...

— Olha a engraçada!... Quer um peitinho?!

— Por Deus como te não entendo...

— Pergunto si o casamento é quando o Zuza voltar, não te faças tôla...

— Quando o Zuza voltar?

— E então?...

— Mas voltar d'onde?

— Estás hoje muito mysteriosa, minha espertalhona. Maria teve um presentimento:—« E o Zuza tinha ido embora? »

— Pois não embarcou ante-hontem?

Olhavam-se as duas sem se comprehenderem, como si estivessem jogando o disparate.

— Para onde?...

— Para o Recife, ora adeus! para onde havia de ser?... A estas horas anda elle bem longe do Mocuripe.



Maria do Carmo empallideceu, como si acabasse de saber uma noticia funesta.

— Estás gracejando, murmurou com a voz tremula.

— Não sabias ?

— Não, não sabia....

— Pois a *Provincia* deu noticia.

— Infame !

E Maria não poude resistir á commoção que lhe suffocava ; os olhos humedeceram-se lhe de lagrimas, e desatou a chorar com o rosto mergulhado no lençinho de rendas.

— Que é isso, creatura ? Tolice !

Lydia não contava com esse pieguismo da amiga.

Ora adeus, o rapaz havia de voltar, que asneira !

Era preciso paciencia para tudo, e então ? Ella mesma, Lydia, não esperara pelo Loureiro quasi um anno ? Tolice...

— Deixa-te d'isso, filha, vamos tocar piano. Estás nervosa.

Inclinada sobre a pobre rapariga, que soluçava como si lhe tivesse morrido alguém, Lydia procurava carinhosamente arrancar-lhe o lenço dos olhos, alisando-lhe os cabellos, commovida.

— Então ?... Levanta, vamos para a sala, que está mais fresco. Não sê creança, vamos...

— Sou uma desgraçada, disse Maria enxugando os olhos com força.

— Que desgraçada o quê, estás feito creança...

Isso acontece a todo o mundo, creatura. Vamos, vamos p'r'a sala. Já viste o meu album ?

Maria levantou-se devagar, preguiçosamente, com as faces escarlates, as pestanas húmidas, assoando-se; e arrependida :

— Não, fiquemos aqui mesmo; depois se toca. Não foi nada—um nervoso...

— Bem, mas não te ponhas a choramingar p'r'ahi, como uma tôla. Tu sabes, a familia do Zuza não quer o casamento, quem sabe si o rapaz foi obrigado a embarcar á ultima hora? Espera cartas, si elle não te escrever, então sim, podes ficar certa de que não te ama.

Tornaram a sentar-se.

A creada, alta como um *páu de sêbo*, veio saber da Sr.<sup>a</sup> D. Lydia « si a sôpa era de macarrão ou de arroz. »

— De macarrão mesmo, Thomazia, faça de macarrão, mas faça uma sopa gostosa, ouviu?

E para a amiga :

— Não imaginas quanto aborreço a cosinha. Ha dias em que não ponho lá os pés. Felizmente o Loureiro arranjou uma bôa creada, que até já foi cosinheira do Dr. Paula Souza da Estrada de Ferro. É assim como viste, sêcca e rispida, mas uma excellente creada. Faz tudo a meu gosto.

— Mas, então o Zuza embarcou, hein? tornou Maria voltando á conversa.

— Não falemos mais nisto. Estás hoje muito sentimental e eu não quero que passes mal o resto do dia em minha casa, sabes? Não falemos mais nisto.

— Mas diz'-me... aquillo foi uma tolice... diz'-me, não o viste mais ?

— Não. O José Pereira é que está muito nosso amigo, sabes? Tem vindo aqui duas vezes nesta semana. E que amabilidades, menina, que delicadezas? Offereceu-se para apresentar o Loureiro ao presidente da provincia, mandou nos outro dia um camarote para o theatro...

— E tu, como passas a nova vida ?

— Perfeitamente. Desejava antes morar na cidade, mas o Loureiro é muito impertinente, diz que prefere isto—paciencia. Agora quando vierem os filhos, isso então... Por emquanto estou muito satisfeita. Um bocado triste isto aqui no Bemfica, mas... vai se passando. É verdade, precisas vir passar uns dias comigo, estás muito magra ; o ar aqui é melhor que na cidade. Tens ido á Escola ?

— A Escola ? qual ! Passei oito dias em casa, com o uma freira, sem ir á parte alguma. Creio que não irei mais áquillo.

— Eu no teu caso faria o mesmo. Agora então, que estou casada, olha...

Fez um gesto com as mão.

— ... bananas, não estou para supportar desafôros d'aquella canalha. Porque tudo aquillo é uma canalha, menina. Fazes muito bem não pondo os pés naquella feira de reputações. As raparigas ali aprendem a ser falsas e immoraes. Conheço muito o tal Sr. Berredo, o tal Sr. padre Lima e mais os outros todos. O proprio director... eu cá sei...

Maria estava mais consolada ante a solicitude da amiga. Achava-a mais amavel e mais expansiva.

Foram para a sala de visitas, de braço trançado nas cinturas, e Lydia cantou ao piano o *Non m'amava*, a velha *romança* sentimental, que encheu de lagrymas os olhos de Maria.

E os dias passavam uns após outros, longos, interminaveis, como uma repetição monotona que faz mal aos nervos.

Vieram as festas, o Natal e o Anno Bom.

Maria do Carmo, cada vez mais magra, sentindo-se definhar dia a dia, descrente de tudo, tinha agora uma certeza cruel que a torturava barbaramente, a certeza de que estava para ser mãe, de que muito breve o seu nome estaria completamente desmoralizado. Sentia bolir dentro de si uma cousa estranha, que lhe incommodava como uma perseguição, e mais de uma vez, nos seus momentos de grande desanimo, atravessara-lhe a mente a idéa sinistra do suicidio. Sim, preferia matar-se á assistir as exequias de sua honra na praça publica, em todas as ruas da cidade, em todas as boccas. Estava irremediavelmente perdida, não tinha pae nem mãe, nem alguem que lhe fosse sincero no mundo, pois bem, acabar-se-ia de uma vez, sem ter que dar satisfação a ninguem por isso. Era um peccado, mas não era uma vergonha, porque não teria que corar nunca diante da sociedade, como uma criminosa, como uma culpada. Não, mil vezes não! Outra, que não ella, preferisse arrastar uma existencia vergonhosa, a morrer fosse como fosse.

Uma occasião esteve prestes a ingerir uma dose de láudano, mas faltou-lhe coragem. Começou a imaginar mil cousas. Via-se morta, dentro de um caixão azul, de mãos cruzadas sobre o peito, numa sala onde havia gente chorando e um crucifixo á cabeceira entre velas de cêra que ardiam lugubrememente. Que horror! Recuou espantada fazendo em pedaços o vidro de veneno.

Ás vezes vinham-lhe resignações, um desejo mystico de ser irmã de caridade, depois que desse á luz a creança, arredar-se para sempre do mundo e ir viver na Santa Casa de Misericordia, curando os enfermos, mettida nas suas vestes azues, debaixo de um grande chapéo de azas, dedicar-se toda a Deus, como uma santa.

Déra para devota; não faltava a missa aos domingos, na Sé, vestida com muita simplicidade, e resava sempre com uma contricção admiravel, ao deitar-se e ao acordar, defronte da oleographia do Coração de Jesus.

Foi em casa da Lydia que ella teve a certeza de achar-se grávida. Até então ignorava certos segredos da maternidade, certos phenomenos da physiologia amorosa, que nunca lhe tinham dito, nem mesmo as companheiras de Escola, «aliás versadas em assumptos d'essa natureza.»

Tinha ido passar uma semana com a amiga, nas festas, e um dia a Lydia disse-lhe que « estava prompta » e que ella, Maria, havia de ser a madrinha do primeiro filho.

Então, aproveitando a oportunidade, Maria do Carmo quiz saber como as mulheres tinham certeza de estar grávidas.

Lydia explicou tudo minuciosamente: a suspensão das regras, os antojos, as dôres na madre e, finalmente, os primeiros movimentos do feto no utero. Depois leram junto a *Physiologia do matrimonio* de De-bay, que o Loureiro tivera o cuidado de comprar, especialmente o capítulo — *da calipedia ou arte de procrear filhos*, o mais importante, na opinião da esposa do guarda-livros.

— Todo meu desejo, dizia a Lydia com o livro sobre a perna, todo meu desejo é que o pequeno, menino ou menina, se pareça com o presidente da provincia. Ainda no ultimo baile em palacio não tirei os olhos d'elle.

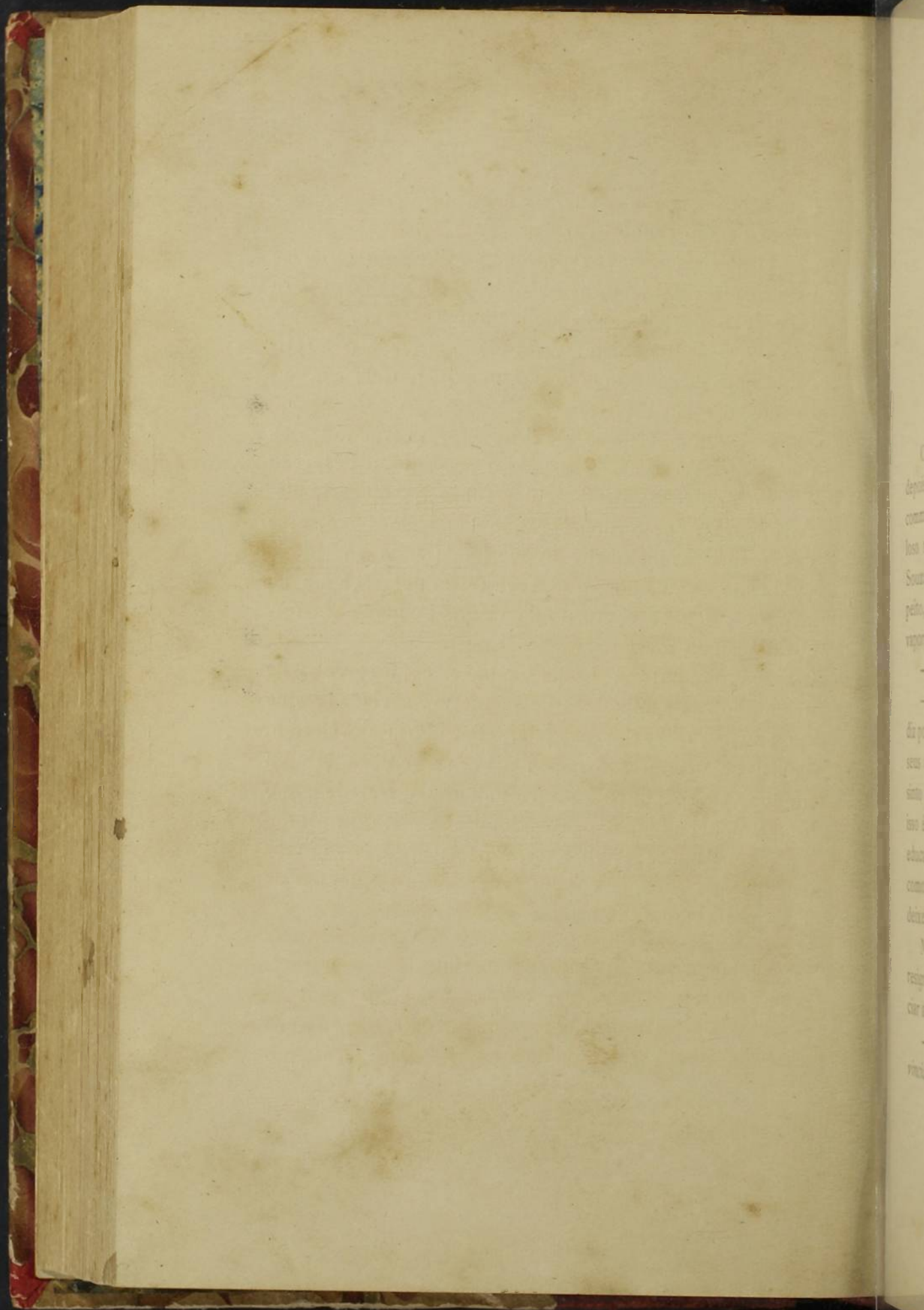
E Maria nesse dia, ao jantar, teve um grande enjôo da comida, cruzando o talher logo no primeiro prato, inapetente. Não havia duvida, « estava prompta » tambem, como a Lydia, e esta idéa tornou-se-lhe uma idéa fixa, de todos os dias, de todas as horas, de todos os minutos. Ella com um filho, Jesus! Decididamente estava perdida para sempre no conceito honesto da gente seria. Não passaria mais de uma simples rapariga que « já teve filho! » As revelações da Lydia tinham-lhe aberto os olhos; sentia agora perfeitamente bolir a creança, e até, na sua allucinação, parecia-lhe ouvir os vagidos do bêbê. Si fosse possível evitar o seu desenvolvimento, matal-o mesmo no ventre... Mas, não: seria uma barbaridade, uma malvadez. Afinal de

contas era seu filho, filho de suas entranhas, embora fructo de um crime...

E Maria agoniava-se, fazendo essas considerações e mil outras conjecturas absurdas, sem coragem para esperar o desenlace d'aquelle drama secreto de que ella era a protagonista. Vivia assombrada e não raro cahia num desfallecimento que lhe tirava toda a acção do corpo e do espirito.

Por uma especie de instincto, previa todas as consequencias do seu estado e presentia o desprezo acerbo que havia de lhe cahir sobre a cabeça implacavelmente, como uma grande mão de ferro, esse desprezo convencional e hypocrita de uma sociedade ávida de escandalos, que ceva-se da desgraça alheia, banquetecendo-se em torno da victima, como para tortural-a ainda mais.

E enquanto a Lydia ganhava, com sorrisos de triumpho, as sympathias dessa mesma sociedade que ha poucos mezes a maldizia, ella, Maria do Carmo, sobre cuja reputação nunca pairara a sombra de uma nodoa, via-se pouco a pouco ludibriada, tratada como uma mulher atôa, num abandono completo, sem amigas, sem honra, pobre, sem pae nem mãe, misera cadella que a gente enxota a ponta-pés de dentro de casa por safada e indecente.





## XII

O Zuza abalara de feito numa sexta-feira, dias depois do casamento da Lydia. Por toda parte se commentava, com risinhos sublinhados, o escandaloso namoro com a normalista, e o pae, o coronel Souza Nunes, escrupuloso em tudo que lhe dizia respeito, exigiu do filho que embarcasse no primeiro vapor, sob penas severas.

— Mas, meu pae...

— Tenha santa paciencia, vocemecê embarca ou diz porque não embarca. Fala-se em toda a cidade nos seus amores com a rapariga e eu não quero, não consinto em semelhante escandalo. Sei muito bem o que isso é. Não pode ser boa mãe de familia uma rapariga educada em companhia de um safardana reconhecido, como o tal Sr. João da Matta. Prepare as malas e deixe-se d'histórias, que é perder tempo.

Nestas condições o estudante não teve geito senão resignar-se ante a vontade imperiosa do pae e annunciar ao José Pereira o seu embarque d'ahi a dois dias.

— De accôrdo, approvou o redactor da *Provincia*. Deves tratar quanto antes da tua formatura e

então podes voltar ao Ceará e fazer um figurão na nossa magistratura, que já conta em seu seio bons talentos, rapazes da tua estatura, intelligentes e resolutos.

Sentia muito que o Zuza não se demorasse mais algum tempo, mas, enfim, como esperava em breve tornar a vel-o formadinho, com o seu titulo de bacharel, « dando sorte » na capital cearense, que diabo! era preciso abafar a saudade e consolar-se.

O Zuza, porém, estava contrariado. Agora que as cousas corriam-lhe tão bem, que a rapariga entregava-se-lhe de corpo e alma, é que o obrigavam a embarcar da noite para o dia, sem ao menos ter tempo de despedir-se d'ella, de dar-lhe uma beijoca, um abraço siquer, ás escondidas. É verdade que o seu amor não era lá para que se dissesse um amor extraordinario, uma dessas paixões incendiarias que decidem do futuro de um christão, mas, tinha a sua sympathia por aquelles olhinhos ternos como os de uma santa, la isso tinha... Tão boas as palestras ao meio dia, na Escola Normal, emquanto as outras normalistas divertiam-se lá para dentro, á espera dos professores! Uma gentinha levada da bréca, essas normalistas! Com que facilidade a Maria do Carmo, aliás uma das mais comportadas, entregava-lhe a face para beijar e escrevia-lhe cartinhas perfumadas, cheias de juras e protestos de amor! Si fosse outro, até já podia ter feito uma asneira... Arrependia-se agora de não ter aproveitado os melhores momentos... Grandíssimo calouro! podia ter desfructado a valer.

E concluiu, preparando-se para sahir :

— Ora sabem que mais? Ha males que vêm para bem. A cidade está cheia do meu nome e do nome da rapariga, o verdadeiro é ir-me embora mesmo, sem dar satisfações a ninguém. Meu pae é um homem de juizo. Eu podia muito bem engrajar-me devéras com a menina para casar e depois... sabe Deus as consequências. Já se foi o tempo de um homem sacrificar posição e futuro por uma mulher pobre. Conclúo o meu curso e sigo para a Europa, é o verdadeiro, ora adeus!

Enfiou a manga do redingote, atabalhado, e sahio a despedir-se dos amigos.

Toda a cidade soube logo da viagem intempes-  
tiva do estudante. A noticia propalou-se, com a rapidez de fogo em palha, por todos os botequins, por todos os cafés e restaurantes, avolumando-se, como si se tratasse de um grande acontecimento.

Quem, o Zuza, filho do coronel Souza Nunes?  
Então não se casava com a normalista?

— Por esta já esperava eu, diziam uns convictamente.

— E eu, repetiam outros.

— Pela cara se conhece quem tem lombrigas, seu Sussuarana, affirmava um sujeito réles na botica do Travassos. Aquelle typo sempre me pareceu uma bisca. Agora a pobre rapariga é quem fica p'r'ahi com cara de besta, sem achar quem lhe rôa os ossos.

— Pode dizer, seu compadre. Esses fidalgos o que querem é isso mesmo—desfructar e pôr-se ao fresco. Todo o nosso mal é recebermos em nossas casas

qualquer sunga-nenen que chegue a esta terra. Nós, os paes de familia, é que somos os culpados.

— E o compadre João da Matta o que pretende fazer ?

— Eu sei lá, homem de Deus, aquelle é outro . . .

A viagem imprevista do Zuza assumia proporções de escandalo. Nas fileiras politicas especialmente, entre os partidos contrarios á administração presidencial, alardeava-se o facto: que o rapaz era um producto da politica do governo, que todos os amigos do presidente mediam-se pela mesma bitola, que era tudo uma sucia de bandidos de casaca, usurpadores da honra cearense, o diabo !

Os jornaes da opposição rosnaram contra a moralidade dos governistas, responsabilizando o presidente pelo « desmembramento de caracteres » que ia pela sociedade cearense, alcunhando-o de *negro romão*. Tal dizia que « S. Ex.<sup>a</sup> era homem de costumes dissolutos, acostumado a beber cerveja nos cafés cantantes de Pariz, e a passear de braço com as *cocottes* no *Bois de Boulogne*. » Tal outro affirmava que « S. Ex.<sup>a</sup> sabia manobrar perfeitamente um phaeton, montava muito bem a cavallo, mas não tinha capacidade para dirigir os destinos de um paiz. »

Insinuava aquelle que « a viagem inesperada de certo bacharel por formar-se era um attentado contra os nossos brios e contra a moral publica » ; aquelle outro confirmava que « a policia devia dar caça a um tal Sr. bacharel de nome assucarado contra quem pe-

savam as mais sérias accusações no tocante ao seu procedimento para com a familia cearense. »

E toda a gente sabia que se tratava do Zuza e da Maria do Carmo.

O estudante, azucrinado por todos os lados, numa roda viva de indirectas, perdia a cabeça, indagava na Agencia si o vapor já tinha chegado, esbaforido, ás carreiras, doido já por se ver barra fóra, debruçado tranquillamente na amurada, a ver sumirem-se no horizonte, como visões de uma noite mal dormida, as areias do Mucuripe.

Uff!... Estava cansado de supportar tanta sujidade! Decididamente não voltaria mais ao Ceará por preço algum. Diabo de provincia onde ninguem está livre da calunnia e da descompostura pela imprensa desde que não se submette ás imposições d'uma politica de interesses pessoaes.

Revoltava-se de novo contra o Ceará, contra os costumes cearenses, contra a politica « essa politica sem ideal e sem patriotismo, que só serve de nos rebaixar, obrigando o individuo a vender-se por amor de sua mulher e de seus filhos. » Que diabo tinha elle com a politica para que se viesse metter com a sua vida? Só porque era amigo do presidente da provincia e filho de politico? Sebo! Então não se podia ter amigos no Ceará, decididamente. E porque tanto barulho em torno do seu nome, porque, não lhe diriam? Por causa do um simples namoro com uma pobre normalista sem eira nem beira? Era o cumulo!

Com que deliciosa alegria elle ergueu-se da rêde

no dia do embarque, de manhã muito cedo, as malas no meio do quarto promptas, a passagem comprada, no bolso, sem dividas, sem compromissos, completamente prompto á deixar o Ceará! Quando vieram lhe chamar para o banho, ás seis horas, já ha muito estava de pé, em chambre, muito bem disposto, fumando o seu cigarro, passando uma vista d'olhos na maleta do camarote onde refulgia, numa frescura capitosa, a roupa branca — ceroulas, camisas, meias e toalhas de rosto—tudo arrumado cautelosamente, com um cuidado feminino, umas cheirando ainda a sabão, passadinhas a ferro outras.

Ah! ia deixando fóra a *Casa de Pensão*. Tomou do livro que se achava sobre a meza e collocou-o na maleta, ao lado, para ler em viagem.

Agora sim, não faltava mais nada. Só pedia a Deus que não chovesse, porque um embarque debaixo d'aguaceiro era um desastre horroroso.

De feito ameaçava chover. Era em Janeiro. Ha dias cahia sobre a cidade uma chuvinha symptomatica d'inverno, persistente e miúda, acompanhada de trovões longinquos, lavando a atmosphaera, enxarcando as ruas, alentando a população, enverdecendo as arvores. Os longos mezes de sêcca iam ser compensados por uma abundancia de chuvas consoladoras e refrigerantes. As manhãs iam se tornando frescas e já se viam passar, em taboleiros, feixes de feijão verde e hortaliças para a feira.

Zuza tinha aberto a vidraça para consultar o tempo. Os telhados, defronte, estavam humidos e o

céo, de uma côr esmaecida de saphyra, arqueava-se, sem uma nuvem na penumbra da ante-manhã. Passava um fiscal da camara com o seu boné, jaqueta com botões dourados, chapéo de chuva debaixo do braço, assoando-se com estrondo.

— Gudo fechado ainda, com effeito ! pensou o Zuza. Entretanto já tinham dado seis horas !

Entrou e poz-se a reler as cartas de Maria do Carmo, trincando a ponta do bigode.

« Meu querido Zuza... »

N'esta a normalista jurava como não tinha ido ao *Club Iracema* ; que era uma calumnia o que tinham dito ao estudante...

« Tua querida Maria ».

Zuza meneou a cabeça com um ar de riso e abriu outra.

« Zuza do meu coração... »

Nest'outra Maria lamentava que o rapaz não tivesse apparecido na Escola Normal, na vespera.

« Tu já não me amas, Zuza ; não queiras matar-me de saudades. Todos os dias peço a Deus por ti e tu nem sequer lembras-te da tua futura esposa ! »

E assim, uma a uma, o futuro bacharel releu toda a serie de cartas da normalista, enfeixando-as depois, dobradinhas, com um cadarso.

Que horror, meu Deus, quanta banalidade ! E ella a tomar a cousa a serio ! A gente sempre faz asneiras de creança nessa idade !...

E guardando o maço de cartas no fundo da maleta : « — Magnifico rol de asneiras para fazer rir á rapaziada de Pernambuco. »

As horas passavam vertiginosas. A claridade largado sol penetrava no quarto pela janella aberta, como uma visita sem cerimonia, annunciando um dia sêcco e esplendido.

Já lá fóra, na rua, recomeçava a labuta quotidiana. Um barbeiro, que morava defronte, amollava as navalhas assobiando um trecho de *fandango*, com as pernas cruzadas, de frente para a rua. Passavam burricos com cargas d'agua, procurando as coxias. Meninos apregoavam o *Cearense*.

José Pereira ficára de vir almoçar com o Zuza, mais cedo que de costume, para seguirem juntos ao ponto de embarque.

D. Sophia andava numa faina, da sala para a cozinha, com os olhos empanados de lagrymas, esquecendo as suas dôres de utero para pensar no Zuza, no seu filho que se ia embora.

O coronel, esse não se alterava, calmo, consultando o relógio de vez em quando, bem humorado nesse dia, passeando o seu grande ar de homem independente.

Cerca de 10 horas entrou o redactor da *Provincia* annunciando a chegada do vapor.

— A que horas sae ? perguntou o estudante.

— Está marcado para as duas. Em todo caso é prudente ir mais cedo...



— Sem duvida. Ao meio-dia, o mais tardar, devo estar a bordo. Qual é o vapor?

— O *Espirito Santo*.

— Diabo, uma carróça!

José Pereira entrára para o quarto do Zuza, e, sentado na larga rede de varandas encarnadas, perna traçada com desembaraço, passeava o olhar morosamente naquelle tabernaculo de rapaz solteiro, agora em desordem, como um ninho abandonado, enquanto o estudante acabava de fazer a *toilette* no aposento contiguo.

Na frente das duas malas, uma grande e outra menor, lia-se em letreiros impressos e nitidos — *Jose de Souza Nunes — Recife*. Perto estava um caixote com livros e o mesmo distico no alto.

— Dez e meia! fez o redactor levando o relógio ao ouvido.

Immediatamente surgiu o Zuza lepidamente, esfregando as mãos, como si sahisse de um banho de perfumes.

— Promptinho, disse elle.

E mysteriosamente :

— Então, com quê a canalha tem se divertido a minha custa, hein?

— Como assim?

— Oh! homem, inven aram por ahi que eu deflorei a Maria do Carmo. Não leste o *Pedro II* e o *Cearense*?

— E tens culpa no cartorio?

— Não c'os diabos, mas isso é um horror! Ninguém pode mais gracejar, ninguém tem mais o direito de chegar-se a uma rapariga honesta sem intenções

ma'evolias. Cada vez me convenço mais de que isto é uma terra selvagem, seu José Pereira! Isto é um paiz de barbaros. Vocês da imprensa devem civilisar este povo, devem ensinar a esta gente a pensar e a ter juizo, do contrario..

— Mas, fala a verdade, interrompeo o outro com um ar de riso malicioso; tu nunca...

— Palavra como não! É verdade que dei-lhe alguns beijos, mas o nosso namoro nunca foi alem disso, mesmo porque, tu comprehendes a minha responsabilidade... Depois, só fui a casa do padrinho umas tres vezes, no maximo. Calumnia, simples calumnia...

— É. Este povo é muito indiscreto...

— Indiscreto não — alcoviteiro, mentiroso, ignorante e besta, é o que elle é.

E depois de uma pausa :

— Bem, vamos almoçar que deve ser hora.

Uma vez installado a bordo, no seu camarote do lado do mar, o futuro bacharel, de binoculo a tiracollo e boné, respirou a todo o pulmão e foi assistir da tolda a manobra do vapor que suspendia o ferro.

Eram duas horas em ponto. O tempo estava magnifico. Ventava forte e o mar em resaca atirava sobre o quebramar uma toalha de espuma que se desmanchava em poeira trenuissima irisada pelo sol. A cada golpe de mar havia uma algazarra na praia coalhada de gente. Escaleres navegavam para terra puxados a remo, destacando a bandeira do escaler da Capitania do porto.

Zuza assestou o binoculo, e, saccando do lenço, correspondeu aos acenos que lhe faziam de um escaler que se afastava. Sentia agora uma ponta de saudade espicaçar-lhe o coração. Atravéz da confusão que reinava no seu espirito, como um ponto luminoso por entre um nevoeiro denso, via mentalmente e nitidamente a cabeça branca de D. Sophia, de sua bôa mãe, e só então sentio que uma cousa prendia-lhe ao Ceará, atrahia-lhe a essa terra que elle tanto detestava — Sim, queria mal ao Ceará não sabia mesmo porquê, por indole, por systema, por pedantismo, mas não podia esquecer nunca o Ceará, porque nelle ficava a sua velha que ainda ha pouco, abraçando-o entre lagrymas, metterá-lhe no bolso uma nota de cem mil reis lisa e cheirando a fundo de bahú.

Bôa e santa velhinha! pensava elle, e já não enxergava cousa alguma, porque os vidros do binoculo estavam humidos e ennevoados...

Depois, enquanto o vapor singrava em direcção ao Mocuripe, começou a examinar a costa cearense, como si nunca a tivesse visto de fóra, da tolda de um navio. Vio passar diante de seus olhos arregalados todo o littoral da Fortaleza, desde o pharol de Mocuripe até a Ponta dos Arpoadores...

Primeiro o pharol, lá muito ao longe, esbranquiçado, côr de areia, erecto, batido pelos ventos; depois a extensa faixa de areia que se desdobra em zigzague até á cidade; a praia alvacenta e rendilhada de espumas. Em seguida o novo edificio da Alfandega, em forma de gaiola, acaçapado, sem architectura, tão

feio que o mar parece recuar com medo á sua catadura.

Noutro plano, coqueiros maltratados pelo rigor do sol, erguendo-se da areia movediça que os ameaçav soterrar, uns já enterrados até a fronde, outros inclinados, prestes a desabar ; o torreão dos judeos Boris, imitando a torre de um castello medieval, cinzento e esguio ; o seminario, por traz, no alto da Prainha, com as suas torres triangulares ; as torres vetustas e ennegrecidas da Sé ; o Passeio Publico, com os seus tres planos em escadaria ; a S. C. de Misericordia, branca, no alto ; o Gazometro ; a Cadeia ; e, por ali fóra, o arraial Moura Brazil, invadido pelo mar, reduzido a um montão de cazebres trepados uns sobre os outros...

« — Sim, senhor, pensou o Zuza, bonito aspecto para se ver de longe, barra a fóra... »

Dentro em pouco o vapor começou a tombar desesperadamente. Fortaleza já não era mais do que uma pintura microscopica diluindo se muito ao longe na tinta alvacentá do horizonte...

... E só agora, tres dias depois da partida do Zuza, é que Maria do Carmo sentia a dôr do seu abandono, ao mesmo tempo que adquiria a certeza esmagadora de que estava para ser mãe ; sim, para ser mãe de um filho espurio, concebido num momento de desvario, mal accordada de um pezadelo horrivel. Era de mais, era ! Si dissesse que ella tinha deixado o seu quarto para ir ter á rede do padrinho, offerecendo-se-lhe como uma femea desavergonhada, vá ; era justo que cahisse sobre si toda a colera dos homens,

mas, ao contrario, elle, o infame do padrinho é que fôra alta noite ao seu quarto, provocar-lhe, impor-lhe, para bem dizer, uma cousa d'aquellas, e ella, coitada, tão inexperiente, tão tôla que nem ao menos tivera coragem para dar um escandalo, expulsando-o, como se expulsa um ladrão, dando-lhe com a mão no focinho, embora com sacrificio de sua vida.

Chegavam a seus ouvidos, indistinctamente, como um surdo rumor de cochichos, os echos da maledicencia. Na Escola Normal as outras raparigas atiravam-lhe indirectas fortes, que ella já não tinha animo de repellir como d'antes.

Viam-na triste, para um canto, muito desconfiada, com grandes oiheiras. Todas notavam as alterações de sua physionomia, e certo deleixo no trajar, que faziam della uma outra Maria do Carmo, albardeira e insociavel, inimiga da convivencia das companheiras, egoista, intratavel.

— Aquillo é cousa... commentavam maliciosamente as normalistas. A Maria viu alma d'outro mundo, não é possivel...

— Que o quê, menina, são desgostos de familia. Dizem que o padrinho maltrata-a.

— Quem, o João da Matta? Um grandissimo miseravel. D'ahi talvez seja isso mesmo...

— Não se illudam, meninas, insinuou a zarolha, a Marja ficou assim depois que o Dr. Zuza foi-se embora. Ella d'antes era até uma rapariga muito alegre, vocês não se lembram?

— Cousas deste mundo, mulher, cousas deste mundo. Ninguem deve fazer máo juizo das pessoas...

O director um dia maltratou-a. Ao chegar viu desenhada na pedra da aula, a giz, uma obscenidade. Ficou furioso, disse muitas grosserias ás raparigas e quiz saber quem era a autora de semelhante indecencia.

Silencio profundo. Ninguem se atrevia a responder.

— Tenham a bondade de dizer quem fez isto! repetiu o director, e, de relance, viu, na ultima fila, um dedo que apontava para Maria do Carmo.

— Ah! foi a senhora, D. Maria do Carmo?

Maria empallideceu.

— Eu, não senhor!

— Tenha a bondade, faça favor de vir apagar isto.

— Mas não fui eu, Sur. director, tornou ella erguendo-se.

— Embora, venha sempre: a senhora paga pelas outras.

— Não senhor, não posso responder por uma falta que não commetti.

— Não vem?

— Não senhor...

Toda a aula estava voltada para Maria do Carmo, medindo-a de alto a baixo, si como vissem nella uma transfiguração extraordinaria.

— Então a senhora não vem? repetiu o homem fazendo uma carranca medonha.

— Não senhor...

— Retire-se da aula! fez elle apontando a porta. A senhora é uma insubordinada, desobedeceu á primeira autoridade d'este estabelecimento. Vamos, retire-se!

Houve um silencio grave, e Maria, tomando os livros, séria e resignada, sem olhar para as collegas, retirou-se taciturna, ouvindo atraz de si o atricto da esponja na pedra.

E tudo mais era assim, succediam-se as contrariedades como um castigo. Crescia-lhe nalma o desgosto, como uma nuvem que sobe no horisonte vagarosamente alastrando pouco a pouco toda a vasta cupola do céo para se desfazer em chuva caudalosa. Tinha pena de não ser, como as «outras mulheres», indifferente a tudo, até nos momentos mais difficeis da vida. Vinham-lhe ás vezes alegrias intermittentes, uma resignação infinita animava todo seu sêr, e dispunha-se a enfrentar todas as consequencias do seu desatino com uma calma heroica, sem dar mostra da mais leve tristeza.

Nesses momentos abria-se em effusões de ingenua bondade para com D. Therezinha, procurando-a, puxando conversa, offerecendo-se-lhe para pentear o cabello, gabando-lhe os vestidos, com uma humildade de escrava. Mas a madrinha, sêcca e indomavel, aborrecia-se com aquillo, enfadava-se, sempre de cara fechada, respondendo por monosyllabos ás perguntas da afilhada. Quando amanhecia mal humorada, com as suas desconfianças, inquisilava-se de mais.—« Deixe-

me, creatura, deixe-me, por amor de Deus, oh!» Maria não dizia palavra, recolhia-se ao silencio do seu quarto a costurar ou a ler o *Almanack das senhoras* por desfastio, para se distrahir.

Entretanto João da Matta progredia no vicio de beber aguardente. Andava agora muito chegado ao Pernetta e ao Guedes, de quem se dizia amigo do coração.

A bodega do Zé Gato continuava a ser o ponto de suas reuniões, onde se demoravam ás vezes até alta noite a jogar a bisca num esquecimento absoluto de familia e de deveres, saturados de alcool, lividos á luz de um miseravel candieiro de kerozene. O triste ordenado que lhes pingava no bolso em cada fim de mez escorria-lhes por entre os dedos como azougue, tranformando-se em fichas na banca do jogo e desaparecendo como por encanto, sem que elles proprios soubessem como.

Quantas vezes succedia entrar em casa sem um real no bolso para mandar á feira no dia seguinte!

Era preciso então tomar dinheiro a juros nos agiotas, correr toda a cidade atraz de alguém que lhe emprestasse alguns mil réis até ao fim do mez, contar as suas necessidades, as pequeninas miserias domesticas, inventar situações incriveis. Porque os seus « amigos do coração », o Pernetta e o Guedes da MATRACA, tambem eram pobretões e perdularios, sentiam muito as necessidades do Janjão, mas não podiam-lhe ser uteis por forma alguma, senão dando-lhe a ganhar no jogo quando a sorte não os protegia.



— É. Eu bem sei que vocês também têm familia como eu e precisam também. É o diabo, é o diabo !

D'ahi as dissensões, os conflictos, em casa, com a mulher por causa de dinheiro. Elle já não conseguia impôr a D. Therezinha a sua autoridade de chefe da casa, como d'antes ; ao contrario, agora supportava-lhe as impertinencias, as saraivadas de improperios, com uma passividade de animal submisso.

— Tenha vergonha, homem de Deus, tenha vergonha, que vossê já não é creança, dizia-lhe ella nas bochechas, quasi abanando-lhe o queixo. Olhe para as barbas que tem na cara, porte-se como gente !

E elle ouvia tudo aquillo sem dizer agua vai, calladinho como um prégo, murcho, impotente !

Como os tempos mudam ! Ha poucos dias era elle o forte, o manda-chuva naquella casa ; bastava um olhar seu, por cima dos oculos escuros, para que todos, D. Therezinha, Maria do Carmo e a Marianna, estremecessem com medo, porque sabiam de quanto elle era capaz nos momentos de colera ; agora não, tinham-se trocado os papeis : bastava um olhar de D. Therezinha para que elle desse-lhe as costas desfarçadamente para evitar barulho.

— Basta, basta, basta ! costumava dizer quando a mulher dirigia-se para elle com os olhos chammejantes, de mãos fechadas.

E escafedia-se até ao fundo do quintal para não lhe ouvir os disparates.

Estava magro, muito magro, e queixava-se de dôres nos intestinos.

Diabo da Repartição não lhe deixava tempo para nada. Era um trabalhar sem descanso, sentado a uma banca, das nove ás tres, copiando officios, riscando papel estupidamente. Si ao menos tivesse quem lhe arranjasse com o ministro uma aposentadoria ainda que fosse com a metade do ordenado... Mas, qual! tudo uns politicos sem importancia, uns lagalhés que iam para a camara proferir barbaridades, a repetir que o paiz estava a beira d'um abysmo e nada mais! Até estimava que lhe demittissem do emprego, porque iria fazer pela vida noutra parte, e escusava perder tempo a emporcalhar papel, para no fim do mez—tome lá seu ordenado, uns miseros vintens que mal chegavam para o boi. Uma desgraça!

De resto a Maria não lhe dava muito cuidado. A principio ainda lhe fizera uns carinhos, dera-lhe uns córtes de chita e um rico vestido de cassa da India «para agradar», porque tambem seria uma ingratição vel-a para um canto a se acabar, magra e amarella que nem uma lesma. Achava até que tinha feito muito. Outros havia peiores do que elle, ora!

—Meu bem, tristezas não pagam dividas. É andar, é andar sem olhar para traz.

Mas quando, um bello dia, Maria declarou-lhe positivamente que estava prenha, que sentia «uma cousa» bolir-lhe na barriga, João estremunhou.—Que se hade fazer, filha? Agora é ter paciencia. Foi uma fatalidade, foi uma fatalidade... Ha de se arranjar a cousa do melhor modo possivel. Vás ahi para qual-

quer sitio, fóra da cidade, e ninguem saberá de cousa alguma. Dá-se tanto d'isto...

— E depois ? murmurou Maria mordendo a ponta do lenço, cabisbaixa.

— E depois ? E depois... ora adeus ! e depois dá-se a alguem para criar o trambolho e tu voltas á tua santa vidinha.

Maria soluçava baixo, fungando numa crise nervosa.

— Já te pões a chorar como uma creança ! Tolicice ! Estou a dizer-te que o caso é muito simples...

Uma tarde em que os Mendes, o juiz municipal e a mulher, tinham ido passear ao Trilho, João da Matta entrou alvoraçado, sem folego, com uma noticia a escapolir-lhe da bocca. — Sabem quem está muito doente ?

Todos voltaram-se surprehendidos, com o olhar cheio de curiosidade. — Não, ninguem sahia. Algum conhecido ?

— O presidente, o Dr. Castro, teve um ataque ha pouquinho. A rua está cheia. Diz que está bem mal.

— De quê, menino ? interrogou o juiz muito admirado e já nervoso.

Houve logo um interesse commovido nos circumstantes.

E João, sentando-se, sem apertar a mão aos Mendes, pallido, limpando a testa, foi dizendo o que sabia :—Muita gente defronte do palacio. Tinham sido chamados todos os medicos, e todos, menos o Dr. Mello, eram de parecer que se tratava de um caso

de febre amarella. O presidente tinha acabado de antar e lia á cabeceira da meza a correspondencia do sul chegada naquelle momento, quando começou a sentir se mal — embrulho no estomago, tonteira, calefrios. Immediatamente ergueu-se, livido, e, ao dar o primeiro passo, cahiu fulminado!...

— Ai ! fez D. Therezinha cruzando as mão sobre o regaço. E depois ?...

— Depois conduziram-no á cama, sem sentidos, vomitando uma cousa preta...

João fez esgare de nojo. Todos cuspiram.

— ...e quando os medicos chegaram já o encontraram sem pinga de sangue no rosto, vomitando ainda golfadas de bilis sobre a esposa que o amparava, coitada, nem sei mesmo como...

— Coitado ! lamentaram num tom arrastado as duas senhoras.

Maria do Carmo ouvia silenciosa e compungida a narração do padrinho, ao lado do piano, com os olhos humidos e o ar assustado.

— Mas, João, isto é serio ? perguntou o juiz municipal erguendo-se com os braços cruzados, estupefacto.

— Oh ! senhor, pois eu havia de inventar uma cousa d'esta ? Admira até como vocês ainda não sabiam, porque a rua está cheia. Eu soube ali, na bo-dega do Zé Gato.

Fez-se um silencio repassado de suspiros.

— Um homem tão forte, vendendo saúde ! fez o juiz.

— Mas bebia muito, coitado, tornou João da Matta respirando com força. Era homem que não bebia agua!

— Por isso não, atalhou D. Therezinha. Que asneira! Tanta gente se embriaga todos os dias e não lhe succede nada...

— D'ahi pode ser que escape, murmurou D. Amelia; não queiram sepultar o homem em vida.

— Pode ser...

— Pode ser, repetiu o juiz. A sciencia faz milagres.

— Que duvida!

Então o Mendes tomando o chapéo, muito impressionado, as mãos tremulas:

— Bem, vamo-nos Amelia. Esta vida, esta vida!

Era cedo, insistiu D. Therezinha triste. Mas os Mendes pretextaram affazeres, lembraram as crianças que tinham ficado com a creada e despediram-se.

Maria do Carmo passou a noite nervosa, com insomnias, sentida com a doença do Dr. Castro, muita apprehensiva.

Não podia se conformar com a idéa da morte do presidente, o homem da moda, o « querido das moças », o grande amigo do Ceará, que tantos benefícios fizera a essa provincia, mandando construir açudes no sertão, reconstruindo o Passeio Publico, activando as obras do porto, facilitando a emigração, prodigalizando esmolas, e, finalmente, introduzindo em Fortaleza certos costumes parizienses, como por exemplo, o systema de passear a cavallo a chouto, de aparar a cáuda aos animaes de sella. Lembrava as qualidades pessoaes do fidalgo paulista, o seu modo de falar

num sotaque a portuguezado, muito moderado na conversação intima, as suas maneiras delicadas, os seus bellos dentes branquejando sob um bigode sedoso e bem tratado. Uma vez, no baile offerecido á officialidade do cruzador «1.º de Março» dansara com elle uma quadrilha, por signal bebera muita *champagne* nessa noite a ponto de ficar um pouco tonta da cabeça. Coitado! • uma alma bôa. É verdade que tinha demettido o Pinheirão mais os filhos, deixando-os na miseria, mas no dia seguinte mandara-lhes um envelope com cincoenta mil réis. Tudo por causa da politica; a politica é que ofazia máo. Tinha rasgos de generosidade fidalga, lá isso era innegavel, tanto assim que um dia dera ao negro Romão, um negro sujo como aquelle, cinco mil réisinhos. Era uma pena si morresse, coitado, havia de fazer uma falta tão grande!...— Compadecia-se como si fosse seu parente. Balbuciou uma promessa ás almas do purgatorio e só muito tarde, pela uma hora da manhã, conseguiu adormecer.

Ao outro dia procurou saber logo como ia o presidente. As noticias eram cada vez mais desagradaveis. As janellas do palacio continuavam fechadas e os transeuntes olhavam contristados para o casarão ao redor do qual pairava uma melancolia lugubre. Os boatos multiplicavam-se penetrando todas as casas como um vento de desgraça. *A Provincia* suspendeo a publicação por condolencia, e os jornaes da opposição fizeram uma pausa nos seus ataques á administração provincial.

As filhinhas do presidente estavam em casa do José Pereira, na rua Major Facundo, duas creanças louras e inteligentes, que falavam francez, uma nascida em Pariz e outra no Rio de Janeiro. Ás duas horas já se dizia que « o homem » não escapava. Um cabo de ordem, arrastando o chanfalho, passava a toda pressa em direcção do telegrapho. O espirito publico começava a inquietar-se com a sorte do presidente, e os proprios adversarios politicos enchiam-se de penas concentradas.

Pela noite desabou um formidavel aguaceiro e toda a população, por assim dizer toda, aguardava anciosa, dentro de casa, ao sussuro da chuva que cahia fóra, sacudida pelo vento sul, noticias sobre o estado do Dr. Castro.

Maria, como toda a gente, sentia um peso no coração ao lembrar-se d'aquelle homem sadio e robusto, a seus olhos a synthese da mais requintada elegancia, que tanto amara o Ceará, e cujo nome andava gravado a canivete até no tronco dos cajueiros, nos sertões por onde tinha andado, tão moço ainda e já nas portas da morte acabando-se como qualquer mortal? — A Providencia ás vezes era injusta, como os homens : poupava um ente abominavel como o padrinho e um pelintra desleal como o Zuza, para aniquilar, emquanto se esfrega um olho, um homem da força do Dr. Castro, « util ao paiz e bemfeitor da humanidade ! »

Indignava-se com essa preferencia injusta das côrtes celestes, e, de si para si, concluia que não valia

a pena uma pessoa ser honesta, trabalhar noite e dia, dedicar-se a uma causa nobre, engrandecer-se aos olhos da humanidade para um bello dia — toma ! vá para a cova que é seu logar ! Uma cousa estúpida a vida, afinal de contas.

Entretanto outros viviam ahi a cometter mil desatinos, a roubar, a assassinar, a illudir os incautos e tinham vida para um seculo inteiro, livres de congestões, de febre amarella e de quanta doença ha.

Accordou cedo e foi se pôr á janella á espera de alguem que lhe desse noticias do presidente. O céo estava carregado de nuvens compactas, e neblinava. A casa da viuva Campello, defronte, estava fechada ; a viuva tinha ido passar uns dias com a filha no Bemfica.

Passou um empregado da Estrada de Ferro, conductor de trem, com as calças arregaçadas, comendo pão. Maria chamou-o: — O Sr. sabe me dizer como vai o presidente ?

— Falleceu ás duas horas da madrugada, respondeu o sujeito mastigando, indifferente.

— Obrigado, disse Maria empallidecendo, e entrou immediatamente, batendo o postigo. — Coitado ! foi dizendo pela casa com grande magoa na voz. Coitado ! Que pena !

— Que foi ? perguntou o amanuense que subia o corredor em ceroulas.

— O presidente, que morreu !...

João parou assombrado como si lhe tivesse cahido um raio defronte.



— Morreu, hein?!

— Disse-me agora mesmo um empregado da Estrada de Ferro.

— Realmente! E vá a gente se fiar na justiça divina! Morre um homem d'aquelles, da noite para o dia, como qualquer bebado!

E lá se foi resmungando contra Deus e contra os padres.

Os sinos da Sé começaram a dobrar a finados. Augmentava a chuva, que já se ouvia chiar nas calçadas como uma panella fervendo.

Maria entrou para o seu quarto, afflicta. Essa manhã foi para ella de tristeza e desanimo. Accudiam-lhe á imaginação lembranças extravagantes, idéas lugubres, como aves negras que pousassem de chofre num arvoredado, alvoroçadas, cantando sinistramente. Cahia em abstracções prolongadas em que punha-se a contar os dedos machinalmente, como si fosse ensandecer. Apoderou-se della um medo pueril, um inexplicavel pavor das cousas sombrias, um supersticioso receio d'almas d'outro mundo, um mal estar, um quer que era que lhe trancava a respiração, que lhe opprimia o peito.

Procurava desfarçar as apprehensões, arrumando os trastes do quarto, mexendo nos bahús, numa inquietação crescente, num vira-e-mexe cada vez mais açado, abrindo e fechando gavetas, atarantada, com o coração aos pulos.

— O enterro! o enterro! bradou da porta a Marianna que ia ás compras.

Todos correram á janella. D. Therezinha, na precipitação deixou cair um copo, que se esfarinhou, e João da Matta esquecera os oculos, enfiando as mangas da camisa.

Maria arrancou como uma louca, dando um encontro na mesa do centro da sala de visitas.

Continuava a chover, agora devagar, com uma insistencia importuna, o sol a espiar por traz d'uma nuvem, frio, indeciso, mandando, com um supremo desdem pelas cousas cá de baixo, uma restea de luz timida e complacente sobre a manhã humida.

O enterro do presidente passava na esquina, caminho do cemiterio.

Maria do Carmo assistia com a respiração suspensa e um nó na garganta o desfilar do prestito, o caixão levado por seis homens de preto, coberto de galões dourados debaixo da chuva miúda, o acompanhamento — uma comparsaria dispersa de gente de todas as classes de chapéo de chuva aberto, marchando resignadamente ao som da musica do batalhão que tocava a funeral.

Os padres já tinham passado, na frente, com os seus acolytos, muito graves, olhando para o chão, evitando as pôças d'agua. Um carro seguia atraz, todo fechado, devagar.

E a chuva a cair e a musica a tocar o funeral, deixando por onde passava uma tristeza vaga que lembrava um dia de finados entre sepulturas...

D. Therezinha enxugava os olhos com a aba do

casaco e João da Matta pigarreava desfarçando a commoção.

Maria ficou á janella vendo passar o resto do acompanhamento, sujeitos sem paletó, de chapéo de palha de carnaúba, outros sem chapéo...

— Que triste, meu Deus!

E entrou muito inquieta, com um frio na medulla, as pupillas dilatadas, pallida, toda tremula. Mas no meio da sala perdeu o equilibrio—escureceu-lhe a vista, tropeçou numa cadeira e estendeu-se no chão pesadamente, como morta.

— Chega! A Maria teve uma cousa! gritou D. Therezinha, correndo para a afilhada. Chega, Janjão, chega depressa!

— A agua Florida, a agua Florida, em cima da commoda!

O amanuense precipitou-se pelo corredor a grandes passadas, attonito, aterrado, sem saber o que fizesse, seguido pelo *Sultão* que tomou-lhe a frente ganindo.

— Jesus, o que foi?!

— Sei lá, uma cousa que lhe deu de repente... Segura ahi nos braços...

E ambos, João da Matta e a mulher, pallidos, muito vexados, conduziram a rapariga para a alcova, arrastando os pés com o peso.

— Chega depressa a agua Florida, mandou João abanando o rosto á doente.

D. Therezinha trouxe a garrafa e começou logo o affanoso trabalho de humedecer as temporas de

Maria, dando-lhe a cheirar o liquido, friccionando-lhe a testa com força, numa afflicção.

— Um copo com agua, um copo com agua, Janjão.

Maria deu um grande suspiro, entreabrindo os olhos, estendida ao comprido na larga cama de jacarandá.

— Cheira mais, cheira mais, recommendava D. Therezinha, agora mais aliviada.

Maria murmurou que estava melhor.

— Já póde se sentar? perguntou o amanuense, chegando o copo. Vá, faça um esforçosinho... Upa!

— Não seria bom chamar o medico? lembrou D. Therezinha.

Maria fez com a mão «que não», e com a voz fatigada, apoiada ao espelho da cama:—«Não era preciso, já estava bôa...»

— Sentes alguma cousa? quiz saber o amanuense. Si sentes, dize.

— Apenas uma dorsinha aqui...— E indicou o flanco esquerdo.

— Bom, bom, bom, quietinha...

E desde esse dia augmentaram as suspeitas de D. Therezinha, que observava agora os menores movimentos da afilhada, insistentemente, examinando-lhe a roupa usada, medindo-lhe o volume da barriga, perseguindo-a com os olhos.

— Isto, isto ainda acaba mal! pensava ella.

### XIII

Em poucos mezes o estado interessante de Maria do Carmo foi carecendo de cuidados mais serios, e João da Matta assim o julgou, tratando logo de arranjar uma casa, um sitio nos suburbios, onde ella podesse, tranquillamente e sem escandalo, alijar a carga, desembuchar a creança. Mas onde e como poderia elle dispor as cousas do melhor modo, sem despertar a curiosidade publica? Esta era a grande questão que affligia o amanuense, cada vez que o seu olhar vesgo descia sobre o ventre da afilhada, vendo-o crescer dia a dia, tomar uma forma espherica inilludivel, arredondar-se, arquear-se para fóra numa convexidade caracteristica e esmagadora.—«E agora?» interrogava-se elle, passando a mão na calva. O caso ia-se tornando grave, urgia fazer qualquer arranjo logo e logo, antes que a Teté rebentasse por ahi com quatro pedras a accusal-o violentamente, atirando-lhe em rosto a sua infidelidade, o seu crime, a sua pouca vergonha. A rapariga engordava a olhos vistos; só um cégo não veria dentro d'aquella redondeza uma creatura humana em formação.

Toda ella—o ventre, os seios, os braços, o rosto—inchava, adquiria um cunho extraordinario de maduridade precoce. Notava-lhe agora asperesas na pelle, uma côr sêcca de folha sazoadada e certo ar amollentado que se traduzia numa somnolencia infinita e na prematura tendencia para o abandono de si mesma.

Com effeito, Maria, apenas com quatro mezes de gravida, tinha perdido muito da antiga expressão insinuante e viva de sua physionomia. Na idade em que a mulher, como a flor, em plena exuberancia dos tecidos, desabotôa numa singular alacridade de côres, toda frescura e belleza, ella, que não transpuzera ainda os desoito annos, olhava para a vida com uma indifferença unica, estiolando ali assim entre as paredes d'aquella casa sem ar e sem luz, esperando resignadamente o seu fim. Queria ver até quando duraria aquelle estado de cousas, até onde a queriam levar!

Já não chegava a janella com vergonha de ser vista pela visinhança e pelos conhecidos—refugiara-se, como uma culpada, no adyto mysterioso do seu quarto, egoisticamente, sem ao menos lembrar-se da Lydia que a não esquecia e que lhe mandava de onde em onde presentesinhos, recados e abraços.

E João inquietava-se, procurando meios de evadir-se da alhada em que se metterá com risco de um escandalo medonho!

Havia um mez que Maria do Carmo cahira com o ataque no meio da sala. D. Therezinha ruminava subtilidades para descobrir uma sombra siquer, um vestigio que confirmasse de uma vez as suas suspeitas.

Batera todos os aposentos, todos os cantos da casa, indagara da lavadeira si não vira alguma nodoa, alguma mancha na roupa da afilhada; accordava vezes sem conta, alta noite, prestando ouvidos a qualquer ruido, por mais leve, e nada! absolutamente nada! Faziam-lhe especie os modos reservados de Maria, esse impenetravel desgosto que apunha triste, com um ar exquisito de «gallinha chóca». Alguma cousa havia, por força, era capaz de jurar.

D. Therezinha nunca mais dormira com João da Matta e era só quem passava bem naquella casa; até estava creando banha no pescoço. Podéra! Uma vida relativamente calma, senhora absoluta de seu nariz, ganhando um dinheirão com o negocio de rendas que mandava para o norte pelo despenseiro do vapor, tudo corria-lhe ás mil maravilhas. Queria ter um pé-sinho para rusga, isso queria. E si ainda «fazia vida» com o Janjão, era por condescendencia, para não dar escandalo; achava feio uma mulher deitar-se com um homem e depois—passe muito bem—abalar por esse mundo fóra, como uma doida, atraz de aventuras. Não era mulher para essas cousas; o que queria era o seu descanso—comer bem, dormir bem, passar bem; não admittia que a fizessem de tôla.

Tinha uma amiga sincera—a Amelia, senhora do Dr. Mendes. Essa, sim, sabia-lhe apreciar as virtudes, dar-lhe importancia, tratá-la com consideração, mesmo porque ella, Therezinha, trabalhava para ganhar a vida honradamente.

— Você é tôla, Teté, a gente não deve se matar, dizia-lhe a mulher do Dr. Mendes.

— Lá isso é verdade, mas você o que quer? É fado, é mania...

As conhecidas admiravam-lhe a boa disposição para o trabalho. Sentava-se á machina ás dez horas do dia, cabellos humidos sobre a toalha de banho estendida nos hombros, e labutava trez, quatro horas consecutivas a cantarolar modinhas, costurando para o fornecedor da policia.

E sempre gorda, sadia e forte!

— Mulher mouro! dizia João da Matta aos amigos.

Uma tarde, ao voltar da rua, o amanuense entrou alegre, como si tivesse tirado a sorte grande na loteria, saboreando um charuto máo que lhe déra o Guedes. Vinha um pouco *toldado*.

— Olha esse jantar! bradou para dentro, atirando fóra a ponta do charuto. E começou a cantar desafinadamente os *Sinos de Corneville*, então muito repisados:

*Vai marinhei...ro,  
vôa ligei...ro,  
velas á brisa  
no espelho do mar!*

E logo:

*Nunca percas a esp'ran..ça,  
quando houver temporal,  
que ha de vir a bonan...ça,  
e depois o.... final!*



— A scena a Naghel, á scena a Naghel! bradava o amanuense batendo as palmas com furia.

— Inda mais esta! resmungou D. Therezinha na sala de jantar.

— Olha essa lambugem! tornou João enfiando pelo corredor.

Estava num de seus dias felizes. Foi até á cosinha acompanhado pelo *Sultão* que pulava-lhe nas pernas, ganindo alegre. Marianna mexia o pirão escaldado de farinha num velho alguidar de barro, com a saia arrepanhada na cintura, o casaco desabotoado, exhibindo, como de costume, o seu detestavel collo nú.

— Como vai isto, ó estafermo! rosnou o amanuense, espalmando a mão em cheio nas ancas da rapariga.

— Sô Janjão!... fez esta pudicamente.

E João trauteou, fazendo festa ao cão:

*Marianna diz que tem  
sete saias de veludo...*

— Tenha modos, homem de Deus! reprehendeu D. Therezinha. Tenha juizo, dê-se a respeito!

— E' bôa! Então já não se póde ser alegre?! Ora muito obrigado!

Durante o jantar declarou que a Maria, no dia seguinte, domingo, iria passar uma semana ao Cocó, em casa da tia Joaquina, conhecida pela *velha dos cajús*.

— Faz ella muito bem, approvou D. Therezinha com enfado, cortando o cosido.

E João, muito meigo, olhando por cima dos olhos:

— Você comprehende, ella anda adoentada, teve outro dia aquelle ameaço... não tem appetite, e o medico, o Dr. Azevedo, disse-me a mim que aquella gordura não val' nada, é toda postiça, é uma gordura falsa... Sim, a rapariga, coitada, precisa tomar o seu leitinho, descansar um pouco...

Maria, que sentara-se defronte da madrinha, não pôde occultar seu embaraço. Fez-se escarlata, e muito submissa :

— E' si a madrinha consentir...

— Ainda mais esta ! Pódes ir até p'r'a China quanto mais p'r'o Cocó !...

— E tú, não queres ir tambem ? perguntou João com certa frieza.

Mas D. Therezinha torceu o beiço com desdem :

— « Só si estivesse doida, crédo ! »

— Vá você com a sua afilhada...

— Ah ! si eu pudesse passar uma temporadasinha fóra... suspirou João. Mas qual, minha filha, não posso faltar um só dia á Repartição, que o chefe não venha logo com os seus arrebatamentos : que o governo não sustenta vadios, que o empregado publico deve ser infallivel como o papa, e tanta asneira !... Coitado, já está velho e suspira, como eu, por uma aposentadoria.

Houve um ligeiro silencio.

— Pois é isto, tornou o amanuense, limpando o bigode com a toalha. Está ouvindo, Maria ? Prepare o seu bahusinho, a sua roupinha. Amanhã, depois da

missa da madrugada. É p'ra lá do Outeiro, na Aldeiota, um sitiosinho, um lugar muito bom, muito saudavel. A casa é que é pobre, mas, ora! pobres somos nós tambem...

Os talheres batiam nos pratos com força. João falava mastigando, com a bocca cheia, cortando o invariavel e sedição lombo assado, com uma voracidade espantosa.

Gallinhas debicavam debaixo da mesa, cacarejando. *Sultão*, muito rechonchudo, sentado nas patas trazeiras, orelhas em pé, alongava o olhar supplice para cima, á espera que lhe cahisse um ôsso ou uma pelanga. Ouvia-se o miar desesperado de um gato na cosinha. De onde em onde a voz de Marianna punha em debandada os parasitas de crista:—« Chô, gallinha! Chô!... »

Havia um rumor d'azas pesadas, e um velho gallo de cauda furtacôr estendia o pescoço num *côcôrôcô* estridente e prolongado que fazia João fechar os ouvidos, berrando para a Marianna que enxotasse «aquelle demonio.»

A sala de jantar era um especie de alpendre assentando sobre grossos pillares de tijollo, abrindo toda para o quintal, onde, áquella hora, via-se roupa lavada a enxugar, de uma brancura de hostia, ao redor da cacimba. Fazia angulo á esquerda com a cosinha, e, á direita, um velho muro escalavrado separava o quintal d'outros quintaes, com uma medonha dentadura de cacos de garrafas.

Desde as trez horas começava a fazer sombra no

alpendre e ás quatro já se podia respirar ali a frescura das ateiras.

Sobre a meza nada mais que uma toalha com manchas de gordura, pratos e copos em desordem, uma moringue muito estragada, bananas e laranjas.

D. Therezinha fazia bocados de pirão com os dedos em pinha e atirava a *Sultão*.

— Bôa alma aquella tia Joaquina, continuou o amanuense accendendo o cigarro. O mestre Cosme, esse é um homem pobre, coitado, mas honesto como poucos. Vive de vender lenha na feira... Bom velho!

— Leva estes pratos, Marianna, disse D. Therezinha erguendo-se.

Tinha jantado num momento.

A tia Joaquina, conhecida no mercado pela *velha dos cajús*, e mais o mestre Cosme, eram um pobre casal que morava na Aldeiota, cerca de um kilometro da cidade, uma casinhola de taipa, dentro d'um largo cercado de páo a pique plantado de cajueiros, todo verde no inverno, com um grande poço no centro, cavado toscamente, e ao fundo do qual sangrava um veio d'agua crystalina.

Era ahi que viviam, ha annos, desde a sêcca de —77, entre brenhas de camapus e matapasto, á sombra dos cajueiros, felizes, sem filhos. Corria-lhes a vida como um abundante manancial d'aguas limpidas em leite de areia.

Pela manhã, muito cedo, mestre Cosme saltava da rede armada no alpendre, enfiava a grossa camisa d'algodão e lá ia, com uma chicara de café no esto-

mago, atraz da jumenta, da sua inseparavel jumenta, que lhe dava o pão de cada dia e que elle carinhosamente chamava a *Coruja*. O docil animal costumava pastar á beira da cerca, tão feliz quanto o dono cuja presença punha-lhe uma expressão reconhecida no olhar manso. Mestre Cosme mettia-lhe o focinho no freio, armava-lhe a cangalha, e abalava para o morro do Cocó a explorar a matta, a fazer lenha para vender no mercado a dez tostões a carga. Um dinheirão!

Mestre Cósme não queria vida melhor. Ao pôr do sol voltava com os seus ricos dobrões na ponta do lenço, escanchado na *Coruja*, sem cuidados, debaixo de seu grande chapéo de palha de carnaúba.

Tia Joaquina ficava trocando os bilros na almofada. Mas, em chegando o fim do anno, ia tambem á cidade fazer o seu negocio, com uma grande cuia na cabeça : — « Olha o cajuzinho bom do Cocó ! Olha o cajuzinho bom ! » E voltava com a cuia vasia e com a isquinha de figado para a ceia ou com o cangulinho fresco d'alto mar.

Chamavam-na a *velhinha dos cajús*, porque os cajús que tia Joaquina vendia tinham um sabor especial, eram doces como assucar.

Queriam-se os dois como um casal novo em lua de mel. « Meu velho » e « minha velha » — é como se tratavam.

João da Matta conhecia-os de longa data, desde a sêcca, por signal naquelle tempo tinham uma filha moça — tambem Maria (Maria das Dôres) que morrera das febres em 77. João era commissario de soccorros

e fazia-lhes muitos beneficios. Mestre Cosme morava, então, no Pagehú, numa palhoça miseravel.

— Tempo de calamidades ! murmurava o velho ao lembrar-se da sêcca.

O amanuense viu o mestre Cosme no mercado e teve a idéa de lhe falar na ida de Maria do Carmo para a Aldeiota « — Tinha um grande favor a pedir ao mestre Cosme » começou, pousando a mão no hombro do velho.

— Pois diga lá... Seu Joãozinho sabe que a gente vive no mundo p'ra servir uns aos outros...

— É isto, mestre Cosme : A Maria, minha afilhada, tem andado doente, coitada, está fraquinha, precisa tomar um pouco de leite fóra da cidade... Eu queria que ella fosse passar uns tempos no Cocó, a rapariga tem um fastio que até mette pena...

O bom velho ficou admirado : « — Só isso ?... Ora, seu Joãozinho, isso não é favor ! Eu até estimo. A menina pode ir quando quizer. É casa de pobre, vocemecê bem sabe, mas a gente sempre *veve*... »

— Pois está bem, mestre Cosme, a pequena vai domingo muito cedo. Diga a tia Joaquina. Deixe estar que não lhe esquecerei. Lembra-se da sêcca ?...

— Se me *alembro* ? Ora, ora, ora, como si fosse hoje. Comi muita farinha do seu Joãozinho, pois não hei de me *alembrear* ? Aquillo é que foi morrer gente !..

— Bem. Você ainda mora na mesma casa, não é assim ?

— Sim, senhor, p'ra lá do Azyl', na Aldeicta, á direita de quem sobe...

— Muito bem, adeus. Domingo, sem falta. Tome á p'ra você comprar de fumo.

E João deu um nickel ao velho.

Estava tudo arranjado.

O amanuense começou a vêr claro na espessa caligem de seu espirito. Decididamente era um homem de recurso !

No domingo, com effeito, depois da missa da madrugada na Sé, Maria do Carmo e o padrinho seguiram para a Aldeiota, a pé.

Ainda tremeluziam estrellas no alto. Para as bandas do Coração de Jesus, por entre coqueiros que se avistavam da praça do Collegio, nuvens esfarrapavam-se numa soberba apothéose de purpura e violeta.

Tinham se apagado as luzes da cidade, e pouco a pouco, imperceptivelmente, como numa magica, succediam se as nuances, cada vez mais claras, esbataendo o contorno das cousas ha pouco diffundidas numa meia tinta escura. Ia-se fazendo gradativamente a magestosa *mise-en-scène* do dia : clarões rasgavam-se dum e d'outro lado do horizonte, incendiando a fachada dos edificios e o cabeça dos montes longinquos, illuminando tudo...

Ao passarem pela *Immaculada Concição*, a normalista olhou por entre as grades do collegio. Lá estavam, como dantes, sombrios e silenciosos, os quatro pés de tamarindo, numa immobilidade timida e respeitosa. Ouvia-se lá dentro o côro abafado das educandas — *ora pro nobis. . ora pro nobis*. Maria teve

um estremecimento, um vago desejo de viver como as irmãs de caridade ; mas passou logo...

La vestida de preto, com o pescoço e a cabeça envolvidos num fichú côm de crême, segurando o *manual da missa*.

João ao lado fumava distrahidamente, muito pre-occupado.

Chegaram á praça do Azylo. O grande edificio, á esquerda, abria as janellas somnolentas para o descampado. Havia luz dentro. Á direita, no meio da praça, a « cacimba do povo, » côm de tijollo, em forma de kiosque, desolada áquella hora, tinha um aspecto mysterioso, quasi lugubre. E adiante, lá longe, por traz da floresta baixa a espessa, branquejavam os morros do alto Cocó.

Já era dia. Mulheres em tamancos passavam para a cidade falando alto, de cachimbo no queixo, cuia de hortaliças na cabeça, ar desenvolto, chale traçado.

João da Matta perguntou a uma d'ellas «si ainda estava longe o mestre Cosme? ».

— Um um, respondeu a mulher, meneando a cabeça, sem tirar o cachimbo da bocca.

E voltando-se :

— Está vendo aquelle cercado lá adiante, aquella casinha branca na encruzilhada ? Pois é ali.

— Obrigado.

Corria um ar fresco e matinal. Revoadas de periquitos, num vôo de flecha, cortavam a limpidez da atmosphaera e desciam d'um e d'outro lado da estrada sobre o matagal espesso e verde. As primeiras chuvas



do anno tinham fecundado a terra cuja exuberancia ostentava-se agora prodigiosamente na esplendida paisagem que os olhos de Maria do Carmo viam com admiração. Sentia-se um fartum de terra humida que fazia gosto. As mattas da Aldeiota, de um verde gaio pittoresco, estendiam se por ali fóra, a perder de vista, erriçadas pelo terral, sob a larga irradiação do sol nascente.

Aquella estrada branca de areia, larga e interminavel, desenrolava-se aos olhos da normalista como uma via lactea de illusões, como um caminho de ouro que a conduzisse a uma outra vida, completamente outra daquella que até ali vivera, a uma vida socegada, sem hypocrisias e sem traições, sem dôres e sem lagrimas...

Fazia-lhe bem, como um tonico, o ar fresco da manhã que lhe bafejava o rôsto. Sentia-se melhor respirando aquelle ar, bebendo toda a selvagem frescura do campo, todo o delicioso, o ineffavel perfume que se levantava dos crotons e das salsas bravas.

— Que dizes a isto, hein ? perguntou João bruscamente, apontando o campo. Vás engordar, minha filha, vás passar bem. Para longe a tristeza, para longo as magoas, e deixa correr o marfim.

E descrevendo um circulo com a mão espalmada:

— Como está isto bonito !

Não ha noticia de inverno igual. Mette inveja a quem mora naquelle inferno da cidade. Uma delicia, Maria, isto é que é vida ! O que vás engordar !

Approximaram-se da casinha de mestre Cosme.

Vaccas babujavam silenciosamente e voltavam a cabeça com uma vagarosa melancolia no olhar.

Os velhos já estavam de pé na porteira do cercado.

— Ora muito bom dia! saudou o amanuense.

— Louvado seja N. S. Jesus Christo, respondeu tia Joaquina recuando.— Então é esta a sua afilhada?

— Esta mesma, tia Joaquina. Moça feita e... bonita, como está vendo.

— Entrem, entrem, convidou mestre Cosme solícito.

— Sim senhor! fez a velha admirada. Bonita mesmo, pode dizer! Coitadinha, parece que vem tão cansada...

Maria teve um sorriso consolado. Estava, com effeito, cansada e pallida.

Houve logo um principio de intimidade entre ella e os velhos que não cessavam de contemplar o seu bello perfil de noviça envolto numa penumbra de melancolia.

Provisoriamente installada no seu bucolico e nemoroso retiro da Aldeiota, longe de tudo que lhe arreliaava o juizo, a um bom kilometro das rabujices de D. Therezinha e do máu halito de João da Matta, outra foi com effeito a vida de Maria do Carmo. O viver simples e socegado de mestre Cosme e da tia Joaquina, o aspecto humido da matta resplandecendo num fundo verde claro e onde os variados matizes da flora agreste punham effeitos surprehendedentes, o bom leite puro e fresco bebido pela madrugada á

porta do curral, e, á tardinha, quasi ao anoitecer, o violão de mestre Cosme gemendo saudades dum paiz remoto e abençoado, a liberdade que se bebia ali na larga convivencia da Natureza, tudo isso robustecia-lhe o corpo e a alma, innoculando-lhe no sangue um conforto viril, resuscitando-lhe o quasi extinto amor á vida, a alegria, a mocidade, e as apagadas reminiscencias do bom tempo em que ella, ainda innocente, em Campo Alegre, ia esperar o p'pai que voltava da *vasante* !

Que mudança na sua vida, que transformações desde 77! Antes nunca tivesse sahido da *Immaculada Conceição* para se-metter numa escola sem disciplina e sem moralidade, sem pogramma e sem mestres, e onde uma rapariga, filha de familia, é expulsa da aula porque outra de máos costumes escreveu obscenidades na pedra !

Mil vezes a *Immaculada Conceição* com os seus claustros, com as suas capellas, com o seu silencio respeitoso, com a sua disciplina austera ; ao menos não teria voltado á casa dos padrinhos, áquella maldita casa de hypocritas, e não teria dado espectaculos com o Sr. Zuza.

Ah! o Zuza... Vinha-lhe um forte desejo de vingar-se do estudante, de calumnial-o, de culpá-lo pela sua desgraça. Áquella hora o que não estariam dizendo d'ella na cidade ?...

Pensava essas cousas no seu pobre quartinho de taipa abrindo para a Natureza, emquanto a tua Joaquina fazia rendas.

Dentro de um mez era notavel a influencia do campo na sua saúde. Creara novas côres, novo sangue, muito sollicita agora nas preocupações domesticas.

— A menina Maria está creando banha! admirava tia Joaquina. Sim senhora!

— O leite, tia Joaquina, o leitinho é que tem me feito bem.

João da Matta aos domingos, invariavelmente, ia vêr a afilhada, affectando grande interesse por seu estado. Dizia-lhe as novidades, os escandalos, dava-lhe lembranças da Lydia Campello, e, ao retirar-se, prevenia :— « Si houver necessidade mandem-me dizer».

— Vá descansado, seu Joãosinho, vá descansado, que hade chegar o dia...

Mas o estado de Maria do Carmo não inspirava cuidados. O utero revigorava, funcionando com a regularidade precisa d'uma excellente machina moderna, por signal Maria, desde que se mudara para a Aldeiota, nunca mais sentira pontadas.

O amanuense exultava, alegre e feliz. A principio receiara um aborto, mas agora tinha a certeza de que triumphavam as qualidades procreatoras da rapariga.

— É, pensavava elle, roendo o canto das unhas. Um bom utero é tudo na mulher: equivale a um bom cerebro!

E esquecia-se a philosophar na vida intra-uterina, admirando-se muito de que uma simples gotta de esperma podesse gerar um homem!

## XIV

A ausencia de Maria do Carmo não passou despercebida ás rodas de calçada e aos frequentadores do *Café Java*, cujo thema quotidiano — a politica — não lhe satisfazia o prurido de entrar pela vida alheia a esmiuçar escandalos como quem procura agulha em palheiro.

Nas portas de botica, nos *cafés*, nas repartições publicas, no mercado, em toda parte commentava-se o desaparecimento da normalista, em tom mysterioso e com risadinhas sublinhadas a principio, depois abertamente, sem rebuços, com um ponta de perfidia trahindo a sizudez convencional da burguezia aristocrata.

Que tinha ido *tomar ares* a Maracanhú, affirmavam uns accentuando a ironia ; outros — que andava adoentada de uma pneumonia «proveniente de desarranjos na madre» ; outros — que estava prohibida de sahir á rua e de chegar á janella por desconfianças do amanuense. Alguns, porem, como o José Pereira, communicavam secretamente, pedindo toda a cautela, que a rapariga tinha sido raptada por um paraense

e que se achava depositada no Cocó, em casa de uma tal Joaquina Xemxem, por signal o Manoel Pombinha, typographo, « os vira passar uma noite embuçados numa capa preta », caminho do Outeiro.

Na Escola Normal rebentavam suspeitas á flôr das discussões que preenchião o intervallo das aulas.

Quem, a Maria do Carmo ? Aquella mesma não era mais *moça*, não, meu bem... Ella sempre fôra muito mettida á aristociata, por isto mesmo cahira nas mãos de um Zuza. Era bem feito ! Uma grandissima orgulhosa com carinha de santa. Ahi estava a santidade ..

Vinham á baila casos analagos de filhas-familias que tinham ido para fóra da cidade *tomar ares* e, no fim de contas, iam mas era « desembuchar » onde ninguem podesse vêr...

— Então, já appareceu a rapariga ? perguntava-se com interesse.

O Guedes ardia em desejos de saber a verdade nua e crúa. Diabo de tantas historias e ninguem descobria a incognita do problema !

Aproveitou uma occasião em que João da Matta, jogava a bisca no Zé Gato. O amanuense estava já um pouco atordoado pela cachaça.

— É agora ! pensou o redactor da MATRACA, e formalisou-se, carregando o chapéo para a nuca.

— Então é verdade o que se diz por ahi, ó João ?

— Sobre os amores secretos do fallecido presidente ?

— Não, homem, não é essa a ordem do dia. Isso passou. A questão é outra.

— Desembucha !

— Pergunto si é verdade o que corre sobre...

— ...Sobre a Maria do Carmo? Uma calúnia, seu Guedes, uma calúnia ! Vossê bem conhece este povo.

— Eu já tinha dito isso mesmo a alguns amigos : que a D. Mariquinha era incapaz de semelhante procedimento.

— Idem, idem, atalhou o Pernetá embaralhando as cartas. Essa é a minha opinião.

— E que fosse verdade, continuou João da Matta partindo o baralho, e que fosse verdade, não era da conta de ninguém !

— Que duvida ! confirmou o Guedes.

— Mando copas, rosnou o amanuense.

E o jogo continuou sem que o Guedes soubesse a verdade.

Mas, ao retirarem-se, cerca de meia noite, interpellou novamente o amanuense na esquina, á luz de um lampeão. João da Matta cambaleava, equilibrando-se, a praguejar contra o calçamento das ruas e contra a Camara Municipal. A rua do Trilho perdia-se na escuridão, silenciosa como um subterraneo.

O Guedes tinha tomado pouco nessa noite e fumava o seu cigarro com um grande ar de superioridade, pisando forte, o gesto largo e o paletó aberto num abandono frouxo de bohemio.

— Cuidado não vás cahir, avisava com as mãos nos hombros do outro.

— Qual cahir nada, homem ! Pensas tu que estou bebado, hein ? Estás muito enganado ! O diabo dos oculos escuros é que não me deixam vêr bem...

— Por aqui, por aqui, guiava o Guedes, cauteloso. Espera, vás fumar um cigarrinho fino...

Pararam. Um policia passou do outro lado da rua, somnolento e lugubre.

Então o redactor da MATRACA abraçando o amigo pelo pescoço, depois de lhe ter dado o lume :

— Tu não me quizeste ser franco ainda agora na presença do Pernetá, mas nós somos amigos... tu sabes... Aonde diabo metteste tu a rapariga ?

João cuspinhou para o lado.

— Hein ?

— A Maria do Carmo, onde anda ella ?

— Ah ! seu marréco, vossê quer saber onde está a rapariga, hein ? Pois não lhe digo, não...

— Fala serio, homem. Dizem que está no Cocó, que teve um filho ?... Juro-te como esta bocca não se abrirá... Sentemo-nos aqui um pouquinho, que ainda não deu meia noite.

Sentaram-se a beira da calçada, debaixo do gaz, e o amanuense, encostando-se á columna do lampeão, o chapéo, o inseparavel chile enterrado na cabeça, foi dizendo á meia voz :

— A cousa não é como se diz, seu Guedes, a verdade é esta, que eu lhe confio, porque sei que você é meu amigo : a menina está no Cocó, mas ainda não teve a creança...

— Ah !...



— Sim, quero dizer, você bem sabe o que eu quero dizer...

O Guedes era todo ouvidos.

Luziam-lhe os bugalhos no fundo das orbitas, parados, immoveis, cahindo sobre o amanuense com a fixidez de claraboias de vidro. Sentia um prazer especial, uma commoçõesinha exquisita, um extraordinario bem-estar ao ouvir a historia, a verdadeira historia do escandalo, narrada por João da Matta, pela propria bocca do padrinho da rapariga, gente de casa, testemunha occular.

Encolhia-se todo de goso, ante aquellas maravilhosas palavras do amanuense.

— E o pae?

— Que pae? O pae morreu no Pará..

— Não, homem, o pae da creança...

— Sim... o pae da creança, o Zuza? Pois não foi-se embora para o Recife? Aquillo é um infame, um biltre... Eu cá previa tudo quando prohibi formalmente que a pequena lhe mostrasse o nariz, logo a principio, mas, que querem? encontravam-se na Escola Normal, no Passeio Publico, e, afinal, foi o que resultou...

Soaram doze badaladas graves e dormentes na Sé. João contou uma a uma.

— Meia noita, seu compadre, vou-me embora, adeus. Perdi hoje tanto como dez *pintos*.

E separaram-se friamente, como dois desconhecidos.

Perto de casa o amanuense esbarrou com um

vulto que se movia no escuro — era um burro, o pobre animal babujava a rama da coxia, solitario e mudo.

Uma vez senhor do *segredo*, o Guedes não se conteve, disse-o ao ouvido do Pernetta e com pouco ninguém ignorava na cidade « que a normalista do Trilho fôra desembuchar, ao Cocó, um filho do Zuza.»

— Do Zuza !? exclamou o José Pereira ao saber a novidade na redacção da *Provincia*, pela manhã.

— Sim, do Zuza, confirmou o Castrinho pousando a penna atraz da orelha. É o que diz o publico. *Vox populi...*

— E esta !

José Pereira arrepanhou as abas da sobrecasaca, e, passeando o olhar sobre a banca de trabalho onde destacavam dois grandes dictionarios de Aulete, sentou se vagarosamente, voltado para o poeta.

— Admira-se você, tornou este. Oh ! homem, pois um factó que toda a gente previa !...

O outro recommendou que falasse mais baixo por causa dos typographos...

E o Castrinho, á meia voz, estrangulado por uns collarinhos extraordinariamente altos :

— Qual ! O factó está no dominio publico, não ha por ahi quem não o saiba. Dizem que o velho Souza Nunes só falta perder a cabeça.

Em todo caso sempre era prudente guardar certo sigillo, negar mesmo, si possivel fosse, uma vez que se tratava da reputação do Zuza...

Meninos de bolsa a tiracollo questionavam com o agente da folha, do outro lado do tabique que dividia a sala da redacção e onde se viam empilhamentos de jornaes sobre uma velha meza gasta.

D'ahi a pouco entrou o Elesbão, outro redactor, um sugeito lugubre, muito pallido, faces encovadas, olhar triste, tossindo devagar. Foi perguntando, numa voz sumida e lenta, de que se tratava.

O Castrinho disse, impertigando-se na cadeira, que se tratava « dos brios da sociedade cearense. » O outro arregalou os olhos com ar de espanto. — Como assim? E explicou: Tinha estado fóra, na Guayuba, a leites, não sabia as novidades.

— Um facto muito natural, disse José Pereira, nada mais que a reproducção de factos velhos... Não valia a pena tocar na ferida...

Mas o Elesbão estranhou que « os collegas » tivessem segredos para elle. E, depois de saber « o mysterio »:

— Magnifico assumpto para folhetim realista, hein?

Escrevia folhetins realistas para o rodapé da *Provincia* e trabalhava num livro de folego, os *Mysterios de Arronches*, com que, dizia, pretendia fundar uma escola « mais concentanea com o estado actual da sciencia ».

A sua opinião sobre o novo escandalo que preoccupava agora a população cearense era que « nós ainda não tinhamos comprehendido o importante papel da mulher na civilisação. »

— A educação feminina, accrescentou com can-

saços na voz, a educação feminina é um mytho ainda não comprehendido pelos coryfeos da moderna pedagogia. Queríamos introduzir no Ceará os dissolventes costumes parizienses, á *forciori*, mas não eram essas as tendencias do nosso povo essencialmente catholico e essencialmente credulo. Não admittia a theocracia tal como a aceitavam os padres — « essa corja de especuladores » — mas era preciso respeitar as crenças populares, o verdadeiro sentimento religioso, sem hypocrisia, sem preconceitos.

De quando em quando a tosse o interrompia, uma tossesinha secca e pigarreada; levava a mão ao peito e expectorava. — « Diabo de catharro não o deixava em paz ! »

E, continuando :

— O que é a Escola Normal, não me dirão ? Uma escola sem mestres, um estabelecimento anachronico, onde as moças vão tagarellar, vão passar o tempo a ler romances e a mal dizer o proximo, como vocês sabem melhor que eu...

José Pereira contestou, lembrando o Berredo, « uma illustração invejavel, » o padre Lima, « um excellente educador em cujas aulas as raparigas apprendiam ao mesmo tempo a sciencia e a religião ».

— Mas não têm methodo, não fazem caso d'aquillo, vão ali por honra da firma, por amor aos cóbres, rebateu o Elesbão forcejando por falar alto.

Aquillo é uma synecura, não temos educadores é o que é.

— Você d'este modo offende o actual director

da Escota Normal, tido e havido como um pedagogo de *primo cartello*! advertiu o Castrinho, que se conservara calado.

— Não offendo a ninguém, ao contrario, folgo em reconhecer nelle um homem estudioso e bem intencionado, mas isto não basta, meu caro...

Novo accesso de tosse d'esta vez mais prolongado.

— ... É preciso orientação e muito bom senso, isto é, justamente o que falta aos nossos corpos docentes...

— Tudo isso é inutil, Elesbão, tudo isso é completamente inutil quando uma mulher tende fatalmente para um homem. Foi o que se deu com a Maria do Carmo...

— É verdade, gabou o Castrinho roendo as unhas desesperadamente. Dizem que é intelligente e bem educada.

— E alem d'isto, accrescentou José Pereira, uma rapariga até morigerada...

— Não creio, duvidou o Elesbão batendo com o pé, curvado, já com uma pôça de cuspo ao lado da cadeira, no chão. O amor tem suas exigencias, incontestavelmente, mas, quando a mulher é bem educada e tem noções exactas da vida, difficilmente se entregará a qualquer mariola que se lhe chegue.

E sentenciosamente :

— Todo phenomeno é consequencia de uma causa. Não ha effeito sem causa. No caso vertente a causa é a falta de educação, a falta absoluta de quem saiba

dirigir a mocidade feminina. A nossa educação domestica é detestavel, os nossos costumes são de um povo analphabeto.

Um typographo approximou-se e pediu licença ao Sr. José Pereira para perguntar uma palavra.

— O que é?

O rapaz mostrou o original:—« Esta aqui », disse apontando com o dedo sujo de tinta.

— *Crapula*, disse o José Pereira.

O typographo foi repetindo—*crapula, crapula...*

— Que é isso? inquerio Elesbão curioso.

Era um artigo contra o *Pedro II*, uma formidavel descompostura a um dos redactores da folha opposicionista.

Entraram a falar do novo presidente da provincia.

A noticia do escandalo chegou até ao Bemfica, á casa do Loureiro. A Lydia ficou estupefacta.

— A Maria, hein?! Tão calada, tão sonsa...

E repetia:

— Este mundo, este mundo!...

Ao mesmo tempo apoderava se della um pezar sincero pela amiga. Tão moça ainda, coitada, tão boasinha...

— São cousas, são cousas, rosnava o Loureiro. Eu nunca me enganei com aquella gente. Uma sucia de doidos, a começar pelo tal Sr. João da Matta, um typo que anda cahindo nas ruas, bebedo como uma cabra.

— Que é isso, Loureiro! ralhava a Campellino empinada, carregando os seus oito mezes de prenhez.

Pensou em escrever á Maria lamentando o deploravel acontecimento, mas não sabia ao certo onde ella parava. Ouvia falar no Outeiro, na Aldeiota, no Cocó... Si fosse possivel, até iria, ella mesmo, dar um abraço na sua amiga de escola, consolal-a. Imaginava-a muito triste, cortada de desgostos, num abandono pungente, em casa d'alguma mulher atôa, sem ter quem lhe aparasse as lagrimas...

Pobre Maria! É assim—uns tão felizes e tão máos, outros ao contrario, bons e infelizes...

E Lydia soltava uns suspiros vagos, traspassados de pena ao lembrar-se da sua velha companheira agora atirada ao desprezo como um ente nullo e prejudicial á sociedade!

— Este mundo, este mundo!...

Entretanto, corria-lhe a vida deliciosamente, não lhe faltava cousissima alguma, o Loureiro a estimava cada vez, comia e vestia do melhor, tinha relações com as principaes familias da capital, ia ao theatro e frequentava o *Club Iracema*; gosava!

Si pudesse repartir a sua felicidade com a Maria, coitadinha...

Ultimamente andava muito preocupada com o enxoval do seu primeiro filho. Até já havia escolhido um nome para elle, para o pequeno — chamar-se-ia Julieta ou Romeo. O Loureiro tinha-lhe dito que Romeo era nome de gato, mas ella teimava em baptisar o filho com esse nome, si fosse « menino ».

Os padrinhos tambem já estavam designados—o commendador Carreira e a esposa.

Por sua vez a mulher do juiz municipal correu logo a casa de João da Matta numa ancia de saber como as cousas tinham se passado. Era da escola de S. Thomé—ver para crer. Vestio-se ás pressas, atabalhoadamente, e voou para o Trilho de Ferro, como uma setta, atirando-se nos braços de D. Therezinha, esfalfada, sem folego, o rosto quente do mormaço.

A mulher do amanuense saudou-a com o seu invariavel—salvou-se uma alma! proferido entre beijos.

Sem esperar oportunidade, D. Amelia foi direito ao movel da sua inesperada visita.— «Então era mesmo certo o que se dizia na rua?»

— De que ?

— Da Maria...

— Si era? Tão certo como dois com dois são quatro. Jurava sobre os Santos Evangelhos.

O demonio metter-se-lhe em casa com a rapariga, e por tal modo que, de certo tempo áquella parte, nem fazia gosto a gente viver.

A Amelia não fazia idéa —uma vergonha! creatura, uma vergonha! Ella, Therezinha, estava cansada de soffrer desapontamentos, nem siquer sahía á rua para não ser olhada com máos olhos. Haviam de pensar que ella era outra...

— E onde está a Maria?

— Sei lá, menina, sei lá...No Cocó, na Aldeiota,



no inferno. Tomara que aquella peste não me entre mais em casa.

— E tu não viste logo si ella estava grávida?

— Vi lá o quê! Andava aqui toda espremida, com um arsinho de mosca morta, mettida no quarto que nem uma freira. Uma sonsa, Amelia, uma sonsa é o que ella é.

— O tal do Sr. Zuza, hein?!

— Qual Zuza, mulher, ellas é que são as culpadas, porque não se dão a respeito, não têm vergonha.

— E o que diz a isso o Sr. Joãozinho? Furioso, hein?

— É o que tu pensas, indifferente como si não fosse com gente delle...

E o dialogo continuou animado, sem que D. Therezinha revelasse á amiga as suas suspeitas acerca de João da Matta e Maria do Carmo.

D. Amelia falou sobre o José Pereira, queixando-se de que elle ha muitos dias não apparecia em sua casa, « todo embebido com a outra, com a Lydia ». O redactor da *Provincia* não tirava os pés do Bemfica, e, ás vezes, voltava depois das nove, no ultimo bond.

A Teté não achava feio isso, um homem ir diariamente, ás mesmas horas, á casa duma senhora casada? Era feiissimo! Já andavam até dizendo cousas.. E então o José Pereira que não era tólo e tinha fama...

— Queira Deus que a tal Sra. D. Lydia não vá

se arrepender... É verdade, a mãe, a viuva Campello, como vai?

— Naquillo mesmo, respondeu D. Therezinha com um sorriso de malicia, piscando um olho.

Riram baixinho e a conversa recahio sobre D. Amanda áquella hora entregue ao seu delicioso *farniente* de mulher solteira que dispõe do tempo a seu bel-prazer e da algibeira de um capitalista generoso.

Toda a cidade vivia agora do escandalo, dando-lhe vulto, creando novellas de romance, esmiuçando pequeninos accidentes domesticos, com um olho na politica e outro na normalista, a espera de chuvas e de novos acontecimentos sensasionaes.

João da Matta não se inquietava muito, de resto, e continuava a sua vida inalteravel de empregado subalterno, sem prestar ouvidos á maledicencia, encantonado no seu absoluto desprezo á sociedade e á opinião publica, cada vez mais submisso á mulher que o cobria de injurias e labéos.

— Seductor de filhas alheias! dizia-lhe ella na cara, ameaçadoramente. Peste! Cousa ruim! Sem vergonha!

E elle punha-se a cantarolar, com os ouvidos arrolhados, o olhar no tecto, estendido na rêde, mudo, impotente como um eunucho.

Uma noite, pela madrugada, despertou com o desejo vehemente de ir ter com D. Therezinha, na alcova. Ha mezes não se chegava á mulher alguma, cheio de aborrecimento pelo outro sexo, frio, molle,

inaccessível quasi ás caricias da femea. Agora, porem, renascia-lhe a virilidade, sentia uma forte vontade, indomável e impetuosa, de amar physicamente, de crucificar-se nos braços de uma mulher que não fosse de todo mundo e confundir o seu sangue com o della num demorado e indiscriptível espasmo. Tremiam-lhe as carnes como ao contacto de um conductor electrico, uma formidável erecção a destender-lhe os nervos, escabujando na rêde em espreguiçamentos lubricos, vergando, como um vencido, ao poder irresistível da animalidade humana. O sangue pulava-lhe nas arterias numa hyperkinesia que lhe atordoava os sentidos, que lhe tirava a respiração, impellindo-o para a mulher.

Pensou na Marianna, que dormia ali perto, mas a Marianna era uma criada que não se lavava, um estafermo sem sexo, incapaz de satisfazer os appetites de um homem. Não havia geito senão tentar a Teté. E lá se foi, subtilmente, pé ante pé, corredor a fóra, direito á alcova da infeliz senhora.

A alcova tinha uma porta para o corredor. João olhou pelo buraco da fechadura, mas não poudé ver senão o espelho do velho toucador, defronte, inclinado para a frente, reflectindo um vaso nocturno, e roupas espalhadas no chão.

Bateu de leve, e, receioso da creada, deu volta pela sala da frente, tacteando no escuro, sem ruido. A outra porta da alcova conservava-se entreaberta: empurrou de leve enfiando a cabeça para dentro.

— Teté! chamou numa voz quasi imperceptível.

Silencio profundo. Os cortinados da cama estavam cerrados. João foi entrando devagar, equilibrando-se no bico dos pés.

— Teté! repetio á meia voz.

Ninguem respondeu. Adiantou-se e escancarou as cortinas, mas—oh!...—o leito matrimonial, largo e fresco, branquejava desolado, sem sombra de mulher.

João ficou boquiaberto, muito admirado. «—Que significava aquillo? » Os lençóes revoltos accusavam o desespero de uma pessoa que não teve tempo a perder. Ante a clarevidencia assombrosa da realidade, o amanuense rodou sobre os calcanhares, e, resignado como um boi, sem proferir palavra, murcho, sentio desaparecer-lhe subitamente o forte desejo que ainda ha pouco o espicaçava como uma ortiga. Retirou-se macambusio a pensar nos caprichos da sorte.

---

## XV

Quando mestre Cosme, uma manhã, foi avisar a João da Matta, que « a menina estava com as dôres », o amanuense dormia ainda sob os lençóis e nem sequer sonhava na afluada.

Ergueu-se da rede, com um pulo, enfiou as calças, lavou-se num instante, e abalou mais o velho para a Aldeota, sem dizer palavra a D. Therezinha.

— « Já tinham arranjado parteira? » inquerio acelerando o passo.

— Já, nhôr sim, a comadre Joanna Pataca, uma do Outeiro.

— Bôa?

Mestre Cosme não affirmava porque não a conhecia bem, mas era limpa e não tinha má cara. Diz que era a melhor parteira do Outeiro. Agora, si seu Joãozinho não quizesse... A mulher já estava cuidando da menina...

— Quando appareceram as dôres? — Si Maria gemia muito...

O velho informou tudo minuciosamente, sem

ocultar um só detalhe, juntando ás palavras os seus gestos rudes de homem do campo.

A rapariga ha dois dias queixava-se d'umas dôres nas « ancas e no pé da barriga », acompanhadas de fraqueza nas pernas e grande falta de ar... Si gemia? Muito, coitada, mettia até pena. Podéra! novinha ainda... A parteira dissera logo que a creança estava no *nascidouro*. Aquella noite as dôres tinham peiorado, ninguem dormira, velando a pobre moça. Eram chás e fricções, e — corre d'aqui e chega depressa — todos com cuidado, rezando á N. S. do Bom Parto.

Logo da porteira do sitio João escutou os gemidos de Maria do Carmo, tremulos, sentidos, longos... e aquillo apertou-lhe o coração.

No pequeno quarto de taipa, com uma janellinha para o descampado, achava-se tia Joaquina, á cabeceira da normalista, alisando-lhe os cabellos com carinho, e uma outra mulher gorda, pançuda, sem casaco, muito trigueira, com marcas de bexiga no rosto, meio idosa.

— Dão licença? murmurou João da Matta descobrindo-se com respeito.

A mulher gorda tomou o casaco, ás pressas, e Maria volveu os olhos humidos e profundamente melancolicos para o padrinho, gemendo.

Mestre Cosme trouxe um tamborete.

Sentia-se um cheiro activo de alfazema queimada: encostado á parede fumegava o brazeiro.

— Então, como vai? perguntou João tomando a mão da afilhada. Muitas dôres, hein?

— Assim..., respondeu a rapariga mordendo o beijo com um gesto doloroso, revirando-se na rede, e continuou a gemer alto.

— A senhora é que é a parteira? tornou João para a mulher gorda que se conservava immovel com o queixo na mão.

— Sua creada Joanna Pataca.

— Já verificou si a creança está perfeita, si não ha novidade?

— Ora, ora, ora... ha que tempo! D'aqui a pouquinho o menino está fóra, si Deus quizer.

O amanuense encarou por cima dos oculos, com ar de desconfiança, o todo obeso da mulher. E, sentando-se:

— A senhora tem licença para *assistir*?

Não era preciso licença, não senhor. No Ceará quaquer mulher podia ser parteira comtanto que merecesse confiança. Ella, Joanna Pataca, era muito conhecida no Outeiro, por signal tinha partejado uma vez a mulher do commandante do batalhão...

— Vocemecê duvida?

— Não, não... é que eu queria saber... Então não é preciso licença?

— Inhôr não. É qualquer uma.

— Está bom, está bom... Mas não se descuide.. Olhe não vá esquecer...

A parteira pousou no chão o cachimbo, que estivera fumando, e foi aquecer uns pannos.

Deu meio dia e a rapariga não teve a cre-

ança. As dôres tinham melhorado um pouco. Tia Joaquina batia os beiços resando. « — Tenha paciencia, minha filha, tenha fé no Senhor do Bomfim », dizia ella muito solícita.

João da Matta passou todo esse dia na Aldeiota, aguardando o successo, bebendo aguardente e accendendo cigarros, esquecido da Repartição.

Mestre Cosme armara-lhe uma rede no alpendre e fôra-se a debastar a matta, escanchado na *Coruja*.

Fazia um bello dia de sol, calmo e luminoso. O arvoredado immovel dormitava na esplendida pulverisação da luz que o narcotisava para beber-lhe a seiva. O passaredo aninhava-se na verde espessura dos cajueiros em flôr, conturbernal e gárrulo; rôlas bravas debicavam nas clareiras os minusculos diamantes que o sol punha na areia. E no silencio e na heatitude d'aquella especie de eremiterio, João pode dormir um somno bom de duas horas, emballado pelos gemidos da afillhada como por um vago e monotono estribilho trespassado de melancolia.

Às sete horas da noite, ao accender-se a primeira vela, Maria teve um sobresalto e ergueu-se brusca-camente com uma fortissima dôr no baixo ventre, muito branca, o olhar desvairado e os cabellos em desordem.

— Que é isso, comadre! reprehendeu a parteira agarrando-a.

— Minha filha! fez tia Joaquina.

E em pé, entre as duas mulheres, com a cabeça arqueada para traz, contorcendo-se numa afflicção



suprema, a rapariga soltava gemidos estrangulados, cortada de dôres, agarrando-se como uma louca ao pescoço das velhas, no bico dos pés, em camisa.

Houve uma confusão extrema.

— Sente-se, comadre, sente-se, por amor de Deus! supplicava a parteira, agarrando-a com geito,

— Sente-se, minha filha, repetia a outra.

João da Matta accudio gelado.

— Calma! calma! bradou estacando á porta do quarto.

Mas era tarde. Ouvio-se uma pancada surda no chão, como a queda de um bolão de barro humido, e, immediatamente, rios de sangue jorraram aos pés da parteira, e no linho branco da camisa de Maria do Carmo desenhou-se larga faixa rubra, d'alto a baixo, como uma bandeira de guerra desdobrada.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! rosnou Joanna Pataca estremecendo.

E Maria tombou como um fardo, sem sentidos, na rêde fria.

Passou-se a noite ás voltas. O amanuense resolveu não chamar medico — que era uma asneira, o perigo tinha passado. A parturiente adormecera profundamente, depois de lhe terem ministrado um hydromel de aguardente.

Sobre uma grande caixa de pinho, a um canto do quarto, envolvido em pannos, o recém-nascido — uma creança nutrida e robusta — dormia o somno eterno, rôxo, d'olhos fechados, as gordas mãosinhas

cruzadas sobre o peito, com um fio de sangue a escorrer-lhe do nariz.

João não pregara olhos, pensativo, com a calva entre as mãos, ao lado da afilhada.—Era o diabo, era o biabo! Até lhe doía a cabeça! Grandíssima besta, a parteira, que nem ao menos soubera apanhar a creança! Estúpida! deixar morrer uma creança tão bem feita e nutrida! Isso só acontecia a elle, João da Matta.

De meia em meia hora accendia um cigarro automaticamente e punha-se p'r'ali a ruminar silenciosamente, á luz d'uma triste vela de carnaúba, que pingava a sua cêra denegrada no gargalo d'uma velha botija de genebra, esbatendo ao fundo do quarto o perfil do recém-nascido.

Diabo! pensava o amanuense quebrando a cinza do cigarro. Um caiporismo! Tantos cuidados, tanta afflicção, e, afinal de contas, lá ia tudo aguas abaixo. Por um lado era uma felicidade o pequeno ter morrido, porque isso de filho natural sempre dava que falar ás más linguas e até podia se descobrir a verdade.

Consolava se com esta idéa.

Perto, numa palhoça visinha, havia um samba que durava desde o anoitecer. No silencio da noite echoava um alarido medonho, vozes aguardentadas, sapateados que estremeciam o chão, cantos, desafios ao som d'uma viola cansada.

Maria resomnava docemente, com o rosto voltado para a parede, o tronco repousando sobre chumaços

de panno onde brilhavam manchas de sangue. Cerca de onze horas moveu-se devagar, abrindo os olhos e soerguendo-se, como quem accorda de um pesadelo; mas faltaram-lhe as forças e repousou novamente.

— «Queria alguma cousa?» perguntou João.

— Onde está meu filho?

— Não te lembres d'isto agora, vê se descansas...

— Mas onde pozeram elle? Está vivo?

— Qual vivo, filha! Pois querias tu que escapasse?

E em tom lamentoso:

— Coitado, ao menos está no céo, livre das misérias d'este mundo...

Maria não se conteve: repuxou o lençol, e, com os olhos cheios d'agua, murmurou numa voz entrecortada pelos soluços:

— Pobresinho!... Porque não me disseram logo?..

— Já te pões a chorar!

Maria do Carmo soluçava com desespero, sentindo crescer dentro em si, no intimo do seu coração, avassalando-a, abalando todo o seu sêr, toda a sua delicada alma de mulher, como um sopro violento e devastador, esse inestimavel desgosto que as mães sentem ao vêr o filho morto. Ella, que desejava tanto creal-o, amamental-o com o seu leite, que era o seu proprio sangue, a sua propria vida, amal-o, adoral-o, com toda a força do seu coração!... Era um filho natural, mas era seu filho, nascido em suas entranhas, carne de sua carne, sangue de seu sangue, havia de amal-o muito...

— Quero vel-o, deixem-me vel-o! pediu afflicta.

— Que tolice! fez João agasalhando-a melhor. Não pense nisto agora, creatura, os medicos recomendam toda a calma. A creança está morta, que se hade fazer?...

Continuavam os soluços, um choro estugado, interrompido por uma tossesinha convulsa.

— Mão, mão! tornou João.

E, immediatamente, foi buscar o cadaver do filho, depondo o carinhosamente sobre os joelhos.

Tia Joaquina appareceu, envolvida numa larga coberta de chita feita de retalhos. « — O que era?... »

— Nada, tia Joaquina. Ella que desejou ver o filho, explicou João. Uma imprudencia. Até pode lhe fazer mal...

— Vejam a véla, por favor, pedio Maria. Quero vêr meu filho...

E ao mirar o rosto livido da creança, os bracinhos rechonchudos, o filete de sangue escorrendo do nariz como um veio de rubim, a rapariga sentio um calefrio e um grande vacuo no peito, como si lhe tivessem arrancado um pedaço do corpo. E entrou a soluçar outra vez de um modo tão penoso e commovente que João da Matta não pode recalcar duas lagrimas, as primeiras de sua vida, que rolaram vagarosas nas suas faces magras, como duas lymphas cristalinas na aspereza tosca d'uma rocha.

No dia seguinte, antes do sol nascer, mestre Cosme foi ao fundo do sitio cavar uma sepultura para o pequenino cadaver. João acompanhou-o taci-

turno. Pararam ao pé de um grande cajueiro, que ficava defronte da casa, e, com pouco, o amanuense vio sumir-se debaixo da terra humida o corpo do seu primeiro filho.

Mestre Cosme soccou bem a areia, nivelou o terreno com os pés, e suspirou com força, como depois d'um trabalho penoso.

João assistio em pé, sem dar palavra, mãos p'ra traz, olhos cravados na terra.

— Prompto! fez o velho pousando a enxada no hombro.

— Bem, murmurou João. E seguiram por entre as ateiras, calados e graves.

Seriam seis horas da manhã. No alto de um coqueiro que farfalhava á beira do cercado, cantava uma graúna, e as notas limpidas do seu canto vibravam demoradamente na transparencia do ar, sobre a verde monotonia do campo, como um toque de alvorada!

Tinha-se calado o samba havia pouco.

Mezes depois, quando Maria do Carmo apresentou-se na Escola Normal para concluir o curso interrompido, estava nedia e desenvolta, muito corada, com uma estranha chamma de felicidade no olhar. A sua presença foi como uma ressurreição. — A Maria do Carmo, hein?! Nem parecia a mesma! — Houve um alarido entre as normalistas: abraços, beijos, cochixos... Até o edificio tinha se pintado de novo como para recebê-la!

O programma era outro, mais extenso, mais amplo, dividido methodicamente em *educação physica*, *educação intellectual*, *educação nacional ou civica*, *educação religiosa*.., pelos moldes de H. Spencer e Pestalozzi; o horario das aulas tinha sido alterado, havia uma escola annexa de applicação, estava tudo mudado!

A esse tempo um grande acontecimento preocupava toda a cidade. Liam-se na secção telegraphica da *Provincia* as primeiras noticias sobre a proclamação da republica brasileira. Dizia-se que o barão de Lardario tinha sido morto á pistola por um official de linha, na Praça da Acclamação, e que o imperador não dera uma palavra ao saber dos acontecimentos, em Petropolis.

O Ceará estremecia a esses boatos. Grupos de militares cruzavam as ruas, ouviam-se toques de corneta no batalhão e na Escola Militar. Tratava-se de depôr o presidente da provincia, um coronel do exercito. Os canhões La Hitte, da fortaleza de N. S. d'Assumpção, dormiam infileirados na praça dos Martyres, defronte do Passeio Publico, guardados por alumnos de patrona e golla azul.

Ninguem se lembrava de escandalos domesticos nem de pequeninos factos particulares.

Um homem revoltava-se, indignado com o novo estado de cousas — era João da Matta.

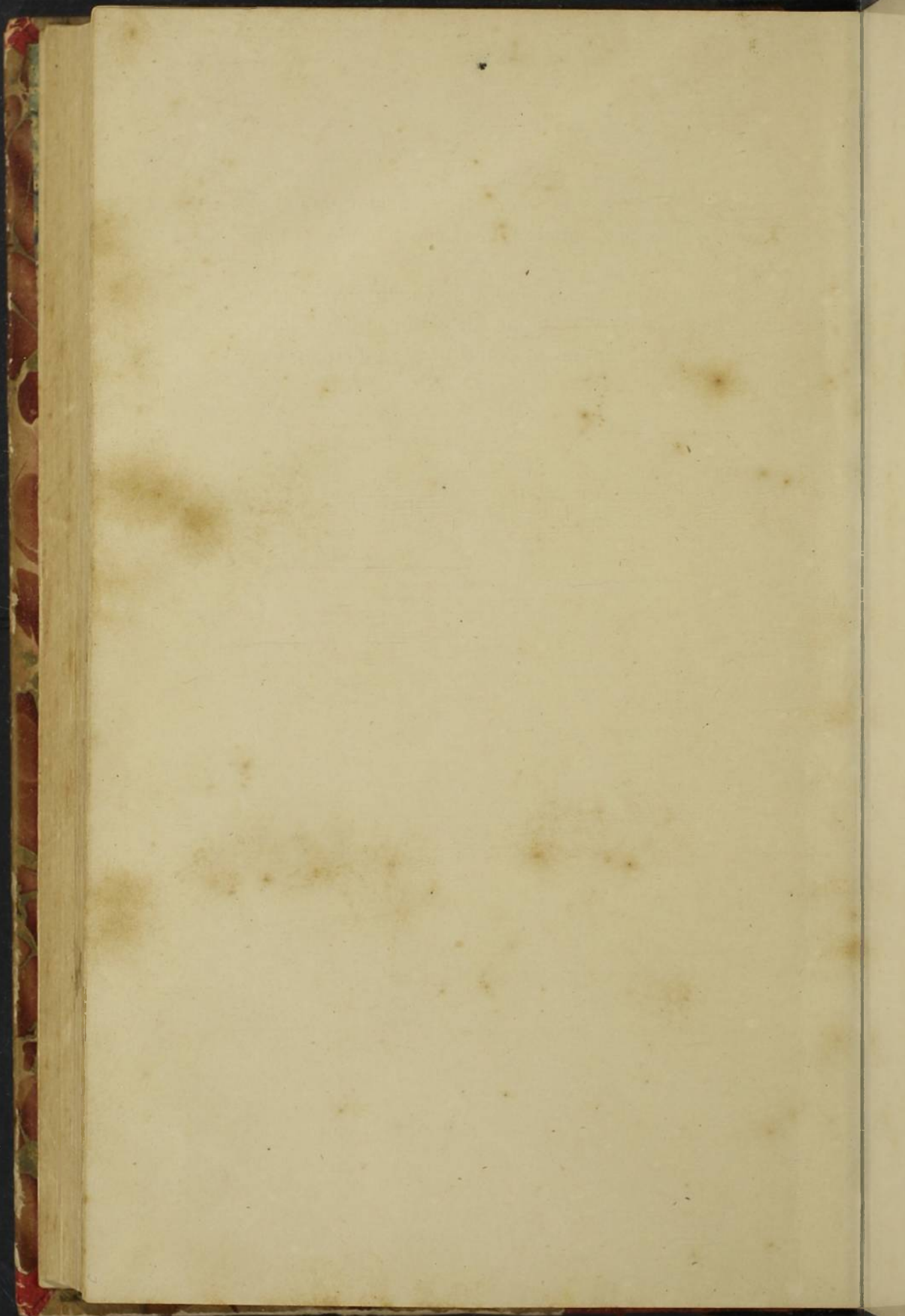
— É bôa! bradava elle na bodéga do Zé Gato, esmurrando a meza. Isto é um paiz sem dignidade, uma nação de selvagens! Expulsar do throno um

---

monarcha da força de Pedro II, mandal-o para o estrangeiro doente e quasi louco, é o cumulo da ignorancia e da selvageria!

E Maria do Carmo, agora noiva do alferes Coutinho da policia, via diante de si um futuro largo, immensamente luminoso, como um grande mar tranquillo e dormente.

---







25355

